



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

CARLOS ENOC CORRALES CORRALES

A dimensão comunitária da fé cristã
Uma reflexão com Joseph Ratzinger

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Domingos de Paiva Valente da Silva Terra

Lisboa
2022

ÍNDICE

ÍNDICE.....	2
RESUMO/ABSTRACT	4
INTRODUÇÃO.....	5
I. O PROBLEMA DA FÉ NO MUNDO DE HOJE.....	9
1. A verdade: uma preocupação para Joseph Ratzinger	10
1.1. Uma razão amputada.....	11
1.2. Verdade e Liberdade	14
1.3. Uma razão ampliada.....	17
2. A ditadura do relativismo: um novo repto à fé	20
3. O individualismo e a religião.....	29
4. O perigo do desvio subjetivista da fé.....	36
5. Ligação da fé individual ao âmbito eclesial.....	38
II. ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS DE UMA ATITUDE CRISTÃ DE FÉ.....	43
1. Fé como ato pessoal e interpessoal	44
1.1. Dimensão dialógica da fé	47
1.2. Fé como encontro	50
1.3. Atitude de confiança e de abandono no ato de fé.....	52
2. A fé como ato de se firmar e de entender	55
2.1. A fé como conhecimento.....	58
2.2. Crer é razoável	61
3. Fé e Existência	64
3.1. O testemunho de fé de Abraão	66
3.2. O caminho da fé	69
4. A fé, processo de crescimento e maturidade.....	72
4.1. O Caminho da Conversão	75

4.2. Carácter Eclesial da Conversão.....	80
III. DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA FÉ CRISTÃ.....	85
1. A Forma eclesial da fé	86
1.1. A Igreja, mãe da nossa fé	88
1.2. A fé da Igreja é anterior à fé do indivíduo	89
1.3. A fé cristã vive-se na Igreja.....	91
2. Dimensão eclesial do Batismo.	93
2.1. A confissão trinitária em forma de diálogo.....	97
2.2. Batismo, Fé e Pertença à Igreja.	99
3. O Símbolo como expressão da estrutura da fé.....	101
3.1. A fé vem da Pregação.....	107
3.2. A fé como herança que se recebe	110
4. A transmissão da fé	113
4.1. O testemunho cristão, sinal eclesial de credibilidade	115
4.2. Os sacramentos e a transmissão da fé.....	118
5. A celebração litúrgica da fé.....	119
6. A comunidade cristã, sinal de comunhão	125
CONCLUSÃO.....	129
BIBLIOGRAFIA	135

RESUMO/ABSTRACT

Resumo: Nos nossos dias assistimos a uma forte reivindicação da subjetividade da pessoa, que tende a fechá-la no individualismo, tornando-a incapaz de criar verdadeiras relações humanas. Este individualismo obscurece a dimensão relacional do ser humano e leva-o a encerrar-se no seu próprio mundo. Ao contrário das sociedades tradicionais, nas quais o indivíduo tinha como referência a dimensão essencialmente comunitária, hoje observamos um processo de desestruturação e de reestruturação das relações sociais. De facto, o relativismo, que tanto caracteriza as sociedades modernas, ameaça destruir os pontos de referência nos quais o indivíduo assentava a sua existência. Parece que já não existe nenhum ponto de referência, nenhuma verdade; tudo é, de certa forma, relativo. A isto, e em estreita ligação com a afirmação do individualismo, acrescenta-se o fenómeno da subjectivização da fé. Revela-se num número crescente de cristãos uma menor sensibilidade ao conjunto objetivo da doutrina cristã, em favor de uma adesão subjetiva ao que agrada e que não incomoda os próprios hábitos. Joseph Ratzinger, sempre atento a estes fenómenos, e consciente de que eles ameaçam o essencial do cristianismo, apresenta a dimensão eclesial da fé cristã como uma dimensão irrenunciável. Cada vez mais torna-se indispensável educar para a eclesialidade da fé cristã. É preciso manter vivo o sentido de pertença mútua entre os cristãos, através da sua ligação comum a Cristo. A comunidade cristã deve ser o lugar onde os muros do individualismo e da solidão são derrubados. Daqui ressalta a fundamental relevância da comunidade cristã; ela é primordial. Não existe fé individual sem uma comunidade de fé.

Palavras Chave: Relativismo, individualismo, fé cristã, comunidade, Igreja, batismo.

Abstract: Nowadays we witness a strong claim of subjectivity of the person, which tends to close him in individualism, making him unable to create true human relationships. This individualism obscures the relational dimension of the human being and leads him to close himself in his own world. Unlike traditional societies, in which the individual had as a reference the essentially community dimension, today we observe a process of destructuring and restructuring of social relations. In fact, relativism, which so characterizes modern societies, threatens to destroy the reference points on which the individual based his existence. It seems that there is no longer any point of reference, no truth; everything is, in a way, relative. To this, and in close connection with the affirmation of individualism, the phenomenon of subjectivization of faith is added. It is revealed in a growing number of Christians a lower sensitivity to the objective set of Christian doctrine, in favor of a subjective adherence to what pleases and that does not bother their own habits. Joseph Ratzinger, always attentive to these phenomena, and aware that they threaten the essentials of Christianity, presents the ecclesial dimension of the Christian faith as an inalienable dimension. It becomes increasingly indispensable to educate for the ecclesiality of the Christian faith. It is necessary to keep alive the sense of mutual belonging among Christians, through their common connection to Christ. The Christian community should be the place where the walls of individualism and loneliness are torn down. From here it highlights the fundamental relevance of the Christian community, it is paramount. There is no individual faith without a community of faith.

Key Words: Relativism, individualism, Christian faith, community, Church, baptism.

INTRODUÇÃO

As diversas transformações socioculturais operadas na sociedade moderna modificaram, em grande medida, a concepção integral do ser humano e a sua relação com o mundo e com Deus. De facto, o surgimento de diferentes correntes filosóficas e ideológicas levou a uma mudança da concepção antropológica, caracterizada por uma crescente afirmação do indivíduo. A modernidade começou a valorizar a individualidade e a subjetividade, o que, em si, foi importante, pois reafirmou o valor da dignidade humana. Contudo, a sobrevalorização da subjetividade faz com que os interesses individuais sejam o único critério determinante, pois o indivíduo é colocado como critério e medida de todas as coisas. Frequentemente, a preocupação pelo bem comum é colocada num segundo plano, para dar lugar à realização imediata dos desejos do indivíduo.

O individualismo acaba por dar prioridade absoluta aos interesses individuais. Parece que o único ponto de referência a partir do qual o ser humano deve orientar a sua vida deverão ser os seus próprios interesses. De tal forma que se chega a negar a existência de uma Verdade absoluta como ponto de referência. E, conseqüentemente, a visão relativista da realidade passa a ganhar terreno. Ora, esta forma de conceber a realidade põe em causa a visão acerca da liberdade, da verdade e da própria fé.

Juntamente com o individualismo, o relativismo é um dos elementos que caracterizam a nossa sociedade. Esta linha de pensamento nega a existência de uma verdade absoluta e permanente. A verdade é entendida como sendo múltipla e depende do ponto de vista do sujeito ou do contexto em que é formulada. Neste sentido, tudo é relativo ao local, à época ou a outras circunstâncias. O relativismo nada reconhece como definitivo e deixa por conta de cada pessoa definir aquilo que lhe parece ser o seu bem. Evidentemente, tudo isto tem conseqüências na forma como o ser humano se relaciona com os outros e com Deus. Pois, quando a verdade deixa de ser o ponto de referência do pensamento, as pessoas são levadas facilmente por qualquer vento de doutrina e tornam-se presa fácil das diversas ideologias.

Conseqüência desta visão relativista, existe hoje uma “nebulosa” em torno da forma de se relacionar com a Transcendência. A nossa sociedade vai sendo cada vez mais marcada por práticas religiosas sincréticas. Estas práticas estão quase sempre ligadas a uma forma de religião individual caracterizada pela centralidade do indivíduo. Estas novas formas de aproximação ao sagrado propõem um caminho de aperfeiçoamento através da utilização de práticas provenientes, na sua maioria, das

religiões orientais. Assistimos, assim, a uma privatização da vida religiosa ou espiritual. O campo religioso passa a ser semelhante a um grande supermercado onde cada um pode escolher a sua própria experiência religiosa baseada nas preferências pessoais. Isto significa que a modernidade não eliminou a religião da vida do ser humano; pelo contrário, esta ressurge com novas forças e formas. Aparecem novas formas de aproximação à religião, que substituem o espaço ocupado outrora pelos enquadramentos tradicionais.

Neste horizonte de grande pluralidade a nível religioso, a fé cristã é desafiada a situar-se e a defender a sua identidade. Evidentemente, tanto o individualismo como o relativismo representam um dos principais desafios que a fé cristã tem de enfrentar nos nossos dias. Durante os últimos séculos o papel do cristianismo tem sido profundamente alterado. Em alguns países de tradição cristã assiste-se a um preocupante declínio referente à prática religiosa cristã. Torna-se notória a diminuição do número de pessoas que procuram uma vivência da fé integradas na comunidade eclesial.

Enquanto o individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma religião feita à medida do indivíduo, o relativismo, ao negar que existe a verdade objetiva e perene, pode afetar igualmente o âmbito religioso. E assim, o indivíduo entende a sua relação com Deus de modo individualista, conduzindo à perda da dimensão eclesial da fé. De facto, a sobrevalorização da individualidade afeta o modo como o sujeito concebe o sentido de pertença à comunidade eclesial. Por essa razão, muitos vivem a sua fé cristã de forma subjetiva, e cada vez mais individualista. Existe uma espécie de divórcio entre a fé e a vida, no qual a fé cristã é concebida como uma realidade a mais entre outras e não como uma vivência que engloba todos os âmbitos da vida.

Evidentemente, as visões individualistas e relativistas da realidade representam uma ameaça latente porque podem levar à perda da eclesialidade da fé. Isto é trágico para a vivência da fé cristã, porque compromete um aspeto fundamental e irrenunciável, que é integrar o crente dentro do “nós” comunitário, ou seja, constituir-nos como comunidade. Quando se prescinde da comunidade eclesial acaba-se por reduzir a fé a uma questão individual. Consequentemente isto provoca uma crise de pertença. O crente não se reconhece como sendo parte da comunidade cristã. A vivência da fé é confinada à esfera do privado, funcionando segundo uma lógica egocêntrica, na qual compete a cada indivíduo elaborar o seu próprio itinerário.

Esta forma de entender a vivência da fé põe em perigo os próprios fundamentos da fé cristã, pois existe a tentação de fazer uma seleção muito subjetiva dos elementos do credo e viver um cristianismo à maneira de cada um, ou pior ainda, incluir elementos que são alheios à tradição cristã. Neste sentido, facilmente se pode chamar fé cristã àquilo que não é. Existe hoje o perigo de um desvio subjetivista da fé, no qual o indivíduo se distancia do “nós” comunitário. Encontramo-nos num momento decisivo da história, o qual exige um esclarecimento dos elementos fundamentais da fé cristã. Como em muitos outros momentos da história, é preciso defender a identidade do ser cristão perante as diversas ideologias que ameaçam a vivência da fé.

Por essa razão, é necessário apresentar uma verdadeira gramática da fé cristã, na qual o elemento comunitário da fé esteja presente de maneira particular. Uma vez que o sujeito crente revela hoje um acréscimo de individualidade, aumenta a tendência de procura de percursos independentes desvinculados de qualquer tipo de autoridade. Portanto, torna-se relevante relacionar o “eu” crente com o “nós” comunitário, de tal forma que a sua relação seja complementar. Não podemos esquecer que a dimensão individual e a dimensão comunitária da fé são essenciais.

Perante os diversos desafios que afrontam os nossos dias, sobre a fé cristã, o teólogo alemão Joseph Ratzinger oferece-nos uma visão em conjunto dos elementos do Cristianismo que estão a ser ameaçados. Como é o caso da dimensão comunitária da fé. De facto, recuperar a dimensão eclesial da fé é um dos aspetos elementares no seu pensamento. Ao longo do seu labor como teólogo, Ratzinger tem advertido para o perigo do relativismo, que ameaça derrubar elementos fundamentais da fé cristã. Para ele, o relativismo tem-se convertido no problema central que a fé cristã enfrenta na atualidade. Na homilia da Missa *Pro Eligendo Pontifice*, celebrada a 18 de abril de 2005, nas vésperas da sua eleição como Papa, o Cardeal Joseph Ratzinger definiu o relativismo como uma “ditadura” que, de forma muito subtil, acaba por se impor.

O objeto da nossa pesquisa será a supressão da dimensão comunitária da fé, decorrente da redução da fé à esfera da subjetividade individual. Tentaremos responder à pergunta central: poderá existir um cristão sem vínculo à comunidade eclesial? ou em outras palavras: poderá existir uma vivência da fé cristã à margem da fé eclesial? Será este o nosso desafio: realçar a importância da dimensão comunitária da fé. Mostraremos que não pode existir uma experiência de fé individual sem uma autêntica integração do crente na comunidade cristã.

A estrutura da nossa dissertação consistirá em três capítulos. O primeiro será um capítulo introdutório, no qual mostraremos, de forma sucinta, as linhas gerais do pensamento de Joseph Ratzinger no que se refere aos diferentes desafios que enfrenta a fé cristã nos nossos dias. Falaremos sobre a privatização da fé e a sua influência na vivência da fé, tratando de temas como a verdade, a liberdade, o relativismo e o individualismo. Neste marco, abordar-se-á o perigo do desvio subjetivista da fé, o qual ameaça com fechar cada vez mais o crente na sua individualidade privando-o da relação com a comunidade eclesial. Salientaremos também a importância da ligação da fé individual ao âmbito eclesial, de tal forma que o crente possa reconhecer na comunidade o espaço vital, no qual pode desenvolver livremente o seu percurso de fé.

Perante os diversos desafios que enfrenta o cristianismo no momento atual, torna-se indispensável reafirmar o que é específico da fé cristã. Por isso, no segundo capítulo falaremos sobre as estruturas fundamentais de uma atitude cristã de fé. A preocupação básica do capítulo é mostrar o essencial da fé cristã, para assim evitar possíveis desvios. Ora, falar sobre o que é específico da vivência cristã representa uma temática de grande amplitude e profundidade. Por isso, neste capítulo limitar-nos-emos a tratar daqueles elementos que estão mais presentes no pensamento de Joseph Ratzinger e que, ao mesmo tempo, nos ajudarão a realçar a unidade indissolúvel entre vida cristã e fé eclesial. O terceiro e último capítulo da dissertação toca o cerne da nossa pesquisa: a dimensão comunitária da fé cristã. O objetivo é mostrar as raízes eclesiais da fé cristã, dom de Deus e dom da Igreja. Para isso, abordaremos a eclesialidade da fé cristã, sobretudo a partir da análise do sacramento do Batismo e do Símbolo dos Apóstolos. De igual forma, falaremos sobre a dimensão eclesial da transmissão da fé e da liturgia, assim como do valor da comunidade cristã, espaço vital da fé. No fundo, reafirmaremos a eclesialidade do ser cristão, de tal forma que a vivência da fé cristã seja sempre compreendida como uma existência eclesial.

Neste sentido, o presente trabalho procura a aproximação ao pensamento do teólogo Joseph Ratzinger. Pois ele de uma forma muito particular faz um diagnóstico da realidade atual e sublinha a eclesialidade da fé cristã. Porque é através da recuperação da dimensão comunitária da fé que se pode elaborar uma proposta válida para os nossos dias. Optamos por recorrer às obras de Joseph Ratzinger, tanto da época como teólogo, como do seu pontificado. Em relação às edições das obras, usam-se as traduções em português e em espanhol.

CAPÍTULO 1

O PROBLEMA DA FÉ NO MUNDO DE HOJE

O presente capítulo tem como objetivo mostrar, de forma sucinta, as linhas gerais do pensamento de Joseph Ratzinger no que se refere à problemática da fé no mundo atual, analisando especificamente a leitura que ele faz dos desafios que a fé cristã enfrenta, de um modo particular no que se refere ao desaparecimento da dimensão comunitária da fé e às consequências do relativismo e da privatização da fé.

Desde o início da sua atividade como teólogo, Ratzinger manifestou a sua preocupação em aprofundar a essência da fé cristã e, ao mesmo tempo, estudar as transformações sociais que têm ocorrido nas últimas décadas, tais como as diferentes ideologias que pouco a pouco se foram instalando nas nossas culturas ocidentais. Essas ideologias puseram em causa os valores cristãos e os fundamentos do viver em comunidade. O relativismo parte do princípio de que o ser humano é incapaz de conhecer a verdade. Por isso, tudo passa a ser relativo, abalando assim os pontos de referência a partir dos quais o indivíduo deve orientar sua vida. Isto faz com que realidades, como Deus, fé, religião, moral, sejam transferidas para o âmbito da subjetividade. Logicamente, esta forma de perceber a realidade afeta a vivência da fé cristã.

Vamos expor, de forma sucinta, o conceito de verdade defendido pelo nosso autor. Neste ponto, falaremos sobre a redução do conceito da razão e a alteração que se opera na relação entre liberdade e verdade. Assinalaremos a necessidade da ampliação da razão, proposta por Ratzinger. Em segundo lugar abordaremos o tema do relativismo, pois, segundo o nosso autor, a fé cristã é ameaçada pela visão relativista da realidade. Em terceiro lugar, trataremos o tema do individualismo e os desafios que ele apresenta à fé, principalmente a dissociação entre a vida cristã e a fé eclesial, que acaba por suprimir a dimensão comunitária da fé. Em quarto lugar sublinharemos o perigo do desvio subjetivista da fé, fruto do relativismo e do individualismo. Finalmente, refletiremos sobre a importância da ligação entre o “eu” crente e o “nós” eclesial.

1. A verdade: uma preocupação para Joseph Ratzinger

O problema do relativismo, com as implicações que traz para a questão da verdade, tem sido um dos temas tratados com grande profundidade por Joseph Ratzinger. Desde os seus primeiros escritos teológicos, encontramos esta preocupação com o tema da verdade e aquilo que implica para a configuração da sociedade. A origem desta questão remonta a Agostinho, Tomás de Aquino, Boaventura, e prossegue em Newman e Guardini. A verdade é uma das palavras-chave do pensamento ratzingeriano, como o revela o seu lema episcopal e papal: *cooperatores veritatis*, extraído da perícope joanina: «Devemos, pois, acolher esses homens, para que sejamos cooperadores da Verdade» (3 Jo 1,8).

O próprio Ratzinger explica como a verdade se foi tornando um conceito central no seu pensamento:

Este tema não foi central para mim, logo desde o início. Ao longo do meu caminho espiritual senti muito intensamente o problema de saber se, no fundo, não é presunção dizer que podemos conhecer a verdade, face a todas as nossas limitações. Também me interroguei até que ponto não seria talvez melhor pôr esta categoria em segundo plano. Ao aprofundar esta questão, pude observar e também compreender que a renúncia à verdade não resolve nada, mas que, pelo contrário conduz à ditadura da arbitrariedade¹.

Foi através do confronto com a situação espiritual do nosso tempo que o primado da verdade se tornou evidente para Ratzinger. Com efeito, hoje duvida-se cada vez mais da existência da verdade única, chegando a concluir-se que não é possível conhecer a verdade como tal. Esta passou a ser considerada uma coisa subjetiva. E, assim, a diferença entre verdadeiro e falso parece ter sido abolida. «Um grande número de filósofos atuais chega a afirmar que o homem não é capaz da verdade»². Ora, se não sabemos o que é verdade, torna-se mais difícil saber o que é o bem. E nesta dinâmica, o bem é substituído pelo útil. Então, a opinião da maioria ocupa o lugar da verdade. Cria-se uma doutrina que converte o princípio maioritário em fonte da verdade e do bem³.

Esta forma de entender o conceito de verdade tem consequências profundas na vivência da fé. Em matéria de religião, põe-se a questão de saber se o ser humano tem capacidade de conhecer a verdade plena sobre Deus. E a visão que predomina é que o mistério divino é tão grande, que não o podemos fixar num único caminho. Chega-se à conclusão de que são várias as vias e as imagens que refletem uma parte do todo, mas

¹ Joseph Ratzinger, *O Sal da terra. O Cristianismo e a Igreja católica no limiar do terceiro milénio* (Lisboa: Multinova, 1997), 52.

² Joseph Ratzinger, *Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos* (Cascais: Lucerna, 2010), 58.

³ Cf. Joseph Ratzinger, *Verdad, Valores, Poder. Piedras de toque de la sociedad pluralista* (Madrid: Ediciones Rialp, 2005), 13-15.

nenhuma é o todo. Faz parte do princípio da tolerância reconhecer em cada uma dessas vias um pedaço da verdade. Neste sentido, o homem moderno pode ser comparado com as personagens da parábola budista do elefante e dos cegos⁴. Segundo esta parábola, há apenas opiniões, pontos de vista, mas nenhuma certeza sobre a verdade e sobre Deus.

1.1. Uma razão amputada

Para avançarmos no pensamento de Ratzinger acerca do tema da verdade, é preciso sublinhar que ele o desenvolve no âmbito de uma reflexão mais ampla, relacionada com a razão. Na visita à Universidade de Ratisbona, no ano 2006, o autor aborda de forma clara este tema. Para isso, faz suas as palavras do imperador bizantino Manuel II Paleólogo, o qual afirmava que não agir segundo a razão (σὺν λόγῳ) é contrário à natureza de Deus. Deus age, σὺν λόγῳ, com *Logos*⁵. A fé cristã em Deus significa, antes de mais, decidir-se pelo primado do *Logos* «No princípio era o Logos» (*Jo 1,1*). «Nesse sentido, a fé implica, especificamente, uma opção pela verdade, porque, para a fé, o próprio ser é verdade, inteligibilidade, sentido»⁶.

O Papa⁷ lembra que o erro cometido na modernidade é condicionar a razão ao âmbito do empiricamente verificável. Existe cada vez mais a tendência de nos limitarmos aos fenómenos, àquilo que o homem pode controlar e manipular. Há uma redução crescente do conceito de razão. Mas uma razão que não se abre às questões propriamente humanas e ao sentido da vida, acaba por se autodestruir. Ora, esta forma de compreender a realidade e de entender a própria verdade, condiciona a vivência da fé. Por isso, diz o autor que é preciso analisar como acontece a partir da modernidade esta redução da razão.

O então professor alemão, na sua obra *Introdução ao Cristianismo*, em 1968, trata das limitações da compreensão moderna no que se refere à realidade e ao lugar da fé.

⁴ A história conta que um rei, no norte da Índia, mandou reunir todos os cegos da cidade. Depois mandou que trouxessem um elefante. A uns mandou tocar na cabeça. E dizia: é assim um elefante. A outros foi permitido tocar na orelha, na tromba, no pé, na cauda. Em seguida perguntou o rei a cada um: como é o elefante? E conforme a parte que tinham tocado responderam: é como um cesto entrançado, é como uma panela, é como uma vassoura. Depois, assim continua a história, começaram a brigar e a gritar: “o elefante é assim e assim”. Cf. Joseph Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância. O cristianismo e as grandes religiões do mundo* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006), 145-48.

⁵ Cf. Bento XVI, «Encontro com os representantes das ciências na Aula Magna da Universidade de Ratisbona, 12 de setembro de 2006», acedido a 15 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_benxvi_spe_20060912_university-regensburg.html.

⁶ Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, (Estoril: Principia, 2005), 110.

⁷ Neste trabalho não fazemos a separação entre o pensamento de Joseph Ratzinger enquanto teólogo e de Bento XVI enquanto papa. Por isso, utilizaremos indiferentemente textos da sua teologia e de seu pontificado.

Na sua análise, identifica duas fases que originaram uma redução crescente do conceito de razão. Ratzinger identifica a primeira fase como a origem do historicismo. Nesta fase nomeia ao filósofo italiano Giambattista Vico (1688-1744), o qual se opõe ao princípio escolástico *verum est ens*⁸, afirmando que o único que podemos reconhecer como verdadeiro é aquilo que o homem faz por si próprio, *verum quia factum*. Desta forma, o verdadeiro conhecimento pressupõe o conhecimento das causas. Só podemos conhecer o *factum*, aquilo que nós mesmos fazemos. Não há que tentar investigar sobre o ser, mas sim sobre o *factum*. «Começa assim o reinado do *factum*, isto é, a viragem radical do homem em direção à sua própria obra como a única coisa acerca da qual ele pode ter certezas»⁹. Como vemos, o cânone da verdade muda radicalmente, pois Vico argumenta que a verdade é o que se faz. Ora, o que se faz só se pode encontrar no âmbito das matemáticas e da história, que é o campo da atividade humana. Daí que estas duas disciplinas passem a dominar nas universidades e a história vai transformar fundamentalmente o universo das ciências.

Segundo a análise de Ratzinger, com Hegel e Comte, a filosofia passará a ser uma parte da história. O próprio ser é visto como um processo histórico¹⁰. Inclusive as ciências naturais são tratadas no enfoque historicista. Para o evolucionismo, o sistema dos seres vivos é uma história da vida. Deparamo-nos, afirma Ratzinger, com uma situação muito estranha na qual, num mundo caracterizado pelo antropocentrismo radical iniciado por Descartes, o ser humano só pode conhecer a sua própria obra. Ele mesmo se concebe como um mero produto do acaso, como um *factum*.

Depois da primeira etapa do historicismo, Marx complementaria a evolução do processo com a sua afirmação clássica: «Até agora, os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; importa agora transformá-lo»¹¹. Desta forma, o *verum quia factum* defendido pelo filósofo Giambattista Vico será substituído pelo novo programa do *verum quia faciendum*. Isto significa que «a verdade com que o ser humano tem de lidar não é nem a verdade do ser, nem, em última análise, a dos seus atos passados, mas sim a verdade da transformação do mundo»¹². Trata-se de uma verdade que remete para a ação. «Não tem sentido perguntar pelo que é; apenas

⁸ Para os grandes pensadores da Antiguidade e da Idade Média o ente é a verdade (*verum est ens*). É o próprio ser que é verdadeiro porque se pode conhecer. O ser é reconhecível, porque foi criado por Deus que é o entendimento por excelência.

⁹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 43.

¹⁰ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 43-44.

¹¹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 44.

¹² Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 45.

podemos perguntar o que é que conseguimos fazer com as coisas»¹³. Interessa a praxis, aquilo que nós somos capazes de transformar e é útil à nossa existência, porque o fundamental não é a contemplação da realidade, mas a sua transformação. Assim, o domínio da história é substituído pela tecnologia. A técnica começa a ganhar importância, tornando-se o «verdadeiro poder e dever do ser humano»¹⁴. Portanto, o *faciendum* remete o homem para o futuro, agora ele tem o poder de se transformar naquilo que deseja ser. Assim, o conceito de progresso passa a ser a diretriz fundamental do desenvolvimento histórico.

A partir deste novo modelo, o bem encontra-se só no futuro¹⁵. Tal progresso tem por base uma interpretação mecanicista e materialista da história. Será o progresso, portanto, algo indispensável para poder construir uma sociedade perfeita, um mundo novo. Tal confiança levou àquilo que Ratzinger denomina uma fé no progresso¹⁶. «O conceito de verdade tem sido praticamente abandonado e substituído pelo conceito de progresso. O progresso é a verdade»¹⁷. Por outro lado, isso gerou uma exclusão da crença em Deus, relegada para o terreno do privado, da subjetividade, ou seja, para a esfera dos sentimentos, oposta à esfera da racionalidade. Isto significa que a razão moderna já não pode pensar temas de fé, nem abordar a sua origem metafísica. A modernidade reduz o conceito de razão, expulsando do campo do conhecimento uma parte da realidade. E o resultado que encontramos é uma razão amputada. «Se o homem já não pode questionar racionalmente as coisas essenciais da sua vida, [...], mas tem de abandonar estas questões decisivas a um sentimento divorciado da razão, então não eleva a razão, mas desonra-a»¹⁸.

Ratzinger não critica o desenvolvimento científico propriamente dito, mas sim que a razão seja injustamente fechada nos parâmetros do cientificamente demonstrável. De igual forma, o nosso autor não nega a historicidade do ser humano. Rejeita o historicismo, a negação da possibilidade da própria verdade. Segundo o seu pensamento, historicidade significa que a verdade se conhece na história e que é recebida como um dom gratuito. Contudo, existe uma prevalência ontológica da verdade sobre a história. Quer isto dizer que, a realidade à qual a verdade histórica faz

¹³ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 165.

¹⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 46.

¹⁵ Cf. Joseph Ratzinger, *A Igreja e a nova Europa* (Lisboa, São Paulo: Verbo, 1993), 13.

¹⁶ Bento XVI, na encíclica *Spe Salvi*, ao tratar da virtude da esperança fala da fé no progresso, que seria uma transformação (secularização) da esperança cristã no mundo moderno. Para uma breve visão de conjunto cf. Bento XVI, *Carta Encíclica Spe salvi* (Lisboa: Paulus, 2007), nº 16-23.

¹⁷ Ratzinger, *Verdad, Valores, Poder*, 61.

¹⁸ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 142.

referência permanece imutável, independentemente do momento histórico. O que Ratzinger defende é a fundamentação metafísica da verdade, à qual é possível aceder desde a razão, mas que necessita do complemento da revelação¹⁹. Desde esta perspetiva teológica, o conhecimento humano e a realização do homem encontram em Cristo o ponto de referência. Nele unem-se a eternidade e o tempo, a verdade e a história. Assim, o acesso à verdade é um ato da liberdade humana que se deixa iluminar pelo acontecimento cristológico.

1.2. Verdade e Liberdade

Juntamente com a visão reducionista da razão, as sociedades modernas caracterizam-se por defenderem uma conceção da liberdade vista apenas como prerrogativa do indivíduo sem fazer apelo à verdade do ser humano e ao bem do outro. Não há dúvida de que a nossa época tem adquirido uma noção particularmente viva da liberdade. É em nome dela que se leva a cabo um sem número de lutas. Contudo, parece que, em vez de ampliar o âmbito da sua liberdade, o ser humano se torna escravo de si próprio e dos seus critérios.

Algumas correntes do pensamento moderno exaltam a liberdade até ao ponto de a tornar o bem máximo, a fonte de todos os valores. Na hierarquia dos valores, o cume pertence à liberdade, todos os outros valores devem estar subordinados a ela. «A liberdade é o valor básico e o fundamento absoluto do direito humano»²⁰. Sendo a liberdade um valor absoluto, o ser humano permite-se criar continuamente as linhas condutoras do seu comportamento. Segundo esta perspetiva, a liberdade remete para a vontade própria como a única norma da ação humana. Para resumir este conceito de liberdade, Ratzinger utiliza a descrição com a qual Karl Marx exprimiu o seu sonho de liberdade «fazer isto hoje, amanhã aquilo, caçar de manhã, pescar à tarde, fazer criação de gado à tardinha, tecer críticas depois do jantar, conforme me der vontade»²¹. Isto quer dizer que um homem verdadeiramente livre é aquele que faz o que deseja a sua vontade, aquele que não aceita limitações. O querer converte-se na única lei que rege todas as ações. Por esta razão, quaisquer valores que concorram com a liberdade ou a limitem, são rotulados como cadeias ou tabus²².

Ratzinger confirma que a história da modernidade se apresenta como história da liberdade. Identifica a origem da noção moderna de liberdade em pensadores como

¹⁹ Cf. Pablo Ruiz, «Benedicto XVI: Colaborador de la verdad», *Proyección* 57, n. 1 (2010): 395-98.

²⁰ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 205.

²¹ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 206.

²² Cf. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 205.

Lutero, Kant, Rousseau, Nietzsche e Sartre²³. Deixa claro que a ideia de liberdade que temos hoje não se teria desenvolvido num ambiente que não fosse o cristão. Remonta ao escrito de Martinho Lutero, *Da liberdade do homem cristão*, o qual apresenta o tema com tons fortes. Para o nosso autor, o que fez com que Lutero fosse escutado pelos seus contemporâneos foi o clamor de liberdade. Tratava-se da liberdade da consciência moral perante a autoridade eclesiástica. As regras comunitárias deixaram de ser um apoio e passaram a significar um fardo. A verdadeira redenção seria a libertação deste fardo que pesava sobre o indivíduo²⁴. A mediação da Igreja já não tem importância para a salvação, o que interessa é a fé pessoal em Cristo. Dá-se assim uma alteração da relação entre a consciência do indivíduo e a autoridade.

Num segundo momento, Ratzinger faz referência ao conceito kantiano de Ilustração como *sapere aude*: “tem a audácia de usar a tua própria razão”. Para além do convite a conhecer, percebe-se o individualismo dum razão que se fecha em si mesma, que se desliga das grandes tradições e dos vínculos com a autoridade: «não deve haver outra autoridade a não ser a da razão»²⁵. A teoria kantiana do conhecimento defende a impossibilidade do conhecer metafísico. Este é um dos pontos chave da crise do pensamento contemporâneo, segundo o diagnóstico de Ratzinger. Com efeito, se o conhecimento metafísico se torna impossível, não só se individualiza a razão, como também a própria liberdade, que passa a identificar-se como direito do indivíduo perante o Estado²⁶. Desta forma, as instituições, a tradição e a autoridade aparecem como polos opostos à liberdade, como limitantes da mesma: «lei e ordem são tidas como contrárias à liberdade»²⁷. O verdadeiro detentor da liberdade é o indivíduo, fala-se de liberdade e direitos individuais em detrimento do todo e do que é comum. Porém, o “eu” que só conhece direitos e nenhum dever e que não reconhece nenhum ordenamento que o preceda, não passa de uma construção artificial, de uma invenção. A natureza do ser humano é outra, ele foi criado como ser-com, e a liberdade consiste precisamente na reta ordenação do ser-com.

J. Ratzinger deixa claro que a crise da história da liberdade, na qual nos encontramos, tem como base um conceito de liberdade não esclarecido e unilateral. Em primeiro lugar, porque não podemos separar a liberdade de conceitos como o da

²³ Cf. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 209-17.

²⁴ Cf. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 209-10; Joseph Ratzinger, *La fe como camino. Contribución al ethos cristiano en el momento actual* (Barcelona: Ediciones Internacionales Universitarias, 1997), 16-17.

²⁵ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 211.

²⁶ Ratzinger, *La fe como camino*, 72.

²⁷ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 216.

verdade, do bem, da justiça, da responsabilidade. Em segundo lugar, porque o conceito de liberdade tem sido restringido, ficando reduzido aos direitos individuais. Com a tentativa de endeusamento da liberdade, perdeu-se a verdade humana da liberdade. Como afirma o teólogo alemão: «Fundamentalmente está por detrás deste desejo radical de liberdade, na Idade Moderna, a promessa: sereis como Deus»²⁸. De facto, a finalidade dos movimentos modernos de liberdade é tornar o homem deus, independente de qualquer autoridade, não limitado por nenhuma liberdade alheia. Contudo, os radicalismos modernos acabam por se voltar contra o próprio ser humano, contra a verdade, conduzindo ao inferno que Sartre denunciou.

A liberdade que surge da modernidade, é a liberdade para agir e reconhecer no “poder fazer” a única lei do homem. A verdade é o factível, *verum quia factum*, como diria Vico. Podemos comparar esta conceção da liberdade à imagem do filho mais novo da parábola do Evangelista Lucas. Este, querendo libertar-se da autoridade do pai, toma a sua herança e parte para o desconhecido. Porém, a liberdade para fazer aquilo que a vontade quer, sem nenhuma vinculação com a verdade – o pai –, conduz a uma visão meramente utilitária e individualista. Esta liberdade é, em última análise, uma liberdade de escravos. Quando a utilidade é colocada acima da verdade, o homem torna-se escravo daqueles que determinam o que é útil. Assim, o homem que entende a liberdade como puro arbítrio vive na mentira, numa falsa autonomia que conduz à escravidão²⁹. Vê-se, assim, como a liberdade do fazer, sem limitações por parte da verdade, se converte na escravização do ser humano sob uma aparência de libertação.

Ratzinger defende o primado da verdade sobre a liberdade. Considera que uma liberdade entendida como a dissolução das normas e dos vínculos com a autoridade, está errada. A liberdade, para ser autêntica, tem de ser orientada pela verdade, isto é, corresponder à natureza do homem, uma vez que o homem foi criado como um ser-de, um ser-com e um ser-para. A liberdade humana deve ser liberdade partilhada, «liberdade num ser-com-outrem de liberdades»³⁰. Por exemplo, a vida da criança no ventre materno está intimamente unida ao ser da mãe³¹. «O ser-ele-próprio é, de modo radical, ser a partir de um outro, mediante um outro; inversamente, o ser do outro – da mãe – é impelido por este ser-com ao ser-para»³². Assim sendo, a natureza humana

²⁸ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 219.

²⁹ Cf. Joseph Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología* (Pamplona: EUNSA, 2009), 46-47.

³⁰ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 220.

³¹ Cf. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 218-20.

³² Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 218.

pressupõe o ser-com e ser-para, onde a vivência da minha liberdade não vem da concorrência, mas do mútuo apoio. Neste sentido, afirmamos que o homem só pode ser livre, se respeitar a sua natureza conforme à imagem de Deus, que é em si totalmente «ser-para (Pai), ser-de (Filho), e ser-com (Espírito Santo)»³³. Portanto, a autonomia de ser e de agir, que o homem tem inscrita na sua natureza e lhe permite agir livremente, só pode realizar-se no diálogo com os outros. A minha liberdade realiza-se em comunicação com a liberdade dos outros. Uma vez que a minha liberdade se exerce num ambiente comum, a liberdade individual não pode impedir a liberdade do outro. «A liberdade humana é liberdade num encontro de liberdades, só assim ela é verdadeira, porque adequada à realidade do homem»³⁴.

1.3. Uma razão ampliada

Com base no ponto analisado anteriormente, constatamos o equívoco existente em torno dos conceitos de liberdade e verdade, juntamente com a redução da razão ao âmbito do cientificamente demonstrável. Este é um dos males da nossa sociedade que põe a sua confiança na razão, ao ponto de atingir o que o nosso autor denomina um racionalismo cego³⁵. De facto, Ratzinger insiste que a redução da razão não é só uma especulação teórica, mas tem consequências profundas na configuração das sociedades. Para ele, grande parte dos trágicos e tristes acontecimentos sociais e políticos do século XX são resultado desta distorção da razão. Em 2004, aquando dos célebres diálogos com Jürgen Habermas, o então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé recordava-nos o perigo da religião se eximir da sua responsabilidade perante a razão. Com isso, podem surgir patologias perigosas³⁶. Por exemplo, fundamentalismos religiosos, como o terrorismo mártir e as seitas do mundo ocidental, que mostram o perigo de uma religião que pode ficar condenada à irracionalidade e à distorção da religiosidade. Ao mesmo tempo, existem patologias que mutilam a razão. Quando a razão se separa de Deus e as questões fundamentais do homem são excluídas do âmbito da racionalidade e deixadas na esfera da subjetividade, a própria razão perde o seu sentido orientador, dando lugar a forças destrutivas. Como consequência, as capacidades científicas orientam-se a favor do poder e o homem é entendido como um

³³ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 220.

³⁴ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 225.

³⁵ Cf. Ratzinger, *Verdad, Valores, Poder*, 100.

³⁶ Para o tema das patologias cf. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 142; Ratzinger, *O Sal da Terra*, 106-07; Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología*, 115; Ratzinger, *Fé e Futuro*, 88-89; Ratzinger, *Verdad, Valores, Poder*, 100.

mero produto da técnica. A criação de armas biológicas e químicas, assim como a elaboração da bomba atômica, são produto da exaltação da razão³⁷.

Perante este diagnóstico, Ratzinger propõe superar a autolimitação da razão. Resulta necessária uma ampliação do conceito da razão e do seu uso. «Isto significa que temos de alargar de novo à razão o raio do seu domínio. Temos de sair da prisão por nós mesmos construída e reconhecer outras formas de aquisição de certeza, em que é o homem todo que está em jogo»³⁸. A religião necessita de um controlo racional, que a purifique e a regule. Do mesmo modo, a razão deve reconhecer os seus limites e aprender a escutar as grandes tradições religiosas da humanidade. «Temos de renunciar ao sonho da autonomia absoluta da razão e da sua auto-suficiência»³⁹.

J. Ratzinger aponta algumas pistas que devemos ter em consideração em ordem a esta ampliação da razão. Em primeiro lugar, lança um convite ao mundo científico e ao mundo não crente, para que considerem a hipótese de uma racionalidade mais ampla no campo da ciência, ou a hipótese de Deus no campo da moral. Sugere igualmente que o homem, na sua vida, coloque Deus como o fundamento da verdade. Se até agora a rejeição da referência a Deus tem conduzido a humanidade por vias perigosas, deveríamos considerar a possibilidade contrária.

Deveríamos, então, dar a volta ao axioma da ilustração e dizer: inclusive quem não consegue encontrar a forma de aceitar Deus deveria, de todas as formas, procurar viver e dirigir a sua vida *veluti si Deus daretur*, como se Deus existisse. Este é o conselho que Pascal dava aos seus amigos não crentes; é o conselho que gostaríamos de dar também hoje aos nossos amigos que não creem. Deste modo, ninguém fica limitado na sua liberdade, e a nossa vida encontra uma fonte de sustento e um critério do qual necessita urgentemente»⁴⁰.

Em segundo lugar, para ampliar o conceito da razão é preciso recuperar as raízes. A razão moderna cortou com o passado e com a sua própria história, privando-se da memória fundamental da humanidade, sem a qual a razão perde a sua orientação. Ratzinger insiste em afirmar que a separação da razão das suas raízes acaba por negar a própria dignidade do homem. «Diante duma razão não histórica que procura autoconstruir-se somente como racionalidade não histórica, a sabedoria da humanidade

³⁷ Cf. Jürgen Habermas, Joseph Ratzinger, *A dialética da secularização* (São Paulo: Ideias e Letras, 2013), 70-75.

³⁸ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 142.

³⁹ Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 228-29.

⁴⁰ Joseph Ratzinger, «Europa en la crisis de las culturas. Discurso pronunciado en Subiaco el 1 de abril de 2005», acedido a 20 de janeiro de 2021, <https://es.zenit.org/2005/05/18/la-ultima-conferencia-de-ratzinger-europa-en-la-tesis-de-las-culturas>.

como tal, a sabedoria das grandes tradições religiosas deve ser valorizada como realidade que não se pode impunemente lançar para o cesto da história das ideias»⁴¹.

Em terceiro lugar, a abertura da razão passa por uma mudança de atitude. É necessária uma nova disponibilidade perante a razão e a verdade. O homem moderno deve renunciar à sua posição de domínio sobre a realidade e dispor-se a escutar. «Precisamos de uma nova disposição para procurar e também da humildade que se deixa encontrar»⁴². É necessário recuperar a visão do ser humano como ser e não como fazer, olhar a realidade sob o ponto de vista de criatura e não de auto-criador. Assim sendo, Ratzinger propõe uma razão ampliada, capaz de superar os horizontes estreitos, nos quais tem sido enquadrada durante os últimos séculos. Por outras palavras, uma razão aberta à questão da verdade e aos grandes valores inscritos no próprio ser, por conseguinte, aberta ao transcendente, a Deus.

Por isso, o Cristianismo deve manter viva essa ânsia de procurar sempre a verdade. E também a coragem para a aceitar. Naturalmente, a verdade não pode consistir numa posse. Diante dela o homem deve ter sempre uma atitude de humilde aceitação. Como escreve Bento XVI: «A verdade, que é dom tal como a caridade, é maior do que nós [...]. Também a verdade acerca de nós mesmos, da nossa consciência pessoal é-nos primariamente “dada”; com efeito, em qualquer processo cognitivo, a verdade não é produzida por nós, mas sempre encontrada ou, melhor, recebida»⁴³. Trata-se de receber o conhecimento como um presente do qual não se é digno, o qual não deve ser motivo de vanglória, como se a descoberta fosse da própria pessoa. «Nós, nunca temos a verdade; no melhor dos casos, ela tem-nos a nós. Certamente, que devemos ser cautelosos, na reivindicação da verdade, mas considerá-la simplesmente inalcançável é totalmente destrutivo»⁴⁴. Ora, se me foi concedida a verdade, devo considerá-la como uma responsabilidade, o que significa também um serviço aos outros. «Defender a verdade, propô-la com humildade e convicção e testemunhá-la na vida são formas exigentes e imprescindíveis de caridade»⁴⁵. Como dirá S. Paulo, a caridade «rejubila

⁴¹ Bento XVI, «Discurso para o encontro na Universidade de Roma “La Sapienza”, prevista para o dia 17 de janeiro, depois anulada em 15 de janeiro de 2008», acedido a 20 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/january/documents/hf_ben_xvi_spe_20080117_la-sapienza.html.

⁴² Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, 142.

⁴³ Bento XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, 2009, nº 34.

⁴⁴ Ratzinger, *Luz do mundo*, 57.

⁴⁵ Bento XVI, *Caritas in Veritate*, nº 1.

com a verdade» (*1Cor* 13, 6). De facto, «Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (*1Tm* 2,4).

Para o nosso autor, a verdade só pode ser entendida em ligação íntima com a caridade. Existe uma indissolúvel união entre amor e verdade. Quando o amor prescinde da verdade torna-se arbitrário, puro sentimentalismo, torna-se um amor desnortado e perdido, «é o risco fatal do amor numa cultura sem verdade»⁴⁶. O contrário é igualmente desvantajoso. Quando a verdade se propõe sem amor, resulta uma verdade dura, rígida. Por isso, deve existir uma mútua complementaridade, uma correlação entre ambas. Na carta encíclica *Caritas in Veritate*, o Papa afirma: «Só na verdade é que a caridade refulge e pode ser autenticamente vivida. A verdade é a luz que dá sentido e valor à caridade. Esta luz é simultaneamente a luz da razão e a da fé através das quais a inteligência chega à verdade da caridade».⁴⁷ Só quando a caridade caminha unida à verdade é que pode ser partilhada e comunicada. A verdade é *logos*, e cria *diálogos*. A verdade faz possível que apareça a comunhão. É ela que permite ao homem ultrapassar as suas opiniões subjetivas e entrar no *diálogos*, na comunicação. Vê-se, assim, como «a caridade reflete a dimensão simultaneamente pessoal e pública da fé no Deus bíblico, que é conjuntamente *Ágape* e *Logos*: Caridade e Verdade, Amor e Palavra»⁴⁸.

2. A ditadura do relativismo: um novo repto à fé

A posição de Joseph Ratzinger em relação ao relativismo é publicamente conhecida. Esta é, para ele, uma questão que deve ser abordada não só pelo cristianismo como também pela humanidade no seu conjunto. O seu pensamento está largamente desenvolvido em numerosos documentos, discursos e homilias. Dado o objetivo do nosso trabalho, utilizaremos os mais relevantes.

Em 1996, aquando do encontro dos presidentes das comissões episcopais da América Latina para a doutrina da fé, o então cardeal J. Ratzinger falava do relativismo como o problema central da fé na hora atual. O problema de fundo na questão do relativismo é o problema da verdade. E o problema da verdade é consequentemente o problema da razão. Como vimos acima, uma das características da modernidade foi ter eliminado a noção de verdade, por meio de um racionalismo que declara a razão incapaz do conhecimento metafísico. Assim, a verdade, como ponto de referência do

⁴⁶ Bento XVI, *Caritas in Veritate*, nº 3.

⁴⁷ Bento XVI, *Caritas in Veritate*, nº 3.

⁴⁸ Bento XVI, *Caritas in Veritate*, nº 9.

pensamento, deixou de ser evidente. O conceito de verdade foi posto de lado e substituído pelas opiniões, pois não existe nenhum sistema de referência fixo. Porém, quando não existe uma verdade fundada, ou seja, quando não há pontos de referência, o homem perde a sua orientação, tornando-se presa fácil das diversas correntes ideológicas que caracterizam a cultura hodierna.

A conceção relativista da realidade impõe-se em todos os âmbitos da vida. A nível moral defende-se que os valores de bem e de mal nem são fixos, nem apresentam validade universal, pois variam de acordo com os tempos, diversificando-se ao sabor de circunstâncias históricas, políticas e culturais. Assistimos, assim, a um enfraquecimento da consciência moral, a qual, ao não ter a referência duma verdade objetiva, perde o seu fundamento. Esta rutura entre o âmbito objetivo e o âmbito subjetivo da consciência desencadeia o relativismo moral. Quando se desconhece a verdade, a consciência subjetiva torna-se, em última análise, a única instância ética, fazendo com que cada indivíduo oriente as suas ações segundo o seu próprio juízo de bem e de mal. O Papa João Paulo II, na Encíclica *Veritatis Splendor*, alertava sobre o perigo desse relativismo que anula a moral católica. Ele dizia:

Não se trata já de contestações parciais e ocasionais, mas de uma discussão global e sistemática do património moral. Rejeita-se, assim, a doutrina tradicional sobre a lei natural, sobre a universalidade e a permanente validade dos seus preceitos; consideram-se simplesmente inaceitáveis alguns ensinamentos morais da Igreja; pensa-se que o próprio Magistério só pode intervir em matéria moral para exortar as consciências e propor os valores nos quais depois cada um inspirará, de forma autónoma, as decisões e as escolhas da vida⁴⁹.

De igual forma, a política sofre a influência da cultura relativista, pois as nossas sociedades pluralistas constroem-se a partir da noção de que ninguém pode ter a pretensão de conhecer a via verdadeira. «O relativismo aparece como fundamentação filosófica da democracia»⁵⁰. Visto que não existe uma opção política que seja a única correta, deve existir um sistema de posições que se relacionam entre si como correlativas. «Uma sociedade liberal seria, assim, uma sociedade relativista; só a partir desta condição poderá permanecer livre e aberta ao futuro»⁵¹.

O relativismo converteu-se na virtude da democracia. Por esta razão, «hoje preferimos falar de valores em vez de verdade, para não entrar em conflito com a ideia

⁴⁹ João Paulo II, *Veritatis Splendor*, nº 4.

⁵⁰ Joseph Ratzinger, «Relativismo teológico: un nuevo reto para la fe. Conferencia en el encuentro de presidentes de comisiones episcopales de América Latina para la doctrina de la fe, celebrado en Guadalajara, México, nov 1996», acedido a 20 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/incontri/rc_con_cfaith_19960507_guadalajara-ratzinger_sp.html.

⁵¹ Ratzinger, «Relativismo teológico».

de tolerância e com o relativismo democrático»⁵². Isto fica claro na crítica que o filósofo italiano Paolo Flores d'Arcais fez à encíclica *Fides et ratio*. Pelo facto de a encíclica insistir na necessidade da questão da verdade, o filósofo ateu afirma que isso pode ter consequências fatais para a democracia e identifica o ensinamento do Magistério com o fundamentalismo islâmico. Considera que, quando o Papa qualifica como carentes de validade jurídica as leis que permitem o aborto e a eutanásia, se está a opor a um parlamento eleito pelos cidadãos dessa nação⁵³. Estas afirmações realizadas por Paolo Flores pressupõem que não pode haver nenhuma instância acima das decisões da maioria: compete às maiorias definir as regras morais. Não existe outro princípio da atividade política para além da decisão da maioria, ocupando esta o lugar da verdade.

Alguns pensadores, como Hans Kelsen, defendem uma posição relativista radical. Segundo este pensador, Pôncio Pilatos pode ser tido como o modelo do democrata. Com efeito, a pergunta que faz a Jesus: «O que é a verdade?» (*Jo* 18, 38), é expressão do ceticismo político. Pilatos não espera nenhuma resposta, por isso dirige-se à multidão, confiando a resolução do problema ao voto da maioria. «Deste modo, Pilatos converte-se em figura emblemática da democracia relativista e cética, a qual não se apoia nem nos valores nem na verdade, mas nos procedimentos [...]. Uma vez que não há outra verdade que a verdade da maioria»⁵⁴. Surgem as perguntas: será possível que uma decisão tomada por uma maioria represente um valor absoluto? Não poderia acontecer que se declare justo algo que até ontem era considerado injusto ou vice-versa? Para orientar uma possível resposta, Ratzinger aduz um interessante argumento já pronunciado por Orígenes, no qual este afirmava: «se no país dos citas a injustiça se convertesse em lei, então os cristãos que vivem ali deveriam agir contra a lei»⁵⁵. O teólogo alemão defende que a verdade não é um produto da maioria. Não são os procedimentos que criam a verdade; a verdade é que precede e ilumina a praxis correta. Além disso, a maioria, enquanto maioria, nem sempre exprime os valores fundamentais. O critério das maiorias nunca pode ser suficiente para definir um valor fundamental. Pensemos na visão “favorável” que se manteve durante séculos em relação à escravatura. Isto para dizer que uma época da história pode permanecer cega em relação a alguns valores.

⁵² Ratzinger, *Verdad, Valores, Poder*, 85.

⁵³ Merece a atenção o debate que em fevereiro de 2000 o Cardeal Joseph Ratzinger teve com o filósofo ateu Paolo Flores d'Arcais, encontra-se publicado em Joseph Ratzinger, Paolo Flores d'Arcais, *¿Dios existe?* (Madrid: Espasa Calpe, 2008).

⁵⁴ Ratzinger, *Verdad, Valores, Poder*, 88.

⁵⁵ Pablo Blanco, *Joseph Ratzinger: una bibliografía* (São Paulo: Quadrante, 2005), 224.

A nível religioso, o relativismo também se manifesta com alguma intensidade. Hoje predomina a ideia de que tudo é igual e que, apesar de todas as diferenças e até antagonismos existentes entre as religiões, o que importa é o contacto com o mistério escondido. Existe um vasto catálogo de diversos caminhos, que podem saciar a mesma sede de transcendência. Há uma noção de que esse mistério não se manifesta por completo em nenhuma religião. No fundo, não somos capazes de conhecer mesmo a Deus. «A impressão dominante no homem moderno é a de que todas as religiões, numa confusa multiplicidade de formas e figuras, no fundo são e pensam o mesmo»⁵⁶. Aquilo que podemos afirmar ou conhecer acerca de Deus não passa de mero simbolismo.

Tal processo de relativização afeta decisivamente a fé cristã, pois torna-se cada vez mais difícil a afirmação da existência de uma verdade. Cada um tem a sua verdade, todas são aceitáveis sempre e quando não façam mal a ninguém. Aceita-se o princípio de que não é possível definir uma verdade. Esta é uma impressão geral e constitui uma tentação para os cristãos. Reduz-se facilmente os conteúdos da fé cristã ao simbólico, colocando-os na mesma linha dos mitos da história das religiões. Nos finais do século IV, o senador Símaco, em defesa do paganismo e da restauração do culto da deusa Vitória no senado romano, afirmava:

Todos veneram o mesmo, todos pensamos o mesmo, contemplamos as mesmas estrelas, o céu sobre as nossas cabeças é um, o mesmo mundo nos acolhe; que importância tem a forma em que cada um procure a verdade? Não se pode chegar por um único caminho a um mistério tão grande⁵⁷.

Este texto tem uma grande atualidade, porque hoje o relativismo defende precisamente que não é possível conhecer a verdade como tal. A verdade é múltipla e depende do ponto de vista do sujeito ou do contexto em que é formulada. Num plano geral, é difundida uma certa relativização das diversas religiões que afeta profundamente a fé cristã. É neste sentido que Ratzinger alerta para o perigo do relativismo teológico⁵⁸. Ele identifica dois pontos fundamentais que estão ameaçados. Em primeiro lugar, pode relativizar-se a figura de Jesus Cristo e identificá-lo como um líder religioso entre outros. Já não se reconhece Cristo como o Filho único de Deus, o Deus feito homem, mas acaba-se por transformá-lo num ser que teve uma experiência particular de Deus. Passa a ser um iluminado como Buda, por exemplo. Contudo, esta comparação carece de fundamentação, pois, como afirma o nosso autor:

⁵⁶ Joseph Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância. O cristianismo e as grandes religiões do mundo* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006), 23.

⁵⁷ Ratzinger, Flores d'Arcais, *¿Dios existe?*, 18.

⁵⁸ Cf. Ratzinger, «Relativismo teológico».

Não é a sua pessoa [Buda] que importa, mas sim o caminho que ele aponta. Quem encontrar o caminho poderá esquecer Buda. Mas em Jesus é precisamente Ele próprio, a sua pessoa, quem interessa [...]. O caminho consiste justamente em segui-lo, porque “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Ele mesmo é o caminho, não existe caminho que seja independente d’Ele e que não precise de contar com Ele⁵⁹.

A essência do cristianismo encontra-se precisamente no facto de a sua mensagem não ser uma doutrina, mas sim a pessoa de Cristo, ele é o caminho. Todos os outros podem mostrar-nos partes do caminho, mas não são o caminho. Só em Cristo estão unidas a humanidade e a divindade, o Infinito e o finito, Criador e criatura. Quando retiramos à figura de Cristo esta dimensão, ela torna-se contraditória e, conseqüentemente, conceitos como Igreja, sacramentos, dogmas, perdem o seu valor. É importante ter presente que Ratzinger não tem uma posição exclusivista. Ilustra este facto uma afirmação sua, quando o jornalista P. Seewald lhe pergunta sobre a possibilidade de alguém alcançar a salvação através de outra fé que não a católica:

É perfeitamente possível alguém receber da sua religião as orientações que o ajudam a tornar-se numa pessoa mais pura e graças às quais, se quisermos usar esta expressão, também agrada a Deus e alcança a salvação. Isso não está, de modo algum, excluído, antes pelo contrário, acontecerá certamente em grande medida. Só que, deduzir daí que as próprias religiões são simplesmente todas iguais, que estão umas para as outras como num grande concerto, numa grande sinfonia, em que todas, afinal, têm o mesmo significado, isso seria errado⁶⁰.

Um segundo aspeto, que segundo o nosso autor se encontra ameaçado pelo relativismo, é o próprio conceito de Deus. «Mesmo católicos fiéis e com formação teológica, dispostos a colaborar na vida da Igreja, não veem nenhum problema em perguntar se será assim tão importante compreender Deus como pessoa ou como ser pessoal»⁶¹. Israel professa que Deus tem um nome. O que significa que Deus pode ser chamado, tem a capacidade de se comunicar, de ouvir e de responder. «Se Deus, segundo a visão da fé, dá a Si mesmo um nome, não exprime a sua natureza interna, mas quer tornar-se nominável, expondo-se aos seres humanos, para que estes possam chamá-l’O. Ao fazê-lo, Ele entra em coexistência com eles»⁶². Ora, esse Deus mostrou-nos em Jesus Cristo a sua face: «Quem me vê, vê o Pai» (Jo 14,9). Trata-se sempre de um Deus com rosto, do Deus pessoal, pois agora é um de nós e pode ser chamado pelo nome, uma vez que participa da nossa existência. Desta forma, na fé cristã não há espaço para uma compreensão impessoal de Deus como acontece em outras religiões.

⁵⁹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 14.

⁶⁰ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 20.

⁶¹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 15.

⁶² Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 96.

Na homilia da Missa *Pro Eligendo Pontifice*, celebrada a 18 de abril de 2005, às vésperas de sua eleição como Papa, Joseph Ratzinger, então Cardeal Decano do Colégio Cardinalício, denunciou a ditadura do relativismo: «que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e suas vontades»⁶³. Com efeito, o homem hodierno, ao não ter a âncora da verdade, deixa-se levar facilmente por qualquer vento de doutrina. Estas palavras pronunciadas por Ratzinger, encontraram eco no debate intelectual especialmente por ele falar de uma forma de ditadura do relativismo. E trata-se precisamente de uma ditadura, porque pretende proibir-nos a cada um de nós de sustentar o contrário. «Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo»⁶⁴. O Cardeal fez esta reflexão após constatar as ondas das correntes ideológicas e os modos de pensar das últimas décadas que têm agitado o pensamento de muitos cristãos. «Do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante»⁶⁵. Também recordava o facto de a cada dia surgirem novas seitas, realizando-se quanto diz São Paulo sobre o engano dos homens, sobre a astúcia que tende a arrastar para o erro. Perante esta cultura relativista, acrescentava Ratzinger que o cristão deve ter outra medida, que é o Filho de Deus, o verdadeiro homem. Uma fé adulta não é aquela que segue as ondas da moda, mas aquela que está profundamente radicada na amizade com Cristo.

A fé para Ratzinger não pode ser apenas um ato individual. O ato de fé não pode partir de uma compreensão meramente subjetivista, como ficou evidente na afirmação citada, quando critica o relativismo que deixa, como último critério, o eu e a sua vontade. Se a fé cristã dependesse só da própria pessoa e da sua vontade, não deixaria de ser uma fé individualista, proveniente justamente da visão relativista. De facto, a fé nunca pode ser considerada numa perspectiva subjetivista. Ela deve conservar a noção de algo objetivo e real. Por essa razão, Ratzinger sublinha a dimensão eclesial da fé. Quer dizer que se recebe no seio duma comunidade e, portanto, a partir de fora.

Na sua crítica ao relativismo atual, o Cardeal alemão defende que o subjetivismo, o individualismo e o indiferentismo, que tanto caracterizam a sociedade contemporânea, manifestam-se como uma consequência natural do posicionamento relativista. Por essa

⁶³ Joseph Ratzinger, «Homilia da Missa Pro eligendo Romano Pontífice celebrada o 18 de abril de 2005», acessado a 20 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html.

⁶⁴ Ratzinger, Homilia Pro eligendo Romano Pontífice.

⁶⁵ Ratzinger, Homilia Pro eligendo Romano Pontífice.

razão é necessário combater o relativismo, para que não termine por empobrecer a própria fé cristã, tornando-a indiferente e subjetivista.

Durante o seu pontificado, Ratzinger continuou a sua denúncia contra a ditadura do relativismo. Em reiteradas ocasiões, levantou a sua voz para fazer um chamamento, não só às autoridades eclesiais, como também às autoridades civis, para tomarem consciência das consequências de uma posição relativista. Na sua primeira mensagem de Natal como Papa, Bento XVI denunciou os falsos conceitos que se têm formado em torno de temas como a liberdade e a verdade, os quais são defendidos por correntes ideológicas que consideram o homem incapaz de conhecer a verdade.

Se a liberdade religiosa for considerada como expressão da incapacidade do homem para encontrar a verdade, conseqüentemente, se torna canonização do relativismo [...]. Uma coisa completamente diversa é, porém, considerar a liberdade de religião como uma necessidade derivante da convivência humana, aliás, como uma consequência intrínseca da verdade que não pode ser imposta do exterior, mas deve ser feita pelo próprio homem somente mediante o processo do convencimento.⁶⁶

Tratando o tema da verdade face ao relativismo, Bento XVI, numa das audiências gerais das quartas-feiras, lembrava o pensamento de João de Salisbury. Este teólogo medieval defendia a existência de uma verdade objetiva e imutável, cuja origem se encontra em Deus e é acessível à razão humana. «Trata-se de um direito natural, no qual as leis humanas e as autoridades políticas e religiosas devem inspirar-se, a fim de poder promover o bem comum»⁶⁷.

De igual forma, na audiência geral do 5 de agosto de 2009, a propósito do 150º aniversário da morte de São João Maria Vianney, Cura d'Ars, Bento XVI continuava a sua crítica contra o relativismo que caracteriza a sociedade atual.

Queridos irmãos e irmãs, a 150 anos da morte do Santo Cura d'Ars, os desafios da sociedade hodierna não são menos exigentes, aliás, talvez se tenham tornado mais complexos. Se então havia a "ditadura do racionalismo", na época atual regista-se em muitos ambientes uma espécie de "ditadura do relativismo"⁶⁸.

Segundo Bento XVI, tanto a conceção racionalista como a relativista são insuficientes para responder às grandes questões humanas, pois não têm presente a

⁶⁶ Bento XVI, Discurso aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal, 22 de dezembro de 2005, acedido a 20 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_romancuria.html.

⁶⁷ Bento XVI, Audiência Geral da Quarta-feira, 16 de dezembro de 2009, acedido a 20 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hfbenxvi_aud_2009_12_16.html.

⁶⁸ Bento XVI, Audiência geral, Quarta-feira, 5 de agosto de 2009, acedido a 20 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben_xvi_aud_2009_08_05.html.

globalidade do ser humano. Com efeito, o racionalismo, ao pretender tornar a razão numa deusa, não teve presente os limites humanos. O relativismo, por sua vez, «mortifica a razão, porque de facto chega a afirmar que o ser humano nada pode conhecer com certeza, para além do campo científico positivo»⁶⁹. O Papa concluía, convidando os pastores da Igreja a ter presente a sede de verdade que arde no coração de cada homem. Motivava-os a não deixarem que a ditadura do relativismo faça desaparecer do homem o desejo de procurar sempre a verdade. Como afirmava no ano anterior, referindo-se à sua missão como sucessor de Pedro:

é sua missão [a do Papa] manter desperta a sensibilidade pela verdade; convidar sempre de novo a razão a pôr-se à procura da verdade, do bem, de Deus e, neste caminho, estimulá-la a entrever as luzes úteis que foram surgindo ao longo da história da fé cristã e, assim, sentir Jesus Cristo como a Luz que ilumina a história e ajuda a encontrar o caminho rumo ao futuro⁷⁰.

A partir dos discursos apresentados, evidencia-se a forma como o relativismo representa, segundo Ratzinger, um grande perigo para a fé cristã. Dado que a vivência da fé é culturalmente situada num espaço e tempo concretos, os traços dominantes desse contexto não deixam de influenciar, de forma positiva ou negativa, a própria maneira de viver a fé. Como já afirmava Ratzinger, «as modas de pensamentos, as ideologias e os ventos de doutrina agitam a pequena barca do pensamento de muitos cristãos»⁷¹. Existem formas de entender a realidade que podem encaminhar os cristãos por sítios que não exprimem o sentir cristão. Por essa razão, é fácil que hoje muitos cristãos manifestem uma posição relativista da fé, na qual a verdade passa a ser um conceito demasiado subjetivo, e a diferença entre verdadeiro e falso corre o risco de ser abolida. Parece não haver nenhuma verdade, nenhuma posição firme, tudo é, de certa forma, negociável.

Não é de estranhar que as tendências relativistas se manifestem num divórcio entre fé e vida. Aquilo que se professa no credo e se celebra nos sacramentos não influencia o agir dos cristãos. Existe o que o nosso autor denomina uma espécie de esquizofrenia, uma existência compartimentada⁷². O ser cristão é visto como uma capa que se pode usar ou tirar, dependendo das circunstâncias. Generaliza-se a opinião que põe em dúvida o nexos que une fé e moral. É como se o ser cristão se limitasse à prática de certos ritos, ao passo que se poderia tolerar, no âmbito da moral, um pluralismo de opiniões e de comportamentos, deixados ao juízo da consciência subjetiva individual. É a respeito disto

⁶⁹ Bento XVI, Audiência geral, Quarta-feira, 5 de agosto de 2009.

⁷⁰ Bento XVI, Discurso para o encontro na Universidade de Roma La Sapienza.

⁷¹ Ratzinger, Homilia Pro eligendo Romano Pontífice.

⁷² Cf. Ratzinger, *Luz do Mundo*, 62.

que, no ano 1958, o jovem teólogo Joseph Ratzinger falava sobre o novo paganismo que cresce no interior da Igreja⁷³, onde muitos dos que se chamam cristãos, na sua forma de viver, são pagãos. «O paganismo instalou-se hoje na própria Igreja, e precisamente esta é a característica tanto da Igreja dos nossos dias, como também do novo paganismo, pois trata-se de um paganismo dentro da Igreja e de uma Igreja em cujo coração vive o paganismo»⁷⁴. Este novo paganismo põe em perigo os próprios fundamentos da fé cristã, pois existe a tentação de fazer uma seleção muito subjetiva dos elementos do credo e viver um cristianismo à maneira de cada um.

De igual forma, quando ocorre o divórcio entre fé e vida, facilmente a vivência da fé se dissipa em mero romanticismo ou num simples sentimento. Nesse caso, as pessoas orientam-se pelos próprios sentimentos, fazendo destes o critério para conhecer Deus e o modo como orientar a sua vida. No fundo, o que se procura é libertar-se de toda a coação das religiões tradicionais. «O que parece difícil de aceitar é a necessária continuidade de uma disciplina estável, a fidelidade a um itinerário linear, que não se deixe extraviar trocando o ordenamento da vontade e da razão pela fácil satisfação que uma técnica dos sentimentos é capaz de oferecer»⁷⁵. No entanto, o essencial da fé cristã é que ela envolve integralmente a pessoa, enquanto razão, vontade, sentimento, podendo enraizar-se na vida do crente, de modo a conjugar cada vez mais existência e fé.

Em síntese, o relativismo aparece hoje como uma filosofia dominante, representando um verdadeiro desafio para a vivência da fé. Com efeito, ao colocar em dúvida a vocação do homem para a verdade, o relativismo conduz a um profundo ceticismo, no qual a verdade surge como historicamente desacreditável, ou seja, o homem já não anseia caminhar na procura da verdade, mas conforma-se com elaborar a suas próprias verdades. Ratzinger vê nessa postura relativista uma falsa humildade e, ao mesmo tempo, uma falsa soberba. Falsa humildade, porque nega ao homem a capacidade de conhecer a verdade. Uma falsa soberba, porque situa o homem acima da própria verdade, orientando a sua existência segundo os seus próprios critérios. Porém, quando tudo passa a ser relativo, o homem fica sem um fundamento onde assentar a sua existência. Por esta razão, o nosso autor insiste em apresentar Cristo como a rocha na qual pode alicerçar-se a vida. «Para

⁷³ Veja-se o artigo titulado, “Os novos pagãos e a Igreja” publicada em Joseph Ratzinger, *El nuevo pueblo de Dios. Esquemas para una Eclesiología* (Barcelona: Herder, 1972), 359-373. O próprio Ratzinger, na entrevista dada a Peter Seewald, confessa que a publicação do dito artigo provocou muitas reações negativas, a ponto de o chegarem a acusar de herético, cf. Benedicto XVI, *Últimas conversaciones con Peter Seewald* (Bilbao: Ediciones Mensajero, 2016), 122-24.

⁷⁴ Ratzinger, *El nuevo pueblo de Dios*, 359.

⁷⁵ Ratzinger, *A Igreja e a nova Europa*, 20.

nós, cristãos, a Verdade é divina; é o “Logos” eterno, que ganhou expressão humana em Jesus Cristo, que pôde afirmar com objetividade: “Eu sou a verdade”»⁷⁶. Portanto, a Igreja tem uma missão ao serviço da verdade que é irrenunciável e que deve ser realizada sempre numa atitude de abertura e de diálogo. Diz o autor:

A convivência da Igreja, na sua adesão firme ao carácter perene da verdade, com o respeito por outras “verdades” ou com a verdade dos outros é uma aprendizagem que a própria Igreja está a fazer. Nesse respeito dialogante, podem abrir-se novas portas para a comunicação da verdade⁷⁷.

3. O individualismo e a religião

A cultura moderna, caracterizada pelo relativismo, tende a ser uma cultura líquida, fluida, carente de fundamentos sólidos. Falta a convicção de que existe uma verdade objetiva inscrita na natureza pela razão divina. Sem tal alicerce, sem essa objetividade racional, o ser humano conclui que tudo é ambivalente, tudo é relativo. Na sua visita pastoral à cidade italiana de Veneza, em maio de 2011, Bento XVI fez um diagnóstico da sociedade contemporânea, definindo-a como uma sociedade líquida. Tendo mencionado indiretamente o sociólogo polaco Zigmunt Bauman⁷⁸, afirma:

«O facto de ser Veneza “cidade de água” faz pensar num célebre sociólogo contemporâneo, que definiu “líquida” a nossa sociedade, e também a cultura europeia: uma cultura “líquida”, para expressar a sua “fluidez”, a sua pouca estabilidade ou talvez a sua ausência de estabilidade, a mutabilidade, a inconsistência que por vezes parece caracterizá-la»⁷⁹.

A modernidade líquida é a da provisoriedade, do efémero, na qual os laços comunitários se desfazem facilmente, provocando um acelerado processo de individualização. Neste processo, o indivíduo aparece como o supremo valor em qualquer domínio, já que cada um determinará as regras mais convenientes, consoante os interesses pessoais. Valoriza-se o indivíduo como ser independente não podendo estar submetido a nenhuma entidade senão a ele mesmo. Por essa razão, os interesses individuais tendem a suplantar os interesses relacionados com o bem coletivo. A maior parte das vezes, os indivíduos preocupam-se com o bem-estar individual, revelando uma indiferença com as questões que dizem respeito à comunidade. Existe uma barreira que

⁷⁶ Bento XVI, Viagem apostólica a Portugal. Encontro com o mundo da cultura, 12 de maio de 2010, acessado a 26 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100512_incontro-cultura.html.

⁷⁷ Bento XVI, Viagem apostólica a Portugal 2010.

⁷⁸ Cf. Zigmunt Bauman, *Modernidade líquida* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001), 25-37.

⁷⁹ Bento XVI, Visita pastoral a Aquileia e Veneza. Encontro com o mundo da cultura e da economia, 8 de maio de 2011, acessado a 28 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110508_mondo-economia.html.

separa os indivíduos uns dos outros. Estes assemelham-se a ilhas isoladas, de tal forma que o outro se apresenta como um estranho.

Ratzinger identifica o individualismo como uma das notas dominantes da atual configuração da sociedade. A ideia de independência e a ênfase na liberdade individual fazem que o sujeito perca a noção de interdependência social. «O homem é concebido de modo individualista, ele é só ele mesmo»⁸⁰. A última palavra tem-na o sujeito, ele é a única instância sobre si mesmo. Corresponde a cada indivíduo apropriar-se da sua história, ser dono de si, e ninguém deve impedir que ele desfrute da vida, segundo aquilo que considera adequado. Frases, como “não deves”, “não podes” ou “existem critérios que é preciso respeitar”, são rotuladas, à primeira vista, como um ataque do qual a pessoa se deve defender, porque nada nem ninguém pode dizer-lhe como tem de orientar a sua vida. A preocupação da independência pessoal faz com que as pessoas vivam exclusivamente para si, que olhem para a autoridade, seja ela qual for, como uma ameaça, como algo que coloca um travão à autorrealização. Isto reflete-se nas próprias relações interpessoais, nas quais existe uma incapacidade de empatia, pois olha-se para os outros como competidores e como uma limitação à própria liberdade.

Os diferentes meios de comunicação desempenham um papel fundamental na afirmação da individualidade contemporânea. Aquilo que o indivíduo recebe através dos *media* condiciona em grande medida o seu comportamento, gostos, estilo de vida e suas escolhas. Todos os dias somos bombardeados por um sem número de publicidades que prometem satisfazer todas as necessidades e desejos.

Vivemos numa sociedade de modas, do consumo desenfreado, do imediato e do descartável. Um produto é interessante enquanto for útil, de contrário é posto de lado, ou substituído por outro com maior capacidade. Com frequência o mercado oferece às pessoas produtos personalizados segundo os seus gostos, feitos à sua medida. Parece haver permanentemente uma competição entre todos os membros da sociedade consumista. O que interessa é satisfazer os próprios caprichos. Isto faz com que a pessoa seja vista cada vez mais como um indivíduo isolado. E assim, o código de leitura da própria vida passa a ser um espelho dessa pragmática do comprar. Razão pela qual existe o risco de tentar fazer o mesmo com a religião, ou seja, procurar uma vivência da fé personalizada segundo os gostos pessoais, tornando dessa forma a religião um objeto de consumo. Muitos procuram uma espécie de religião do tipo “prato único”, com

⁸⁰ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 130.

ingredientes escolhidos e acondicionados segundo o gosto de cada um. No fundo, quer-se elaborar uma religião que corresponda às exigências da moda, «existe sempre uma tendência para se opor à palavra transmitida, para tentar enveredar pelo caminho mais cómodo, para decidir sozinho o que é válido para si, formulando as suas próprias ideologias, instituindo a ditadura das modas»⁸¹. No entanto, Ratzinger lembra que a Igreja está sempre em oposição à ditadura da moda. Faz parte essencial da sua missão opor-se à ditadura das ideologias:

Temos de estar abertos ao que de bom há em todos os períodos, ao novo que se abre neles, que possibilita sempre as dimensões completamente novas da palavra de Deus. Mas ao mesmo tempo a fé não pode perder-se no anonimato, perder a suas características. Temos de lutar contra aquilo que se opõe a Deus, até ao martírio⁸².

A fé cristã situa o homem na dimensão do que verdadeiramente permanece, independentemente das modas. Ainda que o cristão se possa sentir como um peixe que vai contra a corrente, a sua fé dá-lhe a maior prova de independência, face ao espírito da época, face ao que dizem os outros. Diante daqueles que opinam que caminhar conforme aquilo que diz a Igreja e entregar-se à sua fé, não é mais do que uma atitude de infantilismo e de falta de critérios pessoais, Ratzinger argumenta: «Isto não é uma dependência infantil, isto é valentia e liberdade para se opor às opiniões dominantes; além do mais, essa liberdade proporciona-lhe uma base firme que não foi inventada pela Igreja»⁸³.

Outro aspeto que acentua o individualismo nas sociedades modernas é o acesso à tecnologia. As novas formas de comunicação e de interação, que são oferecidas pelas redes sociais e pelas diferentes formas de entretenimento virtual, fecham cada vez mais o homem em si mesmo, conduzindo-o muitas vezes à alienação e à solidão. É verdade que os avanços tecnológicos trouxeram grandes benefícios, facilitando muitos aspetos da vida quotidiana; não obstante, alteraram profundamente os padrões de relacionamento e criaram novos paradigmas sociais. Na era cibernética em que se vive, o indivíduo parece ser um nómada que vive dentro da sua caverna sem necessidade de interagir fisicamente com os que estão à sua volta, tem detrás de um ecrã tudo o que precisa para “matar o tempo”. Desta forma, o homem gira incessantemente sobre si mesmo, procurando uma felicidade rápida e imediata, mas que termina sendo uma

⁸¹ Cf. Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 303.

⁸² Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 304.

⁸³ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 305.

felicidade transitória, fugaz, típica da sociedade líquida⁸⁴, que evita os laços duradouros e exclusivos.

O ideal do indivíduo livre e independente, conduz a uma forma de vida narcisista. Preocupa-se de forma excessiva com a aparência corporal, procurando um modelo de beleza padronizado, o qual é respaldado na cultura do consumo. E desta forma, o indivíduo entra num círculo, em que o único que interessa é o próprio bem-estar e a autogratisação. Contudo, o indivíduo depara-se consigo mesmo numa espécie de deserto, onde a sua existência, em muitas ocasiões, parece carecer de sentido, como escreve Ratzinger no ano 2010:

Se, por um lado, a humanidade conheceu inegáveis benefícios por estas transformações [...] por outro, verificou-se uma preocupante perda do sentido do sagrado, chegando até a pôr em questão aqueles fundamentos que pareciam indiscutíveis, como a fé num Deus criador e providente [...]. Se tudo isto foi elogiado por alguns como uma libertação, depressa nos demos conta do deserto interior que nasce onde o homem, desejando ser o único artífice da sua natureza e do seu destino, se encontra desprovido daquilo que constitui o fundamento de tudo⁸⁵.

O individualismo deixa o homem entregue a si mesmo, sem referências nem alicerces onde apoiar-se. A procura incessante da liberdade individual e da independência tem um preço a pagar, pois agora o homem encontra-se cada vez mais submerso na solidão, no deserto interior, perdeu a unidade da sua existência, em poucas palavras, encontra-se à deriva. Ele quer procurar um refúgio, um ponto de referência que o ajude a dar resposta às questões fundamentais que se coloca. Desafortunadamente, em muitos dos casos, ele acha que esse refúgio não está na fé cristã, na Igreja⁸⁶.

Como já foi referido, na época moderna a religião vai sendo progressivamente retirada do espaço público e confinada à esfera do privado, alegando que se trata de algo que diz só respeito ao sujeito, ou seja, ao foro íntimo. Ratzinger critica este paradoxo da modernidade que, pretendendo abolir a religião tradicional, não conseguiu abolir a dinâmica do religioso. «Tornou-se visível que a religião é uma realidade originária no Homem»⁸⁷. Agora a dinâmica do religioso encontra-se aberta a novas manifestações que flutuam na dimensão do que não é vinculativo. Acentua-se a autonomia em relação aos aspetos mais institucionalizados da religião, especialmente ao aspeto comunitário, a uma fé que nasce e cresce no interior de uma comunidade. Funciona a lógica

⁸⁴ Cf. Bento XVI, Encontro com o mundo da cultura e da economia, Veneza, 8-05-2011.

⁸⁵ Bento XVI, Carta apostólica em forma de motu próprio *Ubicumque et semper*, acedido a 15 de janeiro de 2011, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html.

⁸⁶ Cf. Ratzinger, *O Sal da Terra*, 96.

⁸⁷ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 181.

egocêntrica. Compete a cada indivíduo elaborar seu próprio itinerário. O sujeito encontra-se no centro, o que interessa são as suas necessidades, os seus anseios, o sentir-se bem. Tudo o resto deve girar em torno dele. «Facilmente a religião acaba por se tornar uma espécie de analgésico»⁸⁸. De facto, a religião apresenta-se hoje como uma farmácia à qual se pode ir comprar qualquer tipo de medicamento que ajude a acalmar a falta de sentido. Na diversidade de ofertas, cada indivíduo elabora a sua dose, podendo incluir uma porção de religiões pré-cristãs, um pouco de islamismo, uma parte de cristianismo, umas medicinas alternativas oriundas da cultura oriental. No fundo, pode servir-se da religião como uma espécie de asilo afetivo.

Em muitas pessoas do nosso tempo existe uma sede espiritual, uma disposição à volta do religioso⁸⁹, uma espécie de nostalgia de espiritualidade. «Na solidão de chumbo dum mundo sem Deus e cheio de tédio interior, desabrochou novamente a procura do misticismo, de qualquer contato com o elemento divino»⁹⁰. É neste sentido, que o nosso autor fala do surgimento de uma nova religiosidade:

Esta nostalgia provém muitas vezes de uma desilusão provocada pela insuficiência do mundo da ciência e da técnica; traz oculta uma inclinação para o passado e sobretudo um profundo ceticismo acerca da vocação do homem para a verdade [...]. Ter experimentado os limites da ciência e a fragilidade das ideologias leva ao ceticismo, em vez de infundir coragem na busca da verdade⁹¹.

Contudo, «uma religião nascida do ceticismo e da desilusão acerca das possibilidades do conhecimento não pode ser outra coisa senão o domínio do irracional»⁹². Assim, aparecem novas formas de aproximação ao religioso, que substituem o espaço ocupado outrora pelos enquadramentos tradicionais. Nesta linha pode-incluir-se o fenómeno, bastante variável, designado na sua multiformidade por *New Age*⁹³. Certamente estes novos movimentos não podem ser chamados irracionais, no sentido estrito da palavra, pois neles não se procura negar a ciência, antes se procura

⁸⁸ Ratzinger, *A Igreja e a Nova Europa*, 70.

⁸⁹ Ratzinger afirma que esta disposição de espírito se encontra muito espalhada e simultaneamente um tanto vaga. Seria errado desprezar este fenómeno, mas também seria inadequado ver nele o início de nova orientação para a fé cristã. Cf. Ratzinger, *A Igreja e a Nova Europa*, 68-70. Neste mesmo sentido, argumenta: «do mero fracasso de ideologias não surge necessariamente o renascimento do que é cristão, nem se desenvolvem grandes movimentos vivos e positivos. Criam-se espaços de decepção, que podem levar a mais quedas, mas que também oferecem a abertura de as pessoas serem tocadas pela força do que é cristão». Cf. Ratzinger, *O Sal da Terra*, 182.

⁹⁰ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 12.

⁹¹ Ratzinger, *A Igreja e a Nova Europa*, 69.

⁹² Ratzinger, *A Igreja e a Nova Europa*, 70.

⁹³ Para um aprofundamento breve e esclarecedor cf. Conselho Pontifício da Cultura, Conselho Pontifício para o diálogo Inter-religioso, Jesus Cristo, portador da água viva. Uma reflexão cristã sobre a “Nova Era”, 2003, acedido a 10 de fevereiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_20030203_new-age_sp.html.

valorizar os conhecimentos científicos de qualquer género (biologia, sociologia, psicologia, física). Porém, oferecem «um modelo totalmente antirracionalista de religião, uma moderna “mística” na qual o absoluto não pode ser acreditado, mas sim experimentado. Deus não é uma pessoa que está frente ao mundo, senão a energia espiritual que invade o Todo»⁹⁴.

A imagem de Deus apresentada por estas novas formas de religião, é de um Deus completamente diferente daquela que está presente na tradição judeo-cristã. No caso da *New Age* dá-se uma despersonalização de Deus. Como afirma o documento do Conselho Pontifício da Cultura sobre a Nova Era:

O Deus da Nova Era é uma energia impessoal, na realidade uma extensão ou componente particular do cosmos, neste sentido, Deus é a força vital ou alma do mundo. A divindade encontra-se em cada ser [...]. Em alguns escritos “clássicos” da Nova Era, está claro que os seres humanos devem considerar-se a si mesmos como deuses [...]. Já não é preciso buscar a Deus além do mundo, mas no íntimo do meu eu⁹⁵.

De certa forma, esta mensagem de um Deus energia impessoal resulta atrativa e prometedora. Com efeito, trata-se de um Deus indeterminado que se pode manipular e que, no fundo, não exige nenhum tipo de compromisso. O facto de o sagrado ser indeterminado retira-lhe peso sobre o indivíduo, faz com que não influa na orientação da vida deste⁹⁶. As pessoas querem ter uma dimensão sacral nas suas vidas, um refúgio afetivo, algo que as tire da rotina, da banalidade, sem que para isso tenham de assumir algum tipo de compromisso ou iniciar um novo projeto de vida. «Deseja-se possuir uma religião, qualquer que ela seja. Mas recusa-se um Deus pessoal, que fala, que conhece, que disse algo concreto e que se aproxima de mim com uma exigência concreta e que também me julgará»⁹⁷. Procura-se o êxtase, o desfazer-se no todo, o deixar-se envolver pelo infinito. «O Deus vivo afunda-se na profundidade espiritual da existência: o homem mergulha nele e acaba por nele se dissolver, a fim de passar a ser uma só coisa com o Todo de que provém»⁹⁸. A noção impessoal de Deus influi profundamente na forma como o homem se relaciona com ele, pois «se Deus não é um Deus que vê e ouve, se não me conhece e não está diante de mim, então a oração é dirigida ao vazio. É

⁹⁴ Joseph Ratzinger, *Relativismo teológico: un nuevo reto para la fe*. Conferencia en el encuentro de presidentes de comisiones episcopales de América Latina para la doctrina de la fe, 1996. Nesta conferencia Ratzinger identifica o fenómeno da *New Age* como a resposta conscientemente antirracionalista que pode surgir contra a visão relativista.

⁹⁵ Conselho Pontifício da Cultura, *Conselho Pontifício para o diálogo Inter-religioso, Jesus Cristo, portador da água viva*. Uma reflexão cristã sobre a “Nova Era”, § 4.

⁹⁶ Cf. Domingos Terra, «Experiência cristã: especificidade e equívocos. A propósito da expressão “viver pelo Espírito” (Gal 5,25)», *Didaskalia* 38, n. 1 (2008): 102-103.

⁹⁷ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 64.

⁹⁸ Ratzinger, *A Igreja e a Nova Europa*, 70.

apenas uma forma de autoconhecimento, de relação comigo próprio, não um diálogo»⁹⁹. Neste sentido, a religião converte-se numa espécie de auto-satisfação. Por detrás de uma pretensa procura de Deus esconde-se uma busca de si próprio. O homem em vez de procurar um encontro com Deus, busca-se a si próprio, aos seus anseios, e fecha-se em si mesmo.

Outro fenómeno que Ratzinger identifica dentro destas novas procuras do religioso o fascínio que despertam, em muitos, os cultos pré-cristãos. Na América Latina, a redescoberta das culturas perdidas é uma nova corrente muito em voga. Ela tem na sua base a visão relativista das religiões, como já referimos. Se partimos do pressuposto de que não existe uma verdade comum, válida universalmente, porque verdadeira, o cristianismo é visto simplesmente como um imperialismo espiritual. «Afirma-se que o colonialismo está ligado à essência do cristianismo histórico, que se terá negado a aceitar o outro na sua alteridade, querendo sujeitar tudo ao seu controlo. Desta maneira teriam sido esmagadas as religiões e culturas da América do Sul»¹⁰⁰. Portanto, segundo esta mentalidade, é preciso procurar o originalmente próprio, voltar à liberdade original e não deixar que se imponha uma religião que vem de fora. Este desejo de renovação de antigas religiões acaba por descambar em tendências *New Age*, que têm como finalidade a fusão de todas as religiões e a unidade do homem com o cosmos. O importante é estar em harmonia com a mãe terra, receber dela todas as energias necessárias, para sentir-se bem e alcançar o equilíbrio.

As seitas também se apresentam como uma oferta de concorrência, dentro deste mercado da religião, pois elas prometem dar um sentido à vida do homem. A sua dominante emotiva e psicológica, assim como a promoção de uma religião do sucesso e da prosperidade, faz com que ganhem muitos adeptos. Nelas a relação com Deus é, na sua maioria, uma questão de solução dos problemas. Por outras palavras, trata-se de uma relação por conveniência, da qual se procura tirar um proveito particular. Por essa razão, a maior parte das seitas acentuam a imagem do Cristo realizador de milagres. Estas ofertas mantêm igualmente a dimensão egocêntrica, na qual o indivíduo se serve da religião para procurar o ideal de permanente conforto e evitar qualquer tipo de sofrimento. Este fenómeno deixa manifesto, uma vez mais, que o homem contemporâneo «procura formas completamente novas em que a religião muitas vezes representa apenas uma forma de sublimação, com a qual se quer equilibrar o dia a dia

⁹⁹ Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, 94.

¹⁰⁰ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 16; cf. Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, 69-70.

ou também se desvia para a magia e as seitas, e depois se apresenta sob formas doentes»¹⁰¹.

De modo geral, a sociedade pluralista favorece estas adesões multidimensionais, nas quais cada indivíduo elabora uma religião à sua medida. O que se procura é experimentar coisas novas, tudo o que seja novidade desperta grande interesse. Em contrapartida, a fé cristã aparece como algo antigo, rígido, fora da moda. A fé da Igreja é entendida como algo que procede do passado, de uma forma de vida totalmente diferente da atual. «Ser cristão significa então, simplesmente, fazer parte de um aparelho e ter a ideia de que existem inúmeras orientações morais e dogmas difíceis»¹⁰². De facto, numa sociedade que promove a procura individual de experiências gratificantes, a tradição é sinónimo de peso, de atadura, da qual é preciso libertar-se para poder avançar no crescimento espiritual.

Tenhamos presente que os fenómenos que foram descritos surgem numa sociedade individualista, que deixou o indivíduo entregue aos seus próprios critérios, visto que os quadros de referência que lhe davam uma ancoragem foram abalados. Razão pela qual se procura um substituto que preencha o vazio deixado pelos enquadramentos tradicionais. Em rasgos gerais, Ratzinger descreve a abertura do homem moderno ao divino da seguinte forma:

Há um desejo de religião e o desejo de voltar a receber algo da sua força; também se tem consciência de que precisamos da religião e de que falta alguma coisa à nossa vida. Isto é, certamente, positivo, mas ainda está ligado a uma conceção excessivamente autocrática da pessoa. A humildade de reconhecer a verdade que exige algo de mim e que não escolho arbitrariamente ainda está, em grande medida, ausente¹⁰³.

Segundo o nosso autor, falta essa humildade de reconhecer que não se trata de querer uma religião feita à imagem e semelhança das necessidades pessoais, mas de se deixar interpelar e ser dirigido. Há uma dificuldade em aceitar o convite a sair de si para acolher a interpelação de Deus.

4. O perigo do desvio subjetivista da fé

O ato de fé é simultaneamente individual e comunitário. Estes dois elementos são essenciais à fé cristã. É a pessoa concreta que individualmente acolhe a fé, e este acolher dá-se num espaço vital que é a comunidade eclesial. Não pode existir uma fé individual sem uma comunidade de fé. Existe, desta forma, um duplo sujeito na fé, o

¹⁰¹ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 96.

¹⁰² Ratzinger, *O Sal da Terra*, 96.

¹⁰³ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 183.

“eu” e o “nós”. Ambos devem caminhar lado a lado, numa relação de complementaridade. Contudo, a postura individualista que caracteriza o homem moderno, levanta novas questões e impõe-lhe tarefas com vista a esta relação. O sujeito crente revela hoje um acréscimo de individualidade. A balança tende a pesar mais da parte do indivíduo, que se quer afirmar perante o “nós” comunitário.

O ideal de liberdade individual a que se aspira hoje defende que, para ser livres, é preciso desvincular-se de qualquer tipo de autoridade e ser a própria pessoa a conduzir a sua existência. Logicamente isto aumenta a tendência de procura de percursos independentes, nos quais é o próprio indivíduo a marcar o caminho do seu percurso e a escolher de que forma e com que meios percorre esse caminho. Ele quer explorar coisas novas, ter mais experiências, sair daquilo que é comum e conhecer novos cenários. No fundo, não se conforma com o tradicional, mas procura a novidade. Por outras palavras, o crente quer ser ave que levanta voo livremente sem conhecer fronteiras.

Devido ao impacto que produz a cultura do individualismo no crente, facilmente a comunidade eclesial é vista como uma espécie de gaiola que pretende limitar a liberdade. Parece que a missão da Igreja é cortar as asas da ave que quer aventurar-se, pois com as suas regras e obrigações põe uma barreira no caminho que leva ao horizonte aberto. «Julga-se que a Igreja é um sistema muito velho e esclerosado, que se isola e endurece cada vez mais, formando uma couraça, com a qual esmaga a própria vida»¹⁰⁴. Ora nós sabemos que, na realidade, a missão da Igreja não é atraparhar os percursos individuais, mas oferecer as coordenadas de voo para que cada qual realize a sua trajetória sob uma orientação. Com efeito, viver a fé cristã não significa que cada qual vai por onde quer, orientando-se segundo os seus gostos ou interesses, já que «como ela [a fé] é descritível, também podemos traçar-lhe os seus limites. Podemos dizer claramente a partir de que altura se deixa de ser crente»¹⁰⁵. O nosso autor deixa claro que existe uma fronteira entre o que significa viver a fé cristã ou situar-se fora dela:

«Se alguém já não o é [crente], ou já não pode sê-lo, deve ter a coragem de dizer: “já não posso viver esta identidade, já não a tenho como verdade e por isso abandono-a”. Mas aceitar que tudo degenera numa espécie de nebulosa constituída por um conjunto de hábitos não serve a ninguém»¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 15.

¹⁰⁵ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 224.

¹⁰⁶ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 224.

Esta nebulosa que se pode criar à volta da vivência da fé é, na maior parte das vezes, produto da mistura de elementos, que, como já referimos, provêm de outras religiões e que ameaçam a essência do próprio Cristianismo. Ora, se esta nebulosa permanece, pouco a pouco vai-se perdendo a identidade cristã, gerando a impressão de que, no fundo, ninguém sabe muito bem no que acredita, razão pela qual se pode escolher qualquer coisa. Neste sentido, facilmente se pode chamar fé cristã àquilo que não é. Por isso, Ratzinger insiste em realçar a união indivisível entre o “eu” crente e o “nós” comunitário, já que «a fé é-nos dada como parte integrante desse Nós, de outra forma não existe»¹⁰⁷.

A ênfase exagerada que a sociedade atual atribui ao indivíduo altera significativamente a relação entre o crente e a comunidade. Corre-se o risco de que na relação com o divino o indivíduo permaneça individual, deixando comprometida a dimensão comunitária da fé, provocando assim o desvio subjetivista da fé. Para evitar que ocorra este desvio, é necessário que o crente olhe para a comunidade eclesial, não como sua adversária, mas como a referência a partir da qual pode orientar-se. E que de novo a comunidade permaneça como esse contexto vital, no qual se podem integrar as diferentes experiências individuais.

5. Ligação da fé individual ao âmbito eclesial

A ditadura do relativismo ameaça tirar ao crente as suas referências e, dentro destas, encontra-se a comunidade eclesial. Noutra época, o crer era entendido como um ato de confiança no saber da Igreja, tratava-se de um crer com a Igreja¹⁰⁸. Contudo, hoje existe uma espécie de desconfiança perante qualquer tipo de referência objetiva. Resulta mais simples deixar-se levar por aquilo que está na moda, por aquilo que agora parece interessante, mas que amanhã se pode trocar. Falta um ponto de referência, no qual o ser humano possa ancorar a sua existência e a sua fé. Por esta razão, a ligação da fé individual ao âmbito comunitário resulta algumas vezes conflituosa.

A comunidade eclesial deve significar para o crente a referência a partir da qual orienta a sua vivência da fé. Os diversos “eu” crentes estão chamados a encontrar na comunidade o seu fundamento comum, esse lugar no qual podem encontrar o património de fé transmitido ao longo da história. Como sabemos, cada crente é sujeito de um ato de fé pessoal, que está dependente de um ambiente onde exista uma

¹⁰⁷ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 64.

¹⁰⁸ Cf. Ratzinger, *O Sal da Terra*, 27.

linguagem de fé, ou seja, de uma comunidade de fé. Se esta atmosfera de fé não existe, dificilmente a adesão individual ocorre. A relevância da comunidade é primordial. Não existe “eu” crente sem uma comunidade de fé. A própria profissão de fé é simultaneamente um ato pessoal e comunitário. Por essa razão, o primeiro sujeito da fé é a Igreja. Como afirma o Catecismo da Igreja Católica:

“Eu creio” é a fé da Igreja professada pessoalmente por cada crente, principalmente por ocasião do Baptismo. “Nós cremos” é a fé da Igreja, confessada pelos bispos reunidos em Concílio, ou de modo mais geral, pela assembleia litúrgica dos fiéis. “Eu creio” é também a Igreja, nossa Mãe, que responde a Deus pela sua fé e nos ensina a dizer “Eu creio”, “Nós cremos”¹⁰⁹.

Desta forma, a fé cristã é a fé da Igreja, a fé de homens e mulheres que fazem a Igreja. Isto significa que é uma realidade anterior ao crente individual, ela encontra-se antes da decisão individual, é um dom de Deus que chega até ao homem através da Igreja. Quando o crente confessa “eu creio”, não diz que está individualmente a inventar a fé, mas faz uma profissão como um membro da comunidade que também realiza e exprime a fé da Igreja. Por outras palavras, a fé cristã só pode ser eclesial, «ninguém pode crer sozinho. A fé só é possível em comunhão com outros crentes. A fé pela sua própria natureza é força que une»¹¹⁰.

Se a fé é força que cria unidade, significa que os crentes têm entre si uma espécie de parentesco que os une. Daí a importância de se manter a ligação entre a fé professada individualmente e a comunidade eclesial. Esta ligação evita que aconteçam possíveis desvios nas vivências da fé. Isto não significa que os percursos individuais devam ser em rigor uma cópia da fé da Igreja, mas a minha forma de viver a fé não a deve contradizer. A Igreja nunca pretende que todos os cristãos tenham uma fé uniformizada, estática, que se possa medir com uma fórmula matemática. «A evidência da fé não é geométrica»¹¹¹. Antes pelo contrário, ela tem como modelo o evento do Pentecostes, no qual acontece o milagre da comunhão entre pessoas de procedências diferentes.

A Igreja é o lugar no qual as diversas vivências da fé podem conviver. Ratzinger utiliza o conceito de sinfonia¹¹², para ilustrar o pluralismo no interior da Igreja. A fé cristã não é um som homofónico, mas sim polifónico, pois, graças à ação do Espírito Santo, sons aparentemente opostos podem encontrar a harmonia, criando-se uma

¹⁰⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), 51.

¹¹⁰ Hans Urs Von Balthazar, Joseph Ratzinger, *¿Por qué soy todavía cristiano? ¿Por qué permanezco en la Iglesia?* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005), 105.

¹¹¹ Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología*, 77.

¹¹² Conceito utilizado pelos Padres da Igreja para expressar a síntese entre unidade e multiplicidade no interior da comunidade eclesial. Cf. Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología*, 93-96.

verdadeira unidade, que vai mais além de estabelecer uma socialização dentro de um grupo determinado. Trata-se de realizar a verdadeira socialização do homem que consiste na comunhão com o divino. Desta forma, da união dos homens com Deus opera-se, por sua vez, a unidade dos homens entre si, criando uma verdadeira sinfonia. Enfim, tem de existir sintonia entre os percursos individuais e a fé eclesial enquanto tal.

É importante ter presente que a fé individual não fica diluída na fé da Igreja, como se esta última limitasse a primeira, a qual careceria de valor. De facto, a fé eclesial constrói-se na comunhão e na sintonia dos diferentes “creres” individuais. Isto significa que cada percurso de fé tem importância e valor, a sua contribuição é única. É a pluralidade e a diversificação das vivências da fé que enriquecem a Igreja. Pois esta, como mãe, deve acolher e acompanhar os diversos percursos individuais, e neste acompanhamento deve discernir sobre eles. Esta tarefa de discernimento torna-se hoje de grande importância para evitar que ocorra o já mencionado desvio subjetivista da fé¹¹³.

Cada cristão é chamado a demonstrar que a sua vivência da fé não contradiz a objetividade eclesial, a manifestar que a fé professada na primeira pessoa é a fé da Igreja. Já que o ambiente individualista e relativista exerce facilmente uma influência negativa sobre o crente, este corre o risco de chamar fé cristã àquilo que não é. A fé cristã não se baseia na opinião das maiorias. Pelo facto de um grupo de pessoas afirmar que certa atitude ou certa prática é cristã, não quer dizer que o seja. Aqui não funciona a dinâmica dos partidos ou dos gostos. Uma comunidade eclesial, cujos fundamentos se apoiem nas decisões de uma maioria, transforma-se numa coletividade meramente humana e, assim, a fé é substituída pela opinião. Em vez de confessar “eu creio”, deveria dizer-se: “nós pensamos, nós opinamos”. Contudo, a particularidade da fé cristã não consiste no que nós opinamos ou fazemos, mas no que nos é dado¹¹⁴. «O dom da fé consiste precisamente em que existe algo que é dado de antemão»¹¹⁵. O crer cristão não depende das decisões individuais, embora também não seja independente dessas decisões. A Igreja é mais do que um grupo de ativistas que se reúnem para levarem uma vida comunitária, ela não se reduz à assembleia que se reúne no domingo para celebrar a eucaristia. A realidade da Igreja vai inclusivamente para além da morte. Dela formam parte todos os santos, todos os desconhecidos, cuja fé só Deus conheceu. Portanto, não

¹¹³ Em relação ao tema do discernimento eclesial cf. Domingos Terra, «Discernir o crer cristão», *Didaskalia* 37, n. 2 (2007).

¹¹⁴ Cf. Ratzinger, *Ser cristiano en la era neopagana*, 17-18.

¹¹⁵ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 147.

são as maiorias ocasionais que decidem as coordenadas pelas quais se devem orientar os percursos individuais da fé, «os santos são a maioria verdadeira e determinante segundo a qual nos orientamos»¹¹⁶. Existe, desta forma, uma visão de conjunto, uma continuidade que ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço:

A Igreja vive precisamente da identidade de todas as gerações, da identidade que vai para além do tempo, e a sua verdadeira maioria é constituída pelos santos. Cada geração procura tomar o lugar entre os santos e dá o seu contributo. Mas só pode fazê-lo ao aceitar esta grande continuidade e ao familiarizar-se com ela¹¹⁷.

Desta forma, evidencia-se a necessidade de que exista uma ligação entre o “eu” e “nós” da fé, visto que ninguém está imune à influência da visão individualista que caracteriza as nossas sociedades e que, de uma ou outra forma, pode interferir na vivência da fé. Os próprios interesses podem colocar-se facilmente em primeiro lugar, mas na fé cristã a primazia deve dar-se a Deus. O crente é convidado a reconhecer na comunidade o espaço vital, no qual pode desenvolver livremente o seu percurso de fé. Deve ter presente que não é ele quem inventa a fé, ela já existia antes de ele nascer: «A fé não chega até ao homem enquanto eu isolado, mas recebe-se no seio da comunidade dos que acreditaram antes dele»¹¹⁸.

Ao fazer, neste primeiro capítulo, um breve percurso através das linhas gerais do pensamento de Joseph Ratzinger no que se refere à problemática da fé no mundo atual, assinalamos a preocupação que o nosso autor manifesta em conhecer a profundidade, as diversas ideologias e as formas de comportamento que caracterizam o homem contemporâneo. Assim, ele identifica a influência que o relativismo e o individualismo têm na atual crise de fé. Para Ratzinger, o risco de perder os elementos fundamentais da fé ou de que eles sejam revestidos numa roupagem não cristã, é real. Com efeito, a afirmação intensificada da individualidade e a defesa da liberdade, que tanto caracterizam a nossa época, têm repercussão na vivência cristã. Facilmente esta vivência pode misturar-se com formas não cristãs e elaborar uma síntese subjetiva, a partir de elementos que muitas vezes são contrários à sua essência. Por essa razão, Ratzinger não se limita a fazer um diagnóstico severo em relação aos problemas que afetam a vida da fé, mas procura sempre indicar caminhos que levem o homem à

¹¹⁶ Ratzinger, *Ser cristiano en la era neopagana*, 26.

¹¹⁷ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 149.

¹¹⁸ Ratzinger, *Teoría de los principios teológicos*, 32.

procura da verdade, caminhos que levem o crente a descobrir a riqueza da fé compartilhada, da fé vivida em comunidade.

CAPÍTULO 2

ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS DE UMA ATITUDE CRISTÃ DE FÉ

Uma vez delineada a situação da fé cristã face aos desafios que o mundo contemporâneo lhe apresenta, passaremos, no presente capítulo, a identificar o que é específico da fé cristã. Ratzinger sempre manifestou uma grande preocupação em demonstrar o essencial da fé cristã, para assim evitar possíveis desvios. De facto, durante o seu magistério a temática da fé esteve presente desde a sua primeira encíclica até à sua última audiência. Teve um especial destaque ao ser abordada de forma explícita durante a XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, cujo tema foi: “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. Em tal contexto, a importância da fé aparece reforçada com a decisão de Bento XVI de proclamar o Ano da fé e com a elaboração da Encíclica *Lumen Fidei*, posteriormente publicada pelo Papa Francisco. O Ano da fé proclamado por Bento XVI pretendeu dar novo vigor à vivência da fé, pois existe o risco de que a fé não seja já entendida no seu sentido profundo e não seja assumida e vivida pelos cristãos como o instrumento que transforma a vida com o grande dom da filiação de Deus na comunhão eclesial. Com efeito, existe a noção de que muitos cristãos ignoram o núcleo central da fé e, por isso, facilmente são levados por qualquer vento de doutrina.

Para ajudar a mostrar que a fé pode dar sentido a uma verdadeira existência humana nos nossos dias, a primeira coisa que faz Ratzinger é refletir sobre o que é a fé em geral e o que deve ser o ato de fé de cada crente em particular. O teólogo alemão aplica os seus conhecidos princípios personalistas à natureza do ato de fé e, assim, as categorias de pessoa, razão e relação encontram uma profunda unidade. A fé nasce do encontro pessoal com Cristo. Existe um chamamento de Deus que requer uma resposta inteligente e livre por parte do ser humano. Aqui evidencia-se o esquema dialógico e personalista presente no ato de fé. Por isso, o nosso autor descreve o ato de fé como o encontro entre duas liberdades: a de Deus e a do ser humano. Assim, a fé é uma relação que se estabelece entre Deus e cada crente num contexto de confiança. Trata-se de uma confiança que transcende o meramente afetivo, para chegar ao âmbito intelectual, à própria razão.

Ratzinger insiste em afirmar que o crer é racional. O ato de fé nunca pode ser um ato cego, nem uma vinculação sem conteúdo. Antes pelo contrário, é abrir o ser humano à verdade. Portanto, é um ato que envolve a pessoa toda: sentimentos, intelecto, razão,

ética, vontade. Neste sentido, constatamos a base existencialista do pensamento ratzingeriano, segundo o qual a pessoa na sua totalidade desempenha um papel importante. Com efeito, a fé penetra no mais íntimo da existência humana. A partir do encontro com Cristo, a existência passa a ser iluminada por uma nova luz e assim o crente inicia um caminho no qual renuncia à sua autossuficiência e se deixa guiar por essa nova luz. Isto significa que o itinerário da fé sempre comporta um caminho de conversão. Resumidamente, podemos dizer que, segundo Ratzinger, a fé será sempre um ato teologal, pessoal e interpessoal, assim como eclesial e sacramental, pois se recebe na Igreja por meio do batismo.

No presente capítulo, vamos refletir, então, na dimensão pessoal e interpessoal do ato de fé. Num primeiro ponto, falaremos da estrutura dialógica própria da fé cristã e como a fé se dá num contexto de encontro pessoal, revestido duma atitude de confiança. Num segundo momento, mostraremos como a fé não está em oposição às potencialidades e aos dinamismos da própria razão. Em terceiro lugar, chamaremos à atenção para o facto de a fé não ser, em primeiro lugar, um sistema de conhecimentos, mas uma afirmação sobre a existência. Para compreender melhor em que consiste a fé como decisão sobre a existência, recorreremos ao testemunho do Patriarca Abraão, o qual nos mostra a fé como um caminho. Ora, se a vivência cristã implica pôr-se a caminho, significa que a fé está sujeita a um processo de crescimento. Assim, no último ponto falaremos do itinerário da fé, para assim sublinhar a necessidade da conversão no percurso cristão. De igual forma, sublinharemos a dimensão eclesial da conversão, pois o encontro com Cristo não fecha o indivíduo numa atitude individualista, mas o introduz no “nós” da Igreja.

1. Fé como ato pessoal e interpessoal

A verdade cristã é vivida por pessoas concretas, nunca é uma realidade abstrata, por isso, vive-se no subjetivo. O encontro com Cristo ressuscitado acontece por meio de uma experiência de vida, ou seja, de uma vivência concreta. Deus dá-se a conhecer dentro de uma experiência que é vivida. Não se pode definir o que é a fé cristã, prescindindo daquilo que a pessoa experimenta na sua história. É Deus que entra nessa história e aí manifesta o seu amor. Ao entrar na realidade da pessoa, a fé adquire um rosto particular, que nos mostra o que ela é:

O que de facto significa a fé para o homem não pode ser demonstrado de um modo abstrato e só se pode tornar evidente nos homens que viveram coerentemente e até ao fim essas exigências: Francisco de Assis, Francisco Xavier, Inácio de Loyola, Teresa de Ávila,

Teresa de Lisieux, Vicente de Paulo, João XXIII – nestes homens e, no fundo, somente a partir deles se consegue perceber que tipo de decisão está em causa – a fé¹¹⁹.

A vida dos santos é um exemplo de como a fé adquire tonalidades diferentes, pois esta inscreve-se numa vivência específica, num terreno humano composto por uma fisionomia própria, com condicionalismos sociais e psicológicos particulares. O facto de a fé ser um dom que é acolhido e nunca algo inventado ou fabricado, não significa que o ser humano permaneça na passividade, pois compete-lhe a ele apropriar-se dela e dar-lhe uma nova configuração e uma forma particular. Neste sentido, apropriar-se significa acolher a fé de forma ativa e pessoal¹²⁰. Ser cristão é o resultado do encontro pessoal entre uma liberdade individual e uma oferta que chega do exterior. Significa que não somos nós os primeiros a fazer seja o que for, mas é Deus que se antecipa, vindo ao nosso encontro.

Para o nosso autor, o sujeito da fé deve ser entendido na sua integridade, porque é o homem todo que acolhe a revelação divina¹²¹. A fé é uma atitude existencial global que envolve todas as potencialidades humanas e diz respeito a todas as facetas do viver. Sendo assim, a experiência cristã define-se como uma experiência que é integral da pessoa, que implica a pessoa toda, e não só uma parte da mesma. A fé envolve toda a existência, é uma opção fundamental que se estende a todos os âmbitos da vida, não é um acontecimento meramente intelectual, nem meramente voluntário ou emocional, mas é tudo isto no seu conjunto.

É uma decisão que tem a ver com toda a orientação da minha própria existência; como vejo o mundo, como eu próprio quero ser e como hei-de ser. Não é qualquer uma das muitas decisões exteriores que existem no mercado das possibilidades que se me oferecem, mas, pelo contrário, está em questão toda a conceção da vida¹²².

Hoje sabemos o que é a fé, graças a pessoas concretas que aceitaram na totalidade da sua vida o convite de Jesus a segui-lo e manifestaram no mundo o seu amor. O apelo da fé é dirigido ao indivíduo, por isso o cristianismo vive-se a partir do indivíduo e para o indivíduo, visto que a transformação da história somente pode acontecer por iniciativa do mesmo. É precisamente pelo lugar que ocupa o indivíduo na fé cristã que ele pode reconhecer noutro indivíduo o elemento decisivo para a sua salvação. De facto, no cristianismo tudo depende de um indivíduo concreto, do homem Jesus de Nazaré. É

¹¹⁹ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 34.

¹²⁰ Cf. Domingos Terra, «Discernir o crer cristão», *Didaskalia* 37, n. 2 (2007): 51-52.

¹²¹ O princípio pessoa, Ratzinger recebe-o como herança desde sua primeira formação filosófica e teológica, a partir do intimismo de S. Agostinho, o existencialismo de Jaspers e Heidegger e a filosofia do diálogo de Martin Buber. Desde um primeiro momento mostrou-se partidário do personalismo e existencialismo de princípios do século XX. Cf. Pablo Blanco, *La teología de Joseph Ratzinger*, 125-39.

¹²² Ratzinger, *O Sal da Terra*, 18.

neste sentido que Ratzinger fala do indivíduo na sua relação com o todo: «o escândalo inaudito consiste em crer que um único indivíduo, isto é, Jesus Cristo, é a salvação do mundo. O indivíduo é a salvação do todo, e o todo recebe a salvação somente do indivíduo»¹²³. O indivíduo está em função do todo, pois a fé cristã não parte da visão do homem como ser isolado, mas como um ser integrado no todo, na humanidade, na criação. Ser cristão implica, em primeiro lugar, não um carisma individual, mas um carisma comunitário: «Como a fé cristã requisita o indivíduo, precisando dele não para si mesmo, mas para o todo, a verdadeira lei fundamental da existência cristã encontra-se na expressão “em prol de”»¹²⁴.

A vida de Jesus foi uma entrega total em prol da humanidade, de tal forma que os cristãos estão chamados a não viverem já para si mesmos, mas em prol dos outros, a exemplo do Mestre. Ser cristão significa abandonar a atitude individualista de estar centrado em si, e abrir-se ao todo. Quando Jesus diz para os seus discípulos: «Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (*Mc* 8,34), lembra que a vocação do discípulo passa por este negar-se a si mesmo, ou seja, contrariar o próprio eu e colocar-se ao serviço dos outros. Pode tomar-se o exemplo de S. Paulo, que recebeu do Ressuscitado uma identidade nova, na qual o seu “eu” fechado se abriu para viver em comunhão com Jesus Cristo no “nós” dos crentes, que se tornam um em Cristo, por isso afirma: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (*Gl* 2,20).

Desta forma, o ato de fé, embora sendo um ato individual, não é individualista, pois nele o crente não permanece como um eu fechado, mas aberto ao todo. Do encontro entre o “eu” da pessoa humana e o “Tu” de Jesus Cristo cria-se o “nós” da Igreja:

É evidente que a fé não resulta de uma reflexão solitária em que o eu, refletindo sobre a verdade, sozinho e livre de qualquer compromisso, chega a uma conclusão qualquer para seu próprio uso. Na verdade, a fé é o resultado de um diálogo, que pressupõe a disposição de ouvir, de receber e de responder, que remete o ser humano, pela relação do eu com o tu, para o nós daqueles que participam dessa mesma fé¹²⁵.

A fé é um ato pessoal que parte da resposta livre do homem à proposta de Deus, trata-se de uma relação profundamente pessoal. Não há enunciação da verdade da fé que não seja na primeira pessoa. Porém, o “eu creio” insere-se necessariamente num contexto comunitário, já que nunca é um ato isolado, e sempre conduz o crente para fora de si mesmo, introduzindo-o na comunhão com os outros. O importante é que tal

¹²³ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 182.

¹²⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 183.

¹²⁵ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 63.

relação pessoal nunca seja simplesmente individualista, mas que se comunique, que conduza o homem à comunhão¹²⁶. Com efeito, o ser humano, ao ser criado como ser relacional, tem esta necessidade do outro, não foi criado para permanecer só. A relação íntima com Cristo rompe qualquer tipo de barreira e abre espaço a uma relação mais ampla com os outros.

1.1. Dimensão dialógica da fé

Para Ratzinger, a fé dá-se num contexto de encontro pessoal, o qual envolve a totalidade da pessoa, todas as suas faculdades e dimensões. Contudo, além de ser um ato pessoal e interpessoal, através do encontro com Jesus Cristo, a fé é um ato teologal. É Deus quem toma a iniciativa, é Ele quem dá a fé. «Deus procura o homem na sua condição mundana e terrena; Deus, que ninguém por si pode descobrir, nem o mais puro, vai à procura do homem e entra em relação com ele»¹²⁷. A primazia da acção divina resulta determinante no ato de fé, já que, é Deus quem sai ao encontro do ser humano, e penetra no mais profundo do seu ser. Por isso, a fé é um dom que se recebe de Deus, nunca algo fabricado ou inventado. Ela é sobretudo dom que pode ser acolhido. Isto significa que requer, por sua vez, atividade e receptividade, dom e tarefa, chamamento e resposta.

Na vivência da fé, a interpelação por parte de Deus e a resposta por parte do ser humano assumem a estrutura de um diálogo. Sabemos que um diálogo só acontece com a participação de duas entidades: uma que transmite a mensagem e outra que a acolhe. Ambos os interlocutores têm a sua contribuição a dar, nenhum permanece na passividade. O diálogo surge, quando junto à palavra está a escuta, e quando na escuta se realiza o encontro. Não é por haver muitas palavras que o diálogo acontece, mas porque através da escuta dessas palavras se reconhece o outro, deixando-o entrar no âmbito do próprio eu. Neste sentido, a fé é um acontecimento dialógico-pessoal. Trata-se de um diálogo entre duas realidades, uma realidade sobrenatural, divina, e uma outra realidade que corresponde à vida concreta do homem. De facto, muitos santos descrevem a sua relação com Deus, precisamente como um contínuo diálogo com um “Tu” que vem ao seu encontro para lhes falar e os interpelar: «A fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama pelo nome»¹²⁸.

¹²⁶ Cf. Ratzinger, *O Sal da Terra*, 28.

¹²⁷ Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, 40.

¹²⁸ Francisco, *Carta Encíclica Lumen Fidei* (Prior Velho: Editora Paulinas, 2013), nº 8.

Com efeito, só na escuta e na resposta da fé, numa experiência concreta de vida, é que a revelação divina se torna realmente dom significativo para a existência do crente. Com a revelação é o próprio Deus que se auto-comunica, por isso, a fé deve ser entendida como acontecimento de relação pessoal e não como algo que consiste apenas em dar a conhecer um conjunto de verdades ou como mera informação vinda de cima. «A fé não é simples assentimento intelectual do homem a verdades particulares sobre Deus; é um gesto mediante o qual me confio livremente a um Deus que é Pai e que me ama; é adesão a um “Tu” que me dá esperança e confiança»¹²⁹.

A estrutura dialógica insere-se no centro da atitude de fé como relação pessoal e íntima com Deus. Através deste diálogo íntimo e singular, o homem acolhe a revelação divina, por meio da qual procura ouvir o que Deus diz, e discernir o que Ele quer de si. Isto significa que a vivência pessoal da fé é expressão de uma singularidade irrepetível, única e especial. Viver a fé é ser chamado a dar uma resposta pessoal e individualizada nas circunstâncias próprias de cada um. Portanto, a fé cristã surge como a experiência do dom e da resposta.

Ora, nesta dinâmica de diálogo, Deus é quem torna o homem capaz de ouvir a sua palavra e responder ao apelo lançado por ela, como lembrava Bento XVI numa das catequese realizadas por motivo do ano da fé:

Eis, pois, a maravilha da fé: Deus, no seu amor, cria em nós – através da obra do Espírito Santo – as condições adequadas para que possamos reconhecer a sua Palavra. O próprio Deus, na sua vontade de se manifestar, de entrar em contacto connosco, de se fazer presente na nossa história, torna-nos capazes de o ouvir e acolher¹³⁰.

Sendo assim, a fé é antes de tudo um dom divino, uma dádiva de Deus. O Concílio Vaticano II no nº 5 da constituição dogmática *Dei Verbum*, apresenta o ato de fé como a entrega livre e total do homem a Deus. Trata-se de uma entrega que requer a convergência tanto da inteligência e da vontade, como da ajuda da graça divina:

Para professar esta fé, é necessária a graça de Deus que previne e ajuda, e os auxílios internos do Espírito Santo, o qual mova e converta para Deus os corações, abra os olhos da alma, e dê a todos a suavidade no aderir e dar crédito à verdade. E para que a inteligência da revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa constantemente a fé, por meio dos seus dons¹³¹.

¹²⁹ Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, Quarta-feira, 24 de outubro de 2012», acessido a 10 de abril de 2021, <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hfben-xviaud20121024.html>.

¹³⁰ Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, quarta-feira, 17 de Outubro de 2012 », acessido a 10 de abril de 2021, <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hfben-xviaud20121017.html>.

¹³¹ Concilio Vaticano II, «Dei Verbum», *Vaticano II* (Lisboa: União gráfica, 1967), nº 5.

Desta estrutura dialógica da fé resulta que a própria resposta humana é de certa forma um dom de Deus, pois é a graça do Espírito Santo que ajuda o crente a tomar uma posição perante a interpelação lançada por Deus. Contudo, isto não retira valor à liberdade humana, pois a fé é sempre um ato profundamente livre e humano. O *Catecismo da Igreja Católica* afirma-o claramente: «O ato de fé só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um ato autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem»¹³². Então, a fé é um assentimento com que a inteligência e a liberdade dizem o seu “sim” à vontade de Deus. Ora, esta resposta afirmativa faz com que o homem saia de si mesmo, dos seus esquemas mentais e se confie à acção de Deus, pois crer implica confiar-se com toda a liberdade aos desígnios de Deus. No fundo, «a fé consiste na disponibilidade a deixar-se incessantemente transformar pelo chamamento de Deus»¹³³.

Crer é entrar num diálogo continuado, vivido no concreto das circunstâncias pessoais e históricas, no qual Deus se revela como amor. O nº 2 da *Dei Verbum* expõe esta realidade, afirmando que «Deus invisível, na abundância do seu amor, fala aos homens como a amigos e conversa com eles, para os convidar e os receber em comunhão com Ele». Portanto, no centro do diálogo encontra-se o amor de Deus manifestado em Cristo. Na Cruz, revela-se que tipo de amor é esse: um amor que é dom de si mesmo, entrega total. Isto significa que o homem deve responder a este gesto de amor. Tendo presente que se trata de um amor que supera todas as capacidades humanas de amar, a sua resposta dificilmente poderá igualá-lo.

Ter fé é encontrar este “Tu”, Deus, que me sustém e me faz a promessa de um amor indestrutível, que não só aspira à eternidade, mas também a concede; é confiar-me a Deus com a atitude da criança, a qual sabe bem que todas as suas dificuldades, todos os seus problemas estão salvaguardados no “tu” da mãe¹³⁴.

A dimensão dialógica da fé evidencia a primazia de Deus no percurso da vida cristã. Ele é quem procura o ser humano para dialogar, e também é Ele quem possibilita que este diálogo seja possível. Compete ao ser humano aceitar este convite para caminhar na estrada da vida, não sozinho, mas dialogando com Ele. Ora, é precisamente no dialogar com Deus que o cristão encontra respostas para as perguntas mais profundas que inquietam o seu coração. Com efeito, é abrindo-se a este diálogo que pode

¹³² Catecismo da Igreja Católica, nº 154.

¹³³ Francisco, *Lumen Fidei*, nº 13.

¹³⁴ Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, 24 de outubro de 2012», acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xviud20121024.html.

compreender-se a si mesmo e pode interpretar a sua história, sendo que Deus se dá a conhecer no diálogo.

1.2. Fé como encontro

Entender a vivência cristã como um diálogo entre Deus e o homem significa que a fé surge a partir de um encontro pessoal. Ser cristão não é somente acolher uma doutrina, um conjunto de regras morais ou receber uma tradição, é antes de mais, um encontro real com Jesus Cristo. Como reafirmou o papa Bento XVI, na sua primeira carta encíclica:

No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo. [...] Uma vez que Deus foi o primeiro a amar-nos (1Jo 4,10), agora o amor já não é só um “mandamento”, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro¹³⁵.

A categoria do encontro explicita a profundidade que pode adquirir a relação entre Deus e o ser humano. Segundo o dicionário, a palavra encontro significa: «ato de chegar um diante do outro, ato de ficar frente a frente, dar de cara com»¹³⁶. Ora, o ato de fé é precisamente este dar de cara com Deus que vem ao encontro do ser humano. Assim, ao falar-se da fé como encontro, afirma-se que a relação com Deus não é distante ou abstrata, mas trata-se de uma relação de proximidade, ou seja, da entrada de Deus na existência do ser humano. Por essa razão, a fé nunca deve ser entendida como um encontrar algo, mas um encontrar-se com um “Tu” que penetra no ser da pessoa, e entrando nela, abre espaço para o diálogo e para a comunhão. «A fé cristã é mais do que uma opção por um fundamento espiritual do mundo, e é por isso que a sua fórmula central não diz “creio em algo”, e sim “creio em Ti”»¹³⁷.

O encontro com Jesus representa o núcleo central da fé. Sem este encontro não pode haver vivência cristã. Nas diversas catequese realizadas por motivo do ano da fé, Bento XVI realçou a importância do encontro pessoal com Jesus Cristo:

Com efeito, no nosso tempo é necessária uma renovada educação para a fé, que inclua sem dúvida um conhecimento das suas verdades e dos acontecimentos da salvação, mas sobretudo que nasça de um encontro verdadeiro com Deus em Jesus Cristo, do amá-lo, do ter confiança nele, de modo que a vida inteira seja envolvida por Ele¹³⁸.

¹³⁵ Bento XVI, *Deus caritas est*, nº1.

¹³⁶ Dicionário Moderno da Língua Portuguesa, (Porto: Porto Editora, 2018), 351.

¹³⁷ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 55.

¹³⁸ Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, quarta-feira, 24 de outubro de 2012», acessado a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121024.html.

O Papa afirma que é a vida inteira, o homem na sua integridade, que participa do encontro, não é algo que interessa unicamente ao campo do saber intelectual, mas é um acontecimento que compromete a vida, a totalidade do ser: sentimento, coração, inteligência, vontade, corporeidade e emoções. Por isso, a vida de fé consiste em experimentar a entrada de Deus no interior da própria história, com tudo aquilo que faz parte dessa história, nenhum aspeto fica excluído. Sem dúvida que esse encontro com Deus na história, mantém sempre o seu caráter de mistério. O crente nunca conseguirá descrever minuciosamente como é que este acontece, pois ele permanece sempre além dos seus conceitos e da sua razão. Em relação a este mistério que envolve a revelação divina, Bento XVI afirma:

O mistério por sua vez não é irracional, mas superabundância de sentido, de significado, de verdade. Se, olhando para o mistério, a razão vê obscuridade, não é porque no mistério não haja luz, mas sobretudo porque há demasiada. Assim como quando o olhar do homem se volta diretamente para o sol, só vê trevas; mas quem diria que o sol não é luminoso, aliás, a fonte da luz? A fé permite olhar para o “sol”, Deus, porque é acolhimento da sua revelação na história e, por assim dizer, recebe verdadeiramente toda a luminosidade do mistério de Deus, reconhecendo o grande milagre: Deus aproximou-se do homem, ofereceu-se ao seu conhecimento¹³⁹.

Aproximando-se do homem, Deus revela o seu desígnio de amor, revela-se a si próprio, comunica-se a si mesmo: «Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua vontade»¹⁴⁰. Deste modo, a revelação chega até o ser humano a partir de fora. O encontro através do qual Deus se revela, surge por iniciativa divina, nunca é uma experiência que o indivíduo tem a partir das suas capacidades ou do seu esforço. Por isso, os testemunhos daqueles que ao longo da história fizeram a experiência do encontro com Cristo, têm em comum o facto de terem sido apanhados por Ele, quando menos o esperavam. «É este o significado do conceito revelação. O não-meu, aquilo que não ocorre no que me é próprio, tem acesso a mim, arranca-me de mim próprio, para além de mim, cria algo de novo»¹⁴¹. Este aspeto é fundamental da fé cristã; ela não nasce do nosso íntimo, mas vem-nos de fora. É um encontro com uma pessoa que externamente se aproxima de nós. S. Paulo não planeou o seu encontro com o Ressuscitado, mas este apareceu-lhe de repente no caminho. Note-se que aquilo que é revelado por Deus, rompe com os esquemas humanos e, como no caso do Apóstolo dos gentios, pode parecer chocante. «Se Paulo

¹³⁹ Bento XVI, «O bom senso da fé em Deus. Audiência geral, quarta-feira, 21 de novembro de 2012», acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121121.html.

¹⁴⁰ Dei Verbum, n.º 2; cf. Ef 1,9.

¹⁴¹ Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, 82.

diz que o Cristianismo é um escândalo para os Judeus e uma loucura para os “povos” (ICo 1,23), ele procura exprimir o específico da fé cristã, que para todos vem “de fora”»¹⁴².

Convém ter presente que, através do encontro da fé, somos introduzidos numa nova dimensão, pois nos é dada a possibilidade de nos encontrarmos uns com os outros. O importante é que tal encontro nunca seja simplesmente individualista, mas que forme comunhão entre os crentes.¹⁴³ Como afirma o nosso autor: «O encontro com Cristo renova os nossos relacionamentos humanos, orientando-os no dia-a-dia para uma maior solidariedade e fraternidade, na lógica do amor»¹⁴⁴. Portanto, a fé penetra no mais íntimo e pessoal do homem e, ao mesmo tempo, o introduz na comunidade de Jesus Cristo, ou seja, na Igreja. Em poucas palavras: o encontro com a pessoa de Cristo é simultaneamente pessoal e eclesial.

1.3. Atitude de confiança e de abandono no ato de fé

A fé pode ser vista como encontro que abre caminho ao diálogo e à comunhão profunda com Deus. Na exortação apostólica *Verbum Domini*, Bento XVI diz claramente que a fé é «encontro com uma Pessoa à qual se confia a própria vida»¹⁴⁵. O fruto desse encontro é, portanto, o abandono confiante na providência divina. A fé é primordialmente uma atitude de confiança, é um entregar-se confiante a um “Tu”, que é Deus.

Numa das conferências radiofónicas transmitidas em dezembro de 1969, Ratzinger explicava o caráter personalista do ato de fé do seguinte modo:

Quando dizemos “creio em ti” [...], significa “eu confio em ti”, “fio-me em ti”, talvez até “conto contigo” [...]. E a palavra ganha todo o seu sentido no contexto do Credo cristão. A fórmula original da fé cristã não diz “eu acredito em qualquer coisa”, mas sim “eu acredito em Ti”. A fé é uma abertura à realidade que só acontece com aquele que acredita, que ama, que age como ser humano¹⁴⁶.

Para perceber a atitude de confiança no percurso cristão, podemos tomar como ponto de referência as próprias relações humanas. Por exemplo, na relação entre os esposos ou entre amigos, a confiança na outra pessoa faz com que se aceite aquilo que ela diz, não porque se tenha um conhecimento direto sobre o que diz, mas porque se

¹⁴² Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, 83.

¹⁴³ Cf. Ratzinger, *O Sal da Terra*, 28.

¹⁴⁴ Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, quarta-feira, 17 de outubro de 2012», acessado a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi-aud_20121017.html.

¹⁴⁵ Bento XVI, *Exortação Apostólica Verbum Domini* (Lisboa: Paulus, 2010), nº25.

¹⁴⁶ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 26-27.

acredita no seu testemunho. É frequente escutar: “creio no que dizes, porque confio em ti”, ou seja, acredita-se em algo, porque se acredita em alguém.

Ora, algo semelhante acontece com a fé teologal: acreditar em Deus e confiar Nele supõe aceitar o que Ele diz. *O Catecismo da Igreja Católica* explica este facto da seguinte forma: «Crer tem, pois, uma dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, por confiança na pessoa que a atesta»¹⁴⁷. O crente aceita as verdades da fé, não porque estas sejam cientificamente comprováveis, mas porque confia Naquele que as revelou. A forma básica da fé «não diz: “Creio em algo”, mas sim: “Creio em Ti”»¹⁴⁸. Deste modo, a fé comporta sempre o ato de fé e o conteúdo de fé. Uma fé fundamentada só na confiança, sem conteúdos, tornar-se-ia inconsistente e dissolver-se-ia facilmente. Por isso, a dimensão fiducial e a dimensão confessional da fé não se opõem, são elementos integrantes da única atitude de fé, como nos mostra claramente Bento XVI, na sua carta apostólica *Porta Fidei*: «existe uma unidade profunda entre o ato com que se crê e os conteúdos a que damos o nosso assentimento»¹⁴⁹.

Mediante a fé, o crente abraça a verdade revelada em Cristo e se entrega totalmente a Ele. Na fé convergem vontade e entendimento. É verdade que a fé nasce da confiança, porém esta transcende o âmbito meramente afetivo para chegar ao intelectual, à razão. Contudo, isto não quer dizer que a fé represente um simples assentimento intelectual do homem a verdades particulares sobre Deus, pois ela é, antes de mais, um gesto mediante o qual o homem se confia livremente a Deus. Ainda assim, esta adesão não está isenta de conteúdos. «Por isso, o assentimento prestado implica que, quando se acredita, se aceita livremente todo o mistério da fé, porque o garante da sua verdade é o próprio Deus, que Se revela e permite conhecer o seu mistério de amor»¹⁵⁰. Então, a fé é um assentimento pelo qual a mente e o coração dizem o seu “sim” a Deus, professando que Jesus é o Senhor. A propósito disto, em 1967, Ratzinger escrevia:

A fé cristã vive não só do facto de haver um sentido objetivo, mas também de esse sentido me conhecer e amar, de eu me poder confiar a ele [...]. Desta maneira, a fé, a confiança e o amor são, em última análise, uma só coisa, e todos os conteúdos que a fé envolve são nada mais, nada menos do que concretizações daquela reviravolta que constitui a base de tudo, ou seja do “Creio em Ti”, da descoberta de Deus na face do homem que é Jesus de Nazaré¹⁵¹.

¹⁴⁷ Catecismo da Igreja Católica, nº177.

¹⁴⁸ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 55.

¹⁴⁹ Bento XVI, *Carta Apostólica Porta Fidei* (Lisboa: Paulus, 2012), nº10.

¹⁵⁰ Bento XVI, *Porta Fidei*, nº10.

¹⁵¹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 56.

A fé cristã aparece como um ato de confiança que não obedece a lógica do cálculo ou do conhecimento científico, mas à lógica do amor e da fidelidade. A fé (*fides*) tem a ver com fidelidade (*fidelitas*), ou seja, Aquele em quem se acredita é fiel, cumpre as suas palavras, por isso é digno de confiança. Ao sentir-se amado por Deus, o ser humano descobre que é a Ele a quem deve confiar-se. A fé fá-lo sair da sua autossuficiência para confiar no conhecimento e no amor d'Aquele que cumpre as suas promessas. Por isso, crer é entregar-se com toda a liberdade aos planos de Deus, é deixar de contar só com os próprios critérios para deixar que seja Ele a orientar a vida. Neste sentido, a fé implica também abandono, entregar-se nas mãos de Deus.

Dizemos que a fé é encontro com uma pessoa à qual se confia a própria vida¹⁵². Compreende-se, assim, a dimensão dessa confiança, a qual diz respeito a todas as facetas do viver. O ser humano confia a Deus o sentido total da sua existência. Comporta sempre um abandonar-se em Deus, confiando plenamente na sua Palavra. O termo abandono é entendido aqui como uma atitude positiva, como a possibilidade de entregar-se por inteiro a Deus com «a atitude de uma criança que se sabe acolhida, juntamente com todas as suas perguntas, no tu da mãe»¹⁵³. O primeiro que experimentou este abandono pleno na vontade de Deus, foi Jesus Cristo. Ele não viveu a sua missão a partir de si mesmo, mas a partir do outro, isto é, do Pai. Por isso, o cristão, através da fé, não fundamenta a sua existência em si mesmo, mas na pessoa de Jesus Cristo. Saindo das suas seguranças, «o homem se entrega livre e totalmente a Deus, oferecendo a Deus revelador a submissão plena da inteligência e da vontade»¹⁵⁴. Assim sendo, a opção fundamental do cristão significa o abandono de uma atitude de centralização em si mesmo e a adoção do modelo de Jesus Cristo, que se entregou inteiramente nas mãos do Pai, sendo obediente até à morte. Não é por acaso que o Concílio Vaticano II fala da fé como um ato de total obediência: «A Deus que se revela deve prestar-se a obediência da fé»¹⁵⁵.

A vivência da fé implica que o crente faça também a experiência de um certo risco, no qual abdica dos próprios critérios para colocar a segurança em Deus. Mas essa experiência de risco pode ver-se confrontada com certas situações que questionam radicalmente a sua fé. A certeza da fé está constantemente afetada pela possibilidade da dúvida. No percurso cristão existe uma dimensão de obscuridade:

¹⁵² Cf. Bento XVI, *Verbum Domini*, n° 25.

¹⁵³ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 56.

¹⁵⁴ *Dei Verbum*, n° 5.

¹⁵⁵ *Dei Verbum*, n° 5.

Há momentos na vida em que a fé atravessa inúmeras obscuridades e em que, realmente, se resume a um simples sim: creio em Ti, Jesus de Nazaré; tenho confiança em Ti, porque em Ti se revelou o sentido divino mediante o qual posso viver a minha vida com confiança e paz, com paciência e coragem. Na medida em que mantiver este norte, nessa medida o homem estará na fé, mesmo quando muitos dos seus enunciados isolados sejam obscuros e, no momento, impraticáveis»¹⁵⁶.

Significa que a fé é em primeiro lugar dizer “sim” a Deus, o qual dá esperança e confiança. Embora se possam experimentar dúvidas, pelo facto de a dinâmica da fé escapar às faculdades humanas, este “sim” transforma o medo em confiança. De tal forma que a dúvida que acompanha a vivência cristã pode desempenhar um papel positivo no crescimento da própria fé, pois cria no crente um verdadeiro dinamismo de procura e de espera. De facto, «também faz parte da fé a paciência do tempo»¹⁵⁷. A fé não se pode deixar pressionar por uma impaciência que pretende ter tudo controlado. O crente deve ter consciência de que se encontra perante uma realidade maior, transcendente, que nunca poderá abarcar na sua totalidade. «Um homem só permanece um cristão enquanto se esforça por um dizer-sim central, enquanto procura dar o sim fundamental da confiança, mesmo quando não consegue integrar nem solucionar os muitos pormenores»¹⁵⁸. Mas isso significa que a fé não se encontra no plano do conhecimento calculista, segundo o qual todo o problema deve ter, em rigor, uma solução e uma explicação. «O processo da fé não faz parte da relação entre o saber e o fazer [...], é melhor procurar expressá-lo numa relação muito diferente, que é de se firmar e de entender»¹⁵⁹.

2. A fé como ato de se firmar e de entender

No primeiro capítulo, procurámos apresentar a base fundacional do pensamento moderno, situado entre o *factum* e o *faciendum*, o qual se limita aos fenómenos, ou seja, àquilo que pode ser demonstrado como num laboratório. Embora sejam importantes a planificação e o saber científico, estes não são suficientes, já que, o ser humano não consegue viver somente da factibilidade. Ele necessita de um fundamento seguro, de um terreno sólido, no qual possa colocar a sua confiança. No fundo, necessita de um alicerce que o ajude a viver com um sentido autêntico. A fé oferece precisamente isso: um fundamento, no qual o indivíduo pode firmar-se¹⁶⁰. Ratzinger afirma que o processo

¹⁵⁶ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 30.

¹⁵⁷ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 25.

¹⁵⁸ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 30.

¹⁵⁹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 48.

¹⁶⁰ Cf. Ratzinger, *Fé e Futuro*, 26-27;

da fé não deve ser entendido a partir da relação entre o saber e fazer, mas a partir do binómio firmar-se/entender.

Para o mundo bíblico, em especial do Antigo Testamento, crer é encontrar em Deus a rocha firme sobre a qual o homem se pode firmar. São vários os termos utilizados para exprimir essa atitude fundamental. O mais frequente é *he'emin*, do radical *'mn* (âmen), o qual abarca uma diversidade de significados, tais como: fundamento sólido, chão, confiar-se, firmar-se, fincar-se em algo, crer em algo. Na versão dos LXX, o termo é traduzido por *pisteuein*, significando também saber com certeza, confiar, dizer a Deus: *âmen*, ou seja, tomar seriamente e sem reservas Deus na vida¹⁶¹. Estes significados são claros ao revelarem que a atitude nuclear do crente é confiar, apoiar-se em Deus, como Aquele em quem o crente coloca toda a sua fé e a sua esperança. Trata-se do ato que dá ao ser humano um fundamento sólido para assentar a sua vida. «Com isso, a fé é descrita como um fincar o pé ou um colocar-se com confiança no chão da Palavra de Deus»¹⁶². Assim, a fé situa-se, precisamente, ao nível do apoio seguro encontrado só em Javé e em nenhuma instância humana.

Na sua obra *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger lembra a distinção que Martin Heidegger faz entre o pensamento calculista e o pensamento reflexivo. O primeiro está orientado para a factibilidade, enquanto o segundo está voltado para o sentido das coisas. Estas duas maneiras de pensar são legítimas e necessárias, por isso, não podem simplesmente fundir-se ou reduzir-se uma à outra, mas ambas devem existir no seu plano respetivo¹⁶³.

O problema da nossa época, adverte Ratzinger, é querer concentrar todo o pensamento exclusivamente no factível, esquecendo a reflexão sobre o sentido da própria existência. Por essa razão, o entender da fé não pode ser reduzido ao factível. De facto, a fé tal como é entendida pelo Cristianismo, não é uma forma imperfeita de conhecimento ou uma opinião que facilmente possa ser trocada por um conhecimento factível. Mas trata-se de uma forma essencialmente diferente, ela situa-se no âmbito das decisões fundamentais que o ser humano precisa de tomar.

Parece-me imprescindível que se veja isto com toda a clareza: todo o ser humano precisa de tomar posição, de alguma forma, nesse âmbito das decisões fundamentais; e,

¹⁶¹ Não faz parte do nosso trabalho determo-nos na análise do conceito bíblico de fé, só pretendemos mostrar que o próprio radical (âmen) dá-nos a noção de que crer em Deus ganha o sentido de firmar-se em Deus, dando ao homem uma base sólida para a sua vida. Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 48-49; Cf. João Duque, *Homo Credens. Para uma teologia da Fé* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004), 68-70.

¹⁶² Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 48.

¹⁶³ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 49-50.

para o ser humano não existe outra maneira de fazê-lo que não seja a fé. Existe uma área que não admite outra resposta que não seja a de uma fé, e é precisamente essa área que ninguém pode contornar totalmente. Todo o ser humano precisa de “crer” de alguma maneira¹⁶⁴.

A fé refere-se, portanto, àquela dimensão que dá sentido à existência. O ser humano necessita de um sentido que oriente e motive a sua vida, pois, na sua essência humana autêntica, ele vive do amor e do sentido. Este último nunca pode ser encontrado na factibilidade, nem pode ser produzido por meio do conhecimento científico, não é uma fórmula que se possa elaborar num laboratório. De facto, por mais conforto que se encontre nas realidades materiais ou nos avanços científicos, estes nunca darão ao indivíduo esse sentido pleno de que precisa para viver. A situação básica do ser humano é esta: ele não pode produzir o seu próprio sentido, já que «o sentido é anterior ao calcular ou agir do ser humano e sem o qual ele nem teria condições para calcular ou agir, porque só pode fazê-lo onde haja um sentido que o sustente»¹⁶⁵. Se o sentido não é produzido pelo indivíduo, significa que ele é dado e, portanto, só pode ser recebido.

Ratzinger define a maneira cristã de ter fé da seguinte forma: «significa confiar-se ao sentido que nos sustenta a nós e ao mundo, reconhecê-lo como a base sólida sobre a qual podemos firmar-nos sem receio»¹⁶⁶. Desta forma, o cristão compreende a sua existência como uma resposta à palavra sobre a qual pode firmar-se com confiança, pois trata-se do *logos* criador, que sustenta e conserva todas as coisas. «Ter fé significa aceitar que o sentido, que não podemos produzir, mas apenas receber, já nos foi dado, de modo que precisamos tão-somente de aceitá-lo confiando-nos a ele»¹⁶⁷.

Recorda o nosso autor que a fé cristã corresponde à opção que situa o aceitar antes do fazer. É neste sentido que ele fala do primado do recebimento¹⁶⁸. «O ser humano não chega verdadeiramente a si próprio por meio daquilo que faz, mas sim por meio daquilo que recebe»¹⁶⁹. O dom do amor exemplifica bem o primado do recebimento, uma vez que o amor só pode ser recebido como dom, o ser humano não pode produzi-lo. É precisamente recebendo o amor, ou seja, sendo amado, que alguém se torna realmente ser humano. «O facto de o amor ser a maior possibilidade e a mais profunda necessidade do ser humano e de essa condição mais necessária ser ao mesmo tempo a mais livre e incoercível, significa que o ser humano depende de um recebimento para

¹⁶⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 50.

¹⁶⁵ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 51.

¹⁶⁶ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 51.

¹⁶⁷ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 51.

¹⁶⁸ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 193-95.

¹⁶⁹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 194.

ser “salvo”»¹⁷⁰. O Cristianismo vive do recebimento, ou seja, da aceitação da entrega de Cristo. O ser humano é redimido pela cruz, o crucificado é a sua verdadeira salvação. Ratzinger afirma claramente que o primado do recebimento não pretende lançar o cristão na passividade, antes pelo contrário, é justamente esse primado que dá a possibilidade de realizar as coisas deste mundo com responsabilidade e com amor. De facto, quando o ser humano experimenta o amor de Cristo a sua vida será vivida na dimensão da entrega.

Na doutrina da justificação, o homem não fica condenado à passividade, não se torna um destinatário meramente passivo da justiça de Deus, que assim, no fundo, permaneceria sempre algo de externo a ele. Não; a grandeza do amor de Cristo revela-se precisamente no facto de Ele, não obstante toda a nossa miserável insuficiência, nos acolher em Si, no seu sacrifício vivo e santo, de tal modo que nos tornamos verdadeiramente o “seu corpo»¹⁷¹.

O primado do recebimento evidencia que o ser humano não é capaz de realizar por si o que é essencial, não consegue dar a si próprio um fundamento sobre o qual pode firmar a sua vida. Este fundamento tem de chegar até ele como algo que não foi feito pelas suas mãos, que não é produto das suas faculdades. Assim, a fé cristã significa firmar-se com confiança na Pessoa de Cristo. Ora, o que se realiza nesse ato não é uma entrega irracional, pois, como já referimos, o entender faz parte da fé.

2.1. A fé como conhecimento

A fé é também conhecimento, um conhecimento que não está em oposição com as potencialidades e os dinamismos da própria razão humana, antes corresponde ao seu profundo desejo de verdade. Daí a necessidade de o elemento cognitivo e o elemento experiencial acompanharem a vivência da fé cristã. O então professor de Ratisbona em 1975 escreveu:

O amor que precede a fé tem de ser um amor compreensível, que não se contenta com dar ao outro pão, mas ensina-lhe a ver [...]. Portanto, se a fé, como amor, concede a faculdade da visão, como é descrito no relato da cura do cego de nascença (*Jo 9*), aqui expressa-se algo sobre a própria fé: esta não é um ato cego, uma confiança sem conteúdo, uma vinculação a uma doutrina esotérica. Todo o contrário, quer ser um abrir os olhos, um abrir o homem à verdade¹⁷².

Portanto, a fé é algo mais que confiança, é acolher uma realidade que me permite confiar. Essa realidade faz parte da forma estrutural da fé cristã, pois não se trata de uma realidade qualquer, mas do *Logos*, da Palavra de Deus, em quem está contido o sentido do mundo e a verdade. O nosso autor deixa claro que a vivência cristã não é uma

¹⁷⁰ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 194.

¹⁷¹ Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição* (Parade: Princípia Editora, 2011), 193.

¹⁷² Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 405.

caminhada às cegas, como quem anda às apalpadelas sem tomar consciência daquilo que comporta tal caminhada. Pelo contrário: «é ir ao encontro do *logos*, da *ratio*, do sentido e, assim, da própria verdade»¹⁷³. Isto significa que a relação com Jesus Cristo, o *Logos* feito carne, traz consigo um conhecimento que conduz o ser humano à verdade. Por esta razão, o ato de fé deve ser um ato intelectualmente honesto, pois é um ato de afirmação naquele que é a verdade, a razão criadora.

A partir do prólogo de João, está no centro da nossa fé cristã em Deus o conceito do *Logos*, que significa “razão”, “sentido”, mas também “palavra”, um sentido, portanto, que é palavra, que é relação, que é criador. Deus que é criador afiança-nos a racionalidade do mundo, a racionalidade do nosso ser, a adequação da razão a Deus e a adequação de Deus à razão, mesmo que a sua razão ultrapasse infinitamente a nossa e nos pareça tantas vezes escuridão¹⁷⁴.

O ato de fé não conduz a uma perda da confiança na razão, nem significa uma entrega ao irracional. Neste sentido, Ratzinger afirma que é um erro dizer que a fé cristã é irracional, pelo facto de ela comportar sempre uma dimensão de mistério, quando na realidade «o mistério, tal como o alcança a fé, não é irracional, mas sim a máxima profundidade da razão divina, que nós, com a nossa fraca vista, não temos capacidade para penetrar»¹⁷⁵. Com efeito, o verdadeiro sentido do mistério não é destruir ou fragilizar a inteligência, mas sim «possibilitar a fé como entendimento»¹⁷⁶.

A fé pretende ser um modo de entendimento da realidade que permite ao homem captar a verdade decisiva sobre a sua existência. Trata-se de um conhecimento que envolve a pessoa na sua totalidade e que brota de uma atitude fundamental de confiança em Deus e de abertura ao seu mistério de amor, de tal modo que a vida passa a ser encarada a partir de uma profunda comunhão com esse mistério. Adquire-se uma nova compreensão do mundo e da própria história. Tudo passa a ser visto a partir desse mistério que envolve a existência. É entender a realidade desde os olhos de Deus.

Quando aqui falamos de conhecimento da fé, não nos movemos no âmbito do conhecimento factível, no qual Deus possa ser considerado um objeto que é preciso analisar para se obterem evidências. O conhecimento da fé não é da mesma ordem do conhecimento que se baseia em provas científicas ou que se fundamenta na demonstração racional. O conhecimento que a fé possibilita situa-se a um outro nível, um nível qualitativamente diferente. Esse nível pode ser caracterizado por ser mais de ordem pessoal, ou seja, situa-se na perceção global que surge do encontro entre pessoas, de

¹⁷³ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 52.

¹⁷⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 17.

¹⁷⁵ Ratzinger, *A Igreja e a Nova Europa*, 72.

¹⁷⁶ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 54.

uma relação de diálogo através da qual se avança na descoberta do outro. É um modo especial de entendimento baseado na confiança, como refere o nosso autor: «a fé não é, em primeiro lugar, um grandioso edifício de múltiplos conhecimentos sobrenaturais que estejam a par do âmbito da ciência como uma segunda ordem de saber extraordinário, mas um dizer sim a Deus que nos dá esperança e confiança»¹⁷⁷.

O conhecimento da fé é um conhecimento existencial, cujo conteúdo de verdade e de sentido para a vida se afirma e se confirma através de um modo específico de viver. Crer nunca é apenas adquirir conhecimentos teóricos, implica também tomar uma posição. O específico da fé cristã é a adesão pessoal ao mistério de Deus revelado em Jesus Cristo. Esta adesão confere sentido à vida, um novo gosto de existir, um modo particular de estar no mundo. Por isso, o conhecimento da fé não é unicamente intelectual, mas vital. «É descobrir um Tu que me dá sentido, ao qual posso confiar-me incondicionalmente»¹⁷⁸. Trata-se de um Tu que posso conhecer, porque antes sou conhecido por ele. S. Paulo afirma que a conversão dos gálatas foi obra de Deus que os “conheceu” primeiro: «Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus» (*Gal 4,9*). Assim, o conhecimento de Deus fundamenta-se na experiência de se ser alcançado por Deus, é Ele quem sai ao nosso encontro. De facto, muitos dos que fizeram a descoberta de Deus, descrevem a sua experiência como sendo eles os que foram conhecidos por Deus, foi Ele quem os amou primeiro. O conhecimento de Deus-Amor é o que transforma a pessoa inteira.

O entrelaçamento da fé com o amor permite compreender a forma de conhecimento própria da fé. Com efeito: «a fé conhece na medida em que está ligada ao amor, já que o próprio amor traz uma luz»¹⁷⁹. Quando o ser humano se encontra com o amor de Deus compreende que a sua história tem um sentido, ou seja, adquire um conhecimento novo sobre a realidade. Assim o demonstra a própria história do povo de Israel, o qual «saboreando o amor com que Deus o escolheu e gerou como povo, chega a compreender a unidade do desígnio divino, desde a origem à sua concretização. O conhecimento da fé, pelo facto de nascer do amor de Deus, é conhecimento que ilumina um caminho na história»¹⁸⁰. Da mesma forma que o povo de Israel, o cristão é convidado a confiar a sua vida ao Deus fiel, que no seu Filho manifestou o seu infinito

¹⁷⁷ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 27.

¹⁷⁸ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 85.

¹⁷⁹ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 26.

¹⁸⁰ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 28.

amor. Perante a grandeza desta dádiva de amor, o crente descobre que é razoável ter fé em Deus e construir a própria segurança sobre a sua palavra.

Podemos afirmar que a fé é conhecimento, já que por meio dela chega-se a conhecer o desígnio de Deus, passa-se a compreender o mundo a partir de uma nova perspectiva. É este conhecimento que permite ao crente articular a verdadeira resposta existencial ao sentido último e definitivo do seu viver. Em contrapartida, negar à fé a possibilidade de um autêntico conhecimento ou considerá-la como um conhecimento deficiente, são posições que correspondem a uma mentalidade estreita que vê no conhecimento factível e científico o protótipo de todo o conhecimento, como afirma o nosso autor:

A fé não é uma forma menor de ciência da natureza, não é um primeiro grau de um saber antigo ou medieval que tem de desaparecer quando chegar o verdadeiro saber; a fé é, pelo contrário, algo de uma natureza muito diversa. A fé não é um saber provisório [...]. A fé não é secundária relativamente ao saber, mas tão originária quanto este; na verdade, ela é o que há com maior alcance para o autenticamente humano enquanto tal¹⁸¹.

2.2. Crer é razoável

A fé não é uma atitude irracional ou arbitrária, mas aparece ao crente como razoável. O ato pelo qual o ser humano se entrega a Deus, sempre foi considerado pela Igreja como um momento de opção fundamental que envolve a pessoa inteira, incluída a sua razão. A verdade oferecida ao crente através da fé impele a razão a abrir-se a esta e a acolher o seu sentido mais profundo: «A fé nunca foi simplesmente uma atitude que descesse de forma automática até ao desnível da existência humana; ela foi sempre uma decisão que envolve toda a profundidade da existência, exigindo sempre uma viragem do ser humano condicionada por uma decisão»¹⁸².

A fé é uma decisão razoável que não se desvincula da razão humana, já que, comporta um ato de afirmação naquele que é a razão criadora, o *Logos*¹⁸³. Ora, se a fé significa confiar-se àquele que é a razão criadora, essa confiança não pode ser irracional. Segundo o teólogo alemão, crer é alcançar a máxima profundidade da razão divina. É mergulhar cada vez mais no mistério do amor de Deus. No fundo, crer é saber que na origem de toda a realidade criada está a razão criadora que imprime nela uma racionalidade objetiva, uma lógica oculta e uma ordem intrínseca. E não se trata de uma

¹⁸¹ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 26-27.

¹⁸² Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 36.

¹⁸³ Tanto nos escritos, enquanto teólogo, como no magistério produzido depois, enquanto Papa, verificamos que o tema da relação fé-razão está praticamente sempre presente. Esta relação é uma das grandes preocupações de Ratzinger. Devido ao objetivo do nosso trabalho, neste ponto limitar-nos-emos só a mostrar, em linhas gerais, como é que o nosso autor apresenta a racionalidade da fé.

razão qualquer, mas de uma razão que é amor¹⁸⁴. Esta ideia de que a razão se manifesta também como amor encontra-se muito marcada no pensamento ratzingeriano: «O Logos não aparece apenas como a razão matemática do fundo da todas as coisas, mas como o amor criador até ao ponto de se fazer com-paixão com a criatura»¹⁸⁵.

Para Ratzinger, a racionalidade própria da fé tem maior amplitude do que o racionalismo que caracteriza a nossa sociedade. Como vimos no primeiro capítulo, o conceito de razão tem sofrido uma redução. Hoje, de uma forma particular, existe uma mentalidade que «reduz o âmbito das certezas racionais ao das conquistas científicas e tecnológicas. Mas a Igreja nunca teve medo de mostrar que não é possível haver qualquer conflito entre fé e ciência autêntica, porque ambas, embora por caminhos diferentes, tendem para a verdade»¹⁸⁶.

Ratzinger sempre procurou estabelecer um diálogo aberto com a razão, porque julga necessária a harmoniosa relação entre fé e razão. Por isso, ao longo do seu percurso teológico se preocupou em evidenciar a racionalidade essencial da fé:

A fé não é o mesmo que perder a confiança na razão, ao ver os limites do nosso conhecimento; não é a entrada ao irracional, em face dos perigos de uma razão meramente instrumental. A fé não é também expressão de cansaço ou de fuga, mas sim afirmação corajosa do ser e abertura à grandeza e complexidade da realidade. A fé é um ato de afirmação¹⁸⁷.

Na *lectio magistralis* que proferiu na Universidade de Ratisbona, Bento XVI teve a intenção de deixar claro que é necessária a interrogação acerca de Deus por meio da razão, bem como a ideia de que a relação entre fé e razão deve estar sempre presente no contexto da fé cristã. De facto, a novidade que trouxe o Cristianismo perante as outras religiões foi o facto de ser uma religião que se move no âmbito da verdade e da razão, deixando de lado o mito e as crenças sem fundamento racional¹⁸⁸. A razão forma parte constitutiva da fé cristã. O Cristianismo não desvaloriza o papel da razão, mas defende que deve existir uma harmonia entre fé e razão. Portanto, crer é racional, não contradiz a razão: «não agir segundo a razão é contrário à natureza de Deus»¹⁸⁹.

¹⁸⁴ Cf. Ratzinger, *A Igreja e a Nova Europa*, 72-73.

¹⁸⁵ Ratzinger, *Fé, Verdade, Tolerância*, 162.

¹⁸⁶ Bento XVI, *Porta Fidei*, nº 12.

¹⁸⁷ Ratzinger, *A Igreja e a Nova Europa*, 71-72.

¹⁸⁸ Cf. Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, 156-162.

¹⁸⁹ Bento XVI, «Encontro com os representantes das ciências na Aula Magna da Universidade de Ratisbona, 12 de setembro de 2006», acedido a 15 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_benxvi_spe_20060912_university-regensburg.html.

Por outro lado, Bento XVI, na catequese *O bom senso da fé em Deus*, pronunciada no Ano da Fé, reafirma a ideia de que a fé católica sempre rejeitou o chamado fideísmo, o qual vê na fé algo alheio à razão, completamente fora das suas possibilidades e dinamismos. Diante da revelação divina, percebe-se que a fé e a razão são duas realidades complementares, necessárias para o acolher da mensagem cristã. O Papa alude à experiência de S. Agostinho, que é testemunha de uma fé que se exerce com a ajuda da razão, uma fé que pensa e convida a pensar. A par com Agostinho, o *fides quaerens intellectum* de Santo Anselmo, referido pelo Papa na catequese, recorda que procurar a inteligência faz parte do ato interior do crer. Isto significa que a fé é racional e nutre por isso confiança na própria razão humana. Só olhando o compreender e o crer à luz de uma fecundidade conjunta torna-se possível uma harmoniosa relação entre fé e razão¹⁹⁰.

Na audiência geral do 30 de janeiro de 2008, Bento XVI volta a colocar S. Agostinho como exemplo de honradez intelectual e humana, em quem se manifestou a harmonia entre fé e razão:

A sua sede de verdade era radical e levou-o, portanto, a afastar-se da fé católica. Mas a sua radicalidade era tal que ele não podia contentar-se com filosofias que não alcançassem a própria verdade, que não chegassem a Deus. E a um Deus que não fosse só uma última hipótese cosmológica, mas o verdadeiro Deus, o Deus que dá a vida e que entra na nossa própria vida. Assim, todo o percurso intelectual e espiritual de Santo Agostinho constitui um modelo válido também hoje na relação entre fé e razão, tema não só para homens crentes, mas para cada homem que procura a verdade, tema central para o equilíbrio e o destino de cada ser humano¹⁹¹.

O caminho intelectual e espiritual que percorreu o santo de Hipona mostra que é possível chegar à verdade através da razão e da fé. Estas duas dimensões não devem ser separadas nem contrapostas; devem, antes, estar sempre unidas. Como escreveu S. João Paulo II, na sua encíclica *Fides et Ratio*: «A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade»¹⁹². Portanto, a fé e a razão ajudam-se mutuamente a conduzir o ser humano ao conhecimento da verdade. A fé guia a razão a um conhecimento mais profundo, que tem a Deus como fundamento. Por sua vez, a razão ajuda o ser humano a aprofundar o conhecimento que a fé transmite.

¹⁹⁰ Cf. Bento XVI, «O bom senso da fé em Deus. Audiência geral, quarta-feira, 21 de novembro de 2012», acessido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121121.html.

¹⁹¹ Bento XVI, «Audiência geral 30 de janeiro de 2008. S. Agostinho», acessido a 11 de maio de 2021, <https://www.vatican.va/content/benedict-xvipt/audiences/2008/documents/hfben-xviaud20080130.html>.

¹⁹² João Paulo II, *Carta Encíclica Fides et Ratio* (Braga: Editorial A. O, 1998), nº 1.

A este propósito permanecem justamente célebres as duas fórmulas agostinianas (Sermones, 43, 9) que expressam esta síntese coerente entre fé e razão: *crede ut intelligas* ("crê para compreender"), o crer abre o caminho para passar pela porta da verdade, mas também, e inseparavelmente, *intellige ut credas* ("compreende para crer"), perscruta a verdade para poder encontrar Deus e crer¹⁹³.

A encíclica *Lumen Fidei* dedica os números 32-34 ao diálogo entre fé e razão. Trata-se de um diálogo que esteve presente desde os inícios do cristianismo. Nestes números se afirma que a fé ilumina, através do amor, toda a realidade e contribui com a razão para alcançar a verdade. Aqui o Papa também cita S. Agostinho: «Na vida de S. Agostinho, encontramos um exemplo deste caminho: a busca da razão, com o seu desejo de verdade e clareza, aparece integrada no horizonte da fé, do qual recebeu uma nova compreensão»¹⁹⁴. Na realidade, Bento XVI não pretende desvalorizar a razão em nome da fé, mas convida a uma fé que confie na razão. Com efeito, Deus, com a sua graça, ilumina a razão, abre-lhe horizontes novos. Por isso, a fé constitui um estímulo a procurar sempre a verdade. É falso o preconceito de certos pensadores modernos, segundo os quais a razão humana seria como que bloqueada pelos dogmas da fé. «A fé é de algum modo “exercitação do pensamento”; a razão do homem não é anulada nem humilhada, quando presta assentimento aos conteúdos de fé; é que estes são alcançados por decisão livre e consciente»¹⁹⁵.

Terminamos com um texto de Bento XVI, pronunciado num encontro com o mundo da cultura em Paris no ano 2008, o qual resume em grande medida a forma como deve ser entendida a racionalidade da fé cristã:

A novidade do anúncio cristão consiste num facto: Deus mostrou-se. Isto, porém, não é um facto cego, mas um facto que, em si mesmo, é *Logos* - presença da Razão eterna na nossa carne. *Verbum caro factum est* (Jo 1,14): assim mesmo, agora no facto está o *Logos*, o *Logos* presente entre nós. O facto é razoável. Certamente, continua a ser necessária a humildade da razão para poder acolhê-lo; é precisa a humildade do homem que responde à humildade de Deus¹⁹⁶.

3. Fé e Existência

Pelo que dissemos, fica demonstrado que a compreensão da fé cristã não significa unicamente um sistema de conhecimento ou de saber misterioso, mas significa primeiramente uma afirmação sobre a existência. Trata-se de uma decisão fundamental

¹⁹³ Bento XVI, «Audiência geral 30 de janeiro de 2008. S. Agostinho».

¹⁹⁴ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 33.

¹⁹⁵ João Paulo II, *Fides et Ratio*, nº 43.

¹⁹⁶ Bento XVI, «Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins, Paris, 12 de setembro de 2008», acessado a 11 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2008/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20080912_parigi-cultura.html.

sobre a direção da existência. A fé é entendida como um dom que transforma a vida e que abre um novo espaço à experiência humana. Aceder à fé cristã constitui um verdadeiro salto na existência. A partir do encontro com Cristo, o indivíduo dá esse salto e inicia um novo caminho. Este encontro é o mais decisivo de todos os encontros que o ser humano possa experimentar, pois lhe proporciona uma luz que lhe permite compreender Deus, o mundo e a própria história. Portanto, a experiência cristã vive-se no concreto da vida, é toda a existência a que é iluminada pela luz da fé, ou seja, o homem todo é envolvido pelo amor divino. «A fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida. Transformados por este amor, recebemos olhos novos»¹⁹⁷. Esta nova percepção da realidade tem implicações na vida concreta do crente, nos seus comportamentos e decisões. Com efeito, a fé é um acolher na própria vida a visão de Deus sobre a realidade, deixando que seja Ele a orientar a nossa existência com a sua palavra. Por esta razão, a fé não pode ser apenas um dos elementos que fazem parte da existência, mas deve representar, na vida do crente, o elemento determinante, essa força transformadora que abrange a existência na sua totalidade.

Ratzinger compreende a fé não como algo separado da vida concreta, mas sim como a sua própria alma. Na encíclica *Spe Salvi* colocava a seguinte questão:

Para nós, hoje a fé cristã é também uma esperança que transforma e sustenta a nossa vida? Para nós aquela é “performativa”, uma mensagem que plasma de modo novo a mesma vida, ou é simplesmente “informação” que, entretanto, pusemos de lado porque nos parece superada por informações mais recentes?¹⁹⁸

Neste sentido, o Papa quer deixar manifesto o verdadeiro rosto da fé cristã, que não é simplesmente um conjunto de proposições a serem acolhidas, mas sim um conhecimento existencial de Cristo, uma experiência de vida. Trata-se de acolher uma mensagem que se torna vida naquele que a recebe. De facto, uma palavra só é realmente acolhida quando se traduz em atos, quando dá lugar à prática. Por isso, a fé é mais do que um conjunto de informações, de dogmas ou de ritos. Ela é força transformadora que toca no mais íntimo da existência. Falar sobre a experiência da fé exige adentrar-se em camadas mais profundas do ser humano, ali onde as palavras não chegam para dar uma explicação. Por isso, para expor o que significa a fé, é preciso partir da história de pessoas concretas que viveram coerentemente a fé em Cristo Jesus. A fé cristã surge

¹⁹⁷ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n° 4.

¹⁹⁸ Bento XVI, *Spe Salvi*, n°10.

sempre como acontecimento enquadrado na existência humana; portanto, não pode haver outra forma de compreendê-la que não seja a partir de experiências de vida reais.

De facto, quando S. Paulo fala sobre o seu encontro com o Ressuscitado, não fala de uma filosofia por ele desenvolvida, nem de ideias que encontrou ou inventou, mas fala da realidade da sua vida, do Deus que entrou na sua existência. O Apóstolo relata o que ele vivenciou, fala de um Cristo vivo que lhe apareceu no caminho. Para ele, este acontecimento não é uma teoria, mas sim a sua vida transformada por aquele que veio ao seu encontro¹⁹⁹. O Deus que anuncia S. Paulo não é um Deus abstrato ou uma hipótese, mas um Deus concreto, que entrou na sua história e continua presente na história.

Tem, pois, todo o sentido a ligação entre fé cristã e existência, visto que a primeira envolve a segunda na sua totalidade. A fé não se limita a ser um conteúdo informativo que se revela, mas ela é capaz de modificar e transformar a existência humana. «O Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida»²⁰⁰ A partir do encontro com Cristo passa a haver uma existência que é iluminada por uma luz particular e, desta forma, toda a realidade adquire uma nova claridade. Cria-se uma dinâmica que modifica toda a vida do crente. Não se altera só a forma de olhar a realidade; altera-se também a forma de estar e de encarar a vida quotidiana.

3.1. O testemunho de fé de Abraão

Para compreender o que é a fé e que direção ela proporciona à vida do crente, é preciso recorrer ao testemunho das grandes figuras da história da salvação e de tantos cristãos, nos quais a fé se apresenta como uma realidade viva e determinante. Numa das conferências transmitidas em dezembro de 1969 num programa da emissora radiofónica da Baviera, Ratzinger apresenta a figura exemplar da fé de Abraão, para explicar a relação entre fé e existência²⁰¹. Com efeito, à fé de Abraão atribui-se um valor paradigmático, na medida em que a sua história é vista pelo próprio NT como representação e modelo da atitude crente.

Na vida de Abraão acontece um facto impressionante: Deus vai ao seu encontro e lhe dirige a sua palavra. Deste modo, a fé assume um carácter pessoal. O Deus que se

¹⁹⁹ Cf. Bento XVI, «O ano da fé. Como falar de Deus? Audiência geral, quarta-feira, 28 de novembro de 2012», acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121128.html.

²⁰⁰ Bento XVI, *Spe Salvi*, nº 2.

²⁰¹ Cf. Ratzinger, *Fé e Futuro*, 33-56

revela não é o Deus de uma determinada nação ou de algum elemento da natureza, mas é o Deus de uma pessoa, de Abraão. Perante esta revelação, Abraão responde, confiando na palavra que esse Deus lhe dirige. Esta palavra comunica-lhe um chamamento e uma promessa. O chamamento a sair da sua terra, ou seja, o convite a iniciar um caminho para um futuro inesperado e a promessa de uma descendência e de uma terra. Ratzinger resume a atitude de Abraão da seguinte forma:

Ele abandona o presente, graças ao que há-de vir. Ele abandona o certo, o abrangível, o que pode ser calculado, graças ao incerto, confiando numa palavra. Encontrou Deus e entrega o seu futuro nas suas mãos, ousa por Ele um novo futuro, que de início é obscuro. A palavra ouvida é para ele mais real do que aquilo que pode ser calculado, do que aquilo que pode agarrar. Ele acredita naquilo que não pode ainda ver e, deste modo, torna-se capaz do novo e de dispensar o seguro»²⁰².

A atitude de Abraão demonstra que o futuro ganha primazia em relação ao presente. Tudo o que é essencial para Abraão é conferido na categoria da promessa, daquilo que há-de vir. Abraão sabia que Deus lhe tinha feito a promessa de lhe dar as duas coisas, que para o homem de então proporcionavam segurança e estabilidade, isto é, a esperança de uma posteridade e de uma terra. Graças a esta promessa, ele põe-se a caminho, deixa a sua terra e abre-se a um novo horizonte. Dá o salto de confiança no desconhecido, guiado pela certeza de que será precisamente confiando na palavra da promessa que o seu futuro terá um sentido. Assim, o futuro ganha uma nova dimensão, reveste-se de esperança. «A fé significa que o futuro prevalece sobre o presente, significa a disponibilidade de abandonar o presente graças ao futuro»²⁰³.

Abraão não conhecia em detalhe o que lhe esperava no percurso do seu caminho, mas tinha a confiança de que essa promessa fundada em Deus e no seu compromisso de aliança se cumpriria. Somente quando o futuro é revestido de significado e de esperança, é que o presente adquire significado, ou seja, o caminhar enche-se de sentido. Sendo assim, a fé coloca o ser humano num outro patamar em relação ao futuro. Não se trata de um futuro tenebroso, mas do lugar do cumprimento da promessa. O crente tem a certeza de que é Deus quem assegura o seu futuro. Por essa razão, a fé comporta sempre o apoiar-se em Deus, confiando plenamente na sua Palavra e na sua promessa, como fez Abraão. A fé acolhe a Palavra de Deus como a rocha firme sobre a qual se pode alicerçar a própria existência.

Certamente, a atitude da fé de Abraão é diferente da maneira como um cristão dos dias de hoje exprime a sua fé, não só porque lhe falta a figura de Jesus Cristo, mas

²⁰² Ratzinger, *Fé e Futuro*, 37-38.

²⁰³ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 39.

também porque o monoteísmo não era ainda claramente caracterizado. Contudo, na história deste patriarca manifestam-se os traços fundamentais do que é a fé. Para mostrar que a fé em Jesus Cristo se encontra em linha de continuidade com a fé de Abraão, Ratzinger recorre ao capítulo 4 da Epístola aos Romanos. Aí Paulo afirma que o conteúdo da fé de Abraão consistiu em que ele acreditou, contra toda a aparência, que Deus lhe daria um filho através da sua mulher Sara, o que faria dele o pai de muitos povos. O Apóstolo constata que o conteúdo da fé de Abraão era a esperança da posteridade e a esperança da terra, isto é, a esperança num grande futuro. Abraão acreditou que do ventre já estéril de Sara haveria de vir o herdeiro, aquele que asseguraria o seu futuro. Por outras palavras, acreditou que da morte lhe havia de vir a vida. Para o nosso autor, está aqui o ponto em que se torna possível a transformação na perspectiva de quem é cristão. A fé cristã é a confiança no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos e, portanto, é sempre fé no Deus que dá vida a partir da morte. Abraão viu com seus olhos que do útero estéril da sua mulher, Deus tirou a vida, cumprindo o prometido.

Em sua estrutura, a fé no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos é, de facto, continuação da fé de Abraão: «A fé no Cristo ressuscitado não é outra coisa se não a fé de Abraão: promessa de um futuro, de uma terra»²⁰⁴. No entanto, trata-se de um futuro incomparavelmente maior, pois transcende o limite da morte. A fé cristã implica crer num Deus que derrubou o muro da morte abrindo um novo futuro. Assim, a promessa não se limita a uma terra e uma descendência, mas inclui o futuro para lá da morte. Todos os elementos fundamentais da fé de Abraão recebem uma nova fisionomia a partir do novo conceito de futuro dado pela ressurreição. Agora, o futuro amplia-se, pois remete para a eternidade.

Bento XVI, na sua encíclica *Spe Salvi*, referindo-se ao batismo das crianças, afirmava: «O sacerdote perguntava, antes de mais nada, qual era o nome que os pais tinham escolhido para a criança, e prosseguia: “O que é que pedis à Igreja?”. Resposta: “A fé”. “E o que é que vos dá a fé?”. “A vida eterna”»²⁰⁵. Como vemos por este diálogo, existe uma estreita ligação entre fé e vida eterna. A fé em Cristo introduz o crente num futuro que ultrapassa os limites do tempo e do espaço, um futuro que é a vitória sobre a morte. Ora, a fé exige colocar a existência em direção ao futuro, à vida eterna. O cristão «tem de viver sempre para além do presente, viver orientando-se para algo de diferente,

²⁰⁴ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 46.

²⁰⁵ Bento XVI, *Spe Salvi*, nº 10.

de maior»²⁰⁶. Porém, isto não significa um tipo de fuga ou uma desvalorização terrena. Antes, impele a uma atividade e responsabilidade. Justamente porque o futuro está aberto ao eterno, o presente torna-se decisivo, adquire uma maior significação. A confiança na vida eterna pede constância no presente, transformação da realidade, justiça e solidariedade. «A fé em Cristo ressuscitado, em Deus que dá a vida depois da morte confere responsabilidade, dá peso ao presente, porque o presente se rege pela medida do eterno»²⁰⁷.

Tendo como base a história de Abraão, podemos verificar qual o rumo que o crente dá à sua existência após o encontro com Deus. Como descrevia Ratzinger no final da sua conferência:

Perguntamos, para concluir, uma vez mais: o que quer dizer, à luz da Bíblia, “ter fé”? E constatamos, uma vez mais, que não significa um sistema de meias-verdades, mas sim uma decisão sobre a existência, a vida vivida na perspectiva de um futuro que Deus nos concede mesmo para lá das fronteiras da morte. Esta direção é que dá à vida o seu peso e a sua medida, as suas prioridades e, por isso mesmo, a sua liberdade²⁰⁸.

3.2. O caminho da fé

«Foi pela fé que Abraão, respondendo ao chamado, obedeceu e partiu para uma terra que devia receber como herança, e partiu sem saber para onde ia» (*Hb* 11, 8). Aqui, o autor da *Carta aos Hebreus* apresenta Abraão como modelo do que significa o caminho da fé. Deus pede-lhe que parta, que saia da sua terra e se ponha a caminho rumo à terra que Ele lhe indicar: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar» (*Gn* 12, 1). Movido por esta palavra, Abraão inicia o seu caminho. É um caminho que exige obediência e confiança. Trata-se de uma partida às escuras, sem saber com muito detalhe, para onde Deus o conduzirá. Contudo, a escuridão do desconhecido é iluminada pela luz da promessa: «Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei o teu nome: sê uma bênção» (*Gn* 12, 2). Abraão não leva nada além dessa promessa semeada no seu coração, a qual abre diante dele a esperança de um grande futuro. Ao pôr-se a caminho, Abraão deixa de ter uma habitação fixa, ele já não pertence mais a um lugar determinado, onde quer que vá torna-se estrangeiro. Daí que as Escrituras o apresentem em vestes de peregrino.

Com base na experiência de Abraão, torna-se evidente que a atitude de fé pressupõe e exige um “partir” permanente. A vivência da fé não é estática, pelo

²⁰⁶ Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, 132.

²⁰⁷ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 52.

²⁰⁸ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 56.

contrário, trata-se de uma vida em movimento. Ratzinger compreende que, de facto, o cristianismo não é um sistema de conhecimentos, mas sim um caminho: «A fé cristã não é um sistema. Não pode ser vista como um edifício terminado. É um caminho, e é próprio de um caminho que, só entrando nele, se possa saber como nele caminhar»²⁰⁹.

Ser cristão implica caminhar. O encontro com Cristo faz com que o crente avance, se ponha em movimento. A própria dinâmica da fé gera no cristão o desinstalar-se constantemente. O cristianismo não é a religião da passividade, onde o indivíduo permanece sempre no mesmo sítio; é a religião que convida a “deixar a terra”, a sair e avançar. «Uma vida vivida na fé parece mais uma escalada de montanha do que um sonho à lareira»²¹⁰. A fé significa assumir a aventura de avançar até ao cimo do monte, ultrapassando qualquer tipo de comodismo que possa impedir a caminhada. Assim como Abraão foi um nómada, o cristão deve deixar qualquer tipo de sedentarismo e tornar-se peregrino.

O peregrino é considerado em qualquer lugar um estrangeiro, um hóspede. No seu peregrinar ele experimenta a sua pequenez e a sua pobreza, pois não tem posses nenhuma, tudo o que recebe é-lhe concedido como dádiva. Ora, esta deve ser também a condição espiritual de quem aceita seguir o Senhor, de quem decide partir, acolhendo o seu chamamento. A sua vida deve ser entendida na dinâmica do peregrinar. De facto, a fé torna o crente peregrino na terra, inserido no mundo e na história, mas nunca instalado completamente, pois pertence a espaços mais amplos. Está a caminho da pátria eterna. «Estava bem consciente disto a primeira comunidade cristã que se considerava "estrangeira" aqui na terra e chamava os seus núcleos residentes nas cidades de "paróquias", que significa precisamente colónias de estrangeiros»²¹¹. De igual forma, S. Pedro na sua primeira carta, exorta os cristãos a viverem como «peregrinos e forasteiros neste mundo» (*IPd* 2,11).

A fé cristã caracteriza-se por ser um caminho. De facto, nos *Atos dos Apóstolos* a religião cristã é designada com o termo “caminho”²¹². Por exemplo, S. Paulo no seu discurso perante os judeus, confessa: «Persegui de morte este Caminho» (*At* 22, 4), afirmando, desta forma, que tinha prendido e lançado à prisão muitos cristãos. Ora, se o cristianismo é referido como “caminho”, significa que com esse nome se indicava uma

²⁰⁹ Ratzinger, Fé, Verdade e Tolerância, 131.

²¹⁰ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 56.

²¹¹ Bento XVI, «Angelus, 12 de agosto de 2007», acedido a 20 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20070812.html.

²¹² Cf. *At* 9,2; 18,25.26; 19,9.23; 24,14.22.

forma de viver, na qual a fé não se reduzia a uma simples teoria, mas implicava uma praxis²¹³. Portanto, a fé torna-se guia naquele que a acolhe, ou seja, converte-se no caminho através do qual o cristão orienta a sua vida. O próprio Jesus declarou «Eu sou o Caminho» (*Jo* 14,6). Ser discípulo de Jesus significa entrar nesse caminho, configurando a própria existência com a Palavra do Mestre. O tornar-se discípulo só é possível caminhando no seguimento de Cristo. Isto significa que o caminho do seguimento nunca pode dar-se por acabado, ele estende-se ao longo de toda a vida. No início da *Carta Apostólica Porta Fidei*, Bento XVI lembrava este facto:

A porta da fé que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na Sua Igreja, está sempre aberta a nós. É possível cruzar este limiar, quando a Palavra de Deus é anunciada e o coração se deixa plasmar pela graça que transforma. Atravessar esta porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira²¹⁴.

Este caminho, que se percorre durante o transcurso da vida, não comporta sempre um progresso linear. O caminho da fé nunca é uma autoestrada sem curvas nem descidas, ele assemelha-se mais a uma estrada que segue serpenteando em volta de um monte com o objetivo de poder chegar pouco a pouco, numa subida gradual, até ao cume, sendo que no percurso pode aparecer o cansaço, a falta de confiança, a incredulidade. Não há, de facto, lugar para uma idealização abstrata do caminhar crente, pois trata-se de um caminho de vida sujeito a falhas. Lembremos que durante a caminhada do deserto o povo de Israel, que professava constantemente a sua fé em Javé, também o negava e duvidava do seu poder. Porém, continuava a andar, estava sempre a caminho. A vida cristã deve ser isso: avançar, não se deixar abalar pelas possíveis dificuldades que possam aparecer, mas continuar sempre em frente. É caminhando que a fé se fortalece, pois ela não é uma realidade estática: «A fé “vê” na medida em que caminha»²¹⁵.

A vivência da fé cristã deve ser entendida como uma caminhada por uma via longa e elevada. Não se trata de uma expedição num deserto sem estradas ou de uma busca de rumo na absoluta escuridão. O cristão tem diante de si um caminho já aberto. O mesmo Deus ao longo da história da salvação tem colocado sinais no percurso, tem indicado qual a direção que conduz até Ele. No seu Filho Jesus Cristo essa direção foi plenamente desvendada. Assim o declara o evangelista S. João: «Ninguém vem ao Pai a não ser por mim» (*Jo* 14,6). A tarefa do cristão é, portanto, entrar nesse caminho. Ele já

²¹³ Cf. Ratzinger, *La Fe como Camino*, 55.

²¹⁴ Bento XVI, *Porta Fidei*, nº 1.

²¹⁵ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 9.

não tem que tentar desenhar vias de acesso a Deus, pois a única via tem nome: Cristo Jesus.

Quando o cristão inicia a sua caminhada de fé, não pode esquecer-se de que já houve pessoas concretas, irmãos e irmãs, que percorreram esse caminho. De facto, a fé não conduz por uma via individual, mas introduz na comunhão com todos os que caminham na fé. É verdade que cada crente faz o seu percurso individual, mas sempre inserido neste movimento em conjunto. Ninguém pode fazer a sua caminhada de fé sozinho; esta faz-se sempre em comunidade. Os cristãos caminham não só junto daqueles que hoje estão a seu lado, mas também em comunhão com todos aqueles que os precederam e que, com seu testemunho de vida, iluminam o seu caminho. Revela-se aqui a riqueza do cristianismo, que não é um caminho individualista, onde cada um vai por sua conta; é um caminhar “com”, um peregrinar sentindo-se membro de um povo que avança na mesma direção.

Este caminho rumo a Deus nunca é isolado, nunca é um caminho só no “eu”, é um caminho rumo ao futuro, à renovação do mundo, é um caminho no “nós” dos chamados que chamam outros, que lhes faz ouvir esta chamada. Por isso, a chamada é sempre também uma vocação eclesial. Ser fiéis à chamada do Senhor abrange a descoberta deste “nós” no qual e para o qual somos chamados, assim como ir juntos e realizar as virtudes necessárias. A “chamada” implica a eclesialidade, por conseguinte, a dimensão vertical e horizontal, que caminham inseparavelmente juntas, engloba a eclesialidade no sentido de se deixar ajudar para o “nós” e de construir este “nós” da Igreja²¹⁶.

4. A fé, processo de crescimento e maturidade

A fé está sujeita a um processo de crescimento e maturação. Ninguém pode afirmar: “já alcancei a plenitude da fé”. A fé não é algo momentâneo que se adquire de uma só vez; requer um processo que nunca está concluído. O crescimento na fé é uma tarefa nunca acabada na história de uma pessoa. Assim como a própria pessoa cresce e amadurece nas diversas dimensões do seu viver, a fé também deve crescer e se fortalecer. Esse crescimento tem de constituir um processo integrado no pleno desenvolvimento humano. Só deste modo a fé pode aparecer como «possibilidade de uma verdadeira existência humana»²¹⁷, e como o mais válido caminho que alguém encontrou na busca do seu sentido de vida.

A partir da parábola do grão de mostarda (*Mc* 4,30-32), Ratzinger explicava a dinâmica do crescimento na fé da seguinte forma: «A fé não é mera aceitação de

²¹⁶ Bento XVI, «Encontro com o clero da diocese de Roma, 23 de Fevereiro de 2012» acedido a 20 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20120223_parroci-roma.html.

²¹⁷ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 24.

determinados conteúdos doutrinários. Ela é uma semente de vida dentro de mim. Só serei um verdadeiro crente quando a fé for uma semente viva que cresce em mim, transformando verdadeiramente o meu mundo»²¹⁸. Sendo a fé comparada com uma semente, significa que ninguém pode pretender que ela se converta numa grande árvore da noite para o dia. Para isso é preciso tempo e empenho. Atingir uma certa maturidade da fé exige um trabalho de todos os dias.

Bento XVI, num encontro com o clero da diocese de Roma, lembrava que os cristãos não deveriam viver «numa meninice espiritual, numa meninice da fé»²¹⁹. Antes de mais, estão chamados a procurar crescer em tudo, em direção a Cristo, para serem realmente adultos na fé. Neste sentido, o Papa recordava a passagem da *Carta aos Efésios*, na qual S. Paulo fala do crescimento do homem perfeito, que alcança a medida da plenitude de Cristo: «Assim, não seremos mais crianças, à mercê das ondas, agitados por todo o vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro» (*Ef* 4,14). Isto quer dizer que os cristãos são chamados a percorrer o caminho rumo à maturidade da fé para abandonar, assim, o estado de menoridade e não permanecerem crianças na fé. E que significa ser criança na fé? Significa, como diz o Apóstolo: ser batido pelas ondas do mundo e deixar-se levar por qualquer tipo de doutrina. Segundo o nosso autor, esta descrição feita por S. Paulo é muito atual:

Infelizmente, neste nosso mundo, vemos esta meninice da fé. Muitos, depois da primeira catequese, não foram mais além; talvez tenha ficado este núcleo, talvez se tenha também destruído. E de resto, eles estão nas ondas do mundo e nada mais; não podem como adultos, com competência e profunda convicção, expor e tornar presente a filosofia da fé, por assim dizer, a grande sabedoria, a racionalidade da fé, que abre os olhos também dos outros, que abre os olhos precisamente para quanto é bom e verdadeiro no mundo. Falta este ser adultos na fé e permanece a meninice na fé²²⁰.

É verdade que no processo de crescimento da fé a iniciativa pertence a Deus, é o auxílio da sua graça que aperfeiçoa a fé. Porém, também intervém neste processo o fator humano, a reta disposição do indivíduo. Pode-se correr o risco de não avançar, de ficar estagnado. Como afirmava o nosso autor, podemos encontrar adultos em idade, mas que a nível da fé ficaram com o fato da primeira comunhão. A sua vivência de fé não acompanhou o seu desenvolvimento humano. Por esta razão, tornam-se presa fácil das

²¹⁸Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 45.

²¹⁹ Bento XVI, «Encontro com o clero da diocese de Roma, 23 de fevereiro de 2012» acessado a 20 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20120223_parroci-roma.html.

²²⁰ Bento XVI, «Encontro com o clero da diocese de Roma, 23 de fevereiro de 2012» acessado a 20 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20120223_parroci-roma.html.

diferentes ideologias. São levados pelas ondas do mundo. Daí que Ratzinger insista em reafirmar a importância da maturidade da fé, de uma fé adulta que alcance critérios de discernimento à luz da verdade:

"Adulta" não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente radicada na amizade com Cristo. É esta amizade que nos abre a tudo o que é bom e nos dá o critério para discernir entre verdadeiro e falso, entre engano e verdade. Devemos amadurecer esta fé, para esta fé devemos guiar o rebanho de Cristo²²¹.

Por outro lado, na *Carta Apostólica Porta Fidei*, Bento XVI fala do crescimento na fé como «um itinerário jamais completamente terminado nesta vida»²²². A referência ao “itinerário”, utilizada aqui por nosso autor, mostra-nos a dinâmica própria do caminho cristão. Trata-se de um itinerário através do qual o crente vai sendo pouco a pouco purificado e transformado. De facto, para chegar a uma entrega total a Cristo é necessária a perseverança daquele que se reconhece sempre a caminho. Assim o lembrava Bento XVI no ano 2007:

Temos de reconhecer precisamente isto: não podemos fazer de nós mesmos cristãos perfeitos de um momento para o outro. Todavia, vale a pena ir em frente, ter a fé na opção fundamental, e depois permanecer com perseverança num caminho de conversão que às vezes se torna difícil. De facto, pode acontecer que me sinta desanimado, a ponto de desejar deixar tudo e permanecer num estado de crise. Não se pode desanimar imediatamente, mas é preciso recomeçar com coragem²²³.

Como vemos, o crescimento na fé comporta um caminho de conversão. O cristão sabe-se constantemente interpelado à conversão, a uma orientação de vida mais fiel ao projeto de Deus. Por outro lado, o caminhar na fé surge não como um processo linear progressivo, mas como uma opção fundamental que é constantemente interpelada por diversas interrogações, dúvidas e ambiguidades. Contudo, o crescimento da fé acontece como confirmação de uma esperança face a esses obstáculos. Implica a perseverança de ir em frente, ultrapassando as diferentes vicissitudes que possam aparecer: «Não podemos pensar em viver de imediato uma vida cem por cento cristã, sem dúvidas e sem pecados. Devemos reconhecer que estamos a caminho, que devemos e podemos aprender, que pouco a pouco devemos também converter-nos»²²⁴.

²²¹ Joseph Ratzinger, «Homilia da Missa “Pro eligendo Romano Pontifice” 18 de abril de 2005».

²²² Bento XVI, *Porta Fidei*, nº 6.

²²³ Bento XVI, «Encontro com os párocos e o clero da diocese de Roma, 22 de fevereiro de 2007», acessido a 20 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20070222_clergy-rome.html.

²²⁴ Bento XVI, *Aprender a acreditar* (Lisboa: Paulus, 2012), 38.

4.1. O Caminho da Conversão

Já dissemos que o que leva uma pessoa a ser cristã não é uma teoria ou uma ideia, mas o encontro com a Pessoa de Cristo Jesus²²⁵. Ora, trata-se de um encontro que não deixa nada como antes. Quem adere à fé cristã dá-se conta de que, após este encontro, na sua história existe um “antes” e um “depois”. Evidentemente o processo de conversão em algumas pessoas é mais notório, seja pela forma como aconteceu o encontro com Cristo, seja pela renúncia que o mesmo desencadeou. Em outros é menos notório, pois se opera de forma mais discreta. Mas o certo é que o encontro com Cristo desencadeia sempre um processo de conversão, seja ele notório ou discreto. Isto significa que o acolhimento do anúncio do Evangelho não consiste somente na aceitação de um conteúdo de verdades às quais o crente adere, mas traz consigo uma força capaz de transformar a vida daquele que o acolhe e de iniciar nele o movimento da conversão: «A fé não se confunde com uma recitação de doutrinas nem com a aceitação de teorias sobre coisas de que, em princípio, nada se sabe, sendo por isso mesmo que se insiste muito em afirmar algo acerca dela; a fé é um movimento da existência encarada como um todo»²²⁶.

Segundo o pensamento do nosso autor, a fé sempre teve uma conotação de salto arriscado e de rutura. Ela representa o risco de aceitar como fundamento aquilo que é invisível por natureza. O problema é que para o ser humano o espaço da sua existência parece limitado àquilo que ele pode ver e tocar. Neste universo do que é visível e tocável, Deus não cabe. Por essa razão, Deus é entendido como o invisível, o distante, aquele que se encontra fora do campo visual. Porém, a grande novidade que traz a fé cristã é que este inatingível se torna tangível, porque se revela como algo indispensável à própria existência:

A palavrinha “creio” encerra em si uma opção fundamental diante da realidade tal como ela é; não constitui uma simples constatação disto ou daquilo, mas sim uma forma básica de relacionamento com o ser, com a existência, com o próprio e com toda a realidade [...]. Ter fé significa que no âmago da existência humana, há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca na fímbria daquilo que não é visível, a ponto de este se tornar tangível revelando-se como algo indispensável à existência²²⁷.

Não é fácil acreditar que aquilo que não é visível representa a verdadeira realidade que sustenta a existência do ser humano. Por isso, esta opção fundamental só é

²²⁵ Cf. Bento XVI, *Deus Caritas est*, nº1.

²²⁶ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 61.

²²⁷ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 35-36.

susceptível de se realizar por meio «daquilo que a linguagem da *Bíblia* chama “volta” ou “conversão”»²²⁸. Segundo Ratzinger, existem vários termos para traduzir a palavra *metanoia*. Como por exemplo: mudança de mentalidade, conversão, arrependimento, penitência, confissão. Porém, nenhum deles esgota o sentido do termo original. Ele faz referência a um processo que envolve a totalidade da existência humana. Desta forma, o termo conversão é o que mais se aproxima da realidade expressa na palavra *metanoia*²²⁹.

A conversão representa a atitude cristã fundamental. Não há cristianismo sem conversão. Para se tornar cristão, o indivíduo deve realizar este movimento de mudança. Converter-se significa mudar de direção no caminho da vida. Não é um pequeno ajustamento ou uma simples decisão moral que retifica o modo de vida, mas é uma verdadeira inversão de marcha. Na conversão a pessoa é envolvida totalmente; «na linguagem de Heidegger, poderíamos dizer que ela indica uma “viragem” de todo o ser humano, que, a partir desse momento, passa a estruturar constantemente a existência»²³⁰.

No contexto da celebração do batismo, a fé expressa-se claramente como conversão, mudança da existência e viragem do ser:

Dizer «Creio em Deus» significa fundar sobre Ele a minha própria vida, deixar que a sua Palavra a oriente todos os dias, nas escolhas concretas, sem medo de perder algo de mim mesmo. Quando, no Rito do Batismo, por três vezes somos interrogados: «Credes?» em Deus, em Jesus Cristo, no Espírito Santo, na santa Igreja católica e nas outras verdades de fé, a tríplice resposta é no singular: «Creio», porque é a minha existência pessoal que deve passar por uma transformação mediante o dom da fé; é a minha existência que deve mudar, converter-se²³¹.

Ratzinger fala da conversão cristã como uma mudança radical no ser do sujeito. Consiste no começo de uma vida nova, na qual se abandona a autossuficiência e as seguranças pessoais, para deixar entrar Deus nos critérios da própria vida. «A conversão consiste essencialmente nesta decisão; o homem deixa de ser o seu próprio criador, mas aceita a sua dependência do verdadeiro Criador, do amor criativo»²³². Basicamente existem estas duas possibilidades de escolha: a autorrealização e o caminho da conversão. Na primeira, o indivíduo procura ter a totalidade da vida em exclusivo para si mesmo, ou seja, viver só fixado nos seus interesses. Aqui a vida é interpretada como

²²⁸ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 36.

²²⁹ Cf. Ratzinger, *Teoría de los principios teológicos*, 63.

²³⁰ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 61.

²³¹ Bento XVI, «Audiência geral, 23 de janeiro de 2013», acessado a 20 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130123.html.

²³² Joseph Ratzinger, *O Caminho Pascal* (Cascais: Lucerna, 2006), 20.

algo que se possui: «a autorrealização quer *ter* a vida, todas as possibilidades, alegrias e as belezas da vida, porque considera que a vida é algo que se possui e se deve defender dos outros»²³³. Entretanto, a conversão é a opção pela reciprocidade do amor. A fé e o amor não procuram a posse da vida. O cristão sabe que só perdendo a vida é que pode realmente ganhá-la: «Pois aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, irá salvá-la» (Mc 8,35). Portanto, a conversão implica sair da ilusão da autossuficiência e abandonar a pretensão de querer “ganhar” a vida, para assim descobrir e aceitar que dependemos de Outro. Neste sentido, diz o nosso autor:

Converter-se quer dizer não procurar o próprio sucesso, não procurar o próprio prestígio, a própria posição. Converter-se significa cessar de construir a própria imagem, não trabalhar para construir um monumento de si mesmo, que acaba frequentemente por se tornar um falso Deus. Converter-se quer dizer aceitar os sofrimentos da verdade. A conversão exige que não só geralmente, mas no dia a dia, nas pequenas coisas, a verdade, a fé e o amor se tornem mais importantes do que a nossa vida biológica, o bem-estar, o sucesso, o prestígio e a tranquilidade da nossa vida²³⁴.

A conversão permanece como uma constante na vida cristã. Como afirma Ratzinger, faz parte do dia a dia, ou seja, não está só no início do percurso cristão, mas acompanha todos os seus passos. Quem abraça o cristianismo não pode olhar a conversão como algo do passado, como se fosse algo que já não diz respeito ao seu presente. É verdade que quem adere à fé cristã tem a noção de que em um momento concreto da sua vida aconteceu uma mudança. Porém, esta mudança continua a operar-se no decorrer do seu percurso de fé. Na Quarta-Feira de Cinzas do ano 2010, Bento XVI declarava:

Todos os dias é momento favorável e de graça, porque todos os dias nos solicita a entregar-nos a Jesus, a ter confiança n'Ele, a permanecer n'Ele, a partilhar o seu estilo de vida, a aprender d'Ele o amor verdadeiro, a segui-lo no cumprimento quotidiano da vontade do Pai. Todos os dias, também quando não faltam as dificuldades e as fadigas, as cansaças e as quedas, quando somos tentados a abandonar o caminho do seguimento de Cristo e a fechar-nos em nós mesmos, no nosso egoísmo, sem nos darmos conta da necessidade que temos de nos abrir ao amor de Deus em Cristo, para viver a mesma lógica de justiça e de amor²³⁵.

A este respeito o nosso autor fala da existência de duas forças gravitacionais que se encontram em constante luta. Por um lado, está a gravitação do interesse e do egoísmo que leva o ser humano a dobrar-se sobre si mesmo, a afirmar-se acima dos

²³³ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 20.

²³⁴ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 21.

²³⁵ Bento XVI, «Audiência geral, Quarta-Feira de Cinzas, 17 de fevereiro de 2010», acessado a 25 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100217.html

outros e contra os outros. Trata-se de uma força “natural” consequência do pecado original. A segunda força gravitacional corresponde à força da verdade e do amor. Assim, a conversão significa mover-se na direção da verdade, contrastando, desta forma, a força do egoísmo. Por outras palavras, através da conversão, o crente deve virar-se constantemente para não se deixar arrastar por essa gravidade natural²³⁶.

Compreende-se como a fé não é um ato natural e cómodo que o cristão possa realizar com as suas forças: é necessária a humildade, para aceitar que se precisa que um Outro o ajude a libertar-se desse impulso egoísta e lhe permita abrir-se ao amor. O ser humano não pode realizar a sua conversão sozinho, apoiado unicamente nas suas forças. A conversão nunca é uma realização da própria pessoa; é Deus quem nos converte. De facto, o converter-se é particularmente uma graça; é sempre Deus quem se nos antecipa. Por isso, podemos falar da conversão como dom e tarefa²³⁷. Dom, pois ela é sempre consequência e fruto da ação salvífica de Deus; é Ele quem tem a iniciativa, suscitando no coração o desejo de mudança e consumando a “boa obra”, como afirma S. Paulo: «tenho plena certeza de que aquele que começou em vós a boa obra há de levá-la à perfeição até ao dia de Cristo Jesus» (*Flp* 1,6). E ao mesmo tempo é tarefa, já que a resposta humana resulta necessária, para que a graça produza os seus frutos. Portanto, a conversão cristã é o resultado de uma resposta totalmente humana, mas precedida da graça divina.

Na vida de S. Paulo vê-se claramente que a conversão não é o resultado de uma longa reflexão interior, nem sequer o fruto de um esforço pessoal. Ela é, antes de tudo, obra da graça de Deus. É por isso que Paulo, escrevendo à comunidade de Corinto, alguns anos depois da sua conversão, afirma: «Mas pela graça de Deus sou o que sou: e a graça a mim dispensada não foi estéril» (*1Cor* 15, 10). Assim, compreende-se como a transformação que ele experimentou na sua vida não se limita ao plano ético, como conversão da imoralidade para a moralidade. Também não se limita ao plano intelectual, como mudança do próprio modo de compreender a realidade. Trata-se sobretudo de uma renovação radical do próprio ser, algo semelhante a um renascimento²³⁸.

A mútua implicação entre dom e tarefa torna-se evidente nas palavras de Jesus: «Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças,

²³⁶ Cf. Ratzinger, *Teoría de los principios teológicos*, 72-73.

²³⁷ Cf. Ratzinger, *Teoría de los principios teológicos*, 74-76.

²³⁸ Cf. Bento XVI, «Homilia festa da conversão de S. Paulo, 25 de janeiro de 2012», acessado a 26 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120125_week-prayer.html.

de modo algum entrareis no Reino dos Céus» (Mt 18,3). Tornar-se criança diante de Deus é a atitude fundamental da conversão. Converter-se significa voltar a depositar a confiança em Deus Pai. De facto, a autêntica conversão acontece quando o ser humano deixa de pensar que é o único construtor da sua existência, ou seja, deixa de confiar só em si mesmo, nas suas forças e reconhece a sua condição de criatura, que depende de Deus, do seu amor, assim como uma criança depende do seu pai para sobreviver. Ratzinger, citando um comentário de J. Behm a respeito desta passagem do Evangelho, escreve:

Ser criança é ser pequeno, necessitar de ajuda e ser capaz de acolher. Quem se converte, torna-se pequeno diante de Deus... pronto para deixar que Deus atue nele. As crianças do Pai celestial, que Jesus anunciou..., perante Deus são simplesmente acolhedoras. Deus dá-lhes o que elas mesmas não podem dar-se... também a *metanoia* é dom. É dom de Deus e, ao mesmo tempo, exigência que compromete²³⁹.

No fim de contas, converter-se significa abandonar-se confiadamente nos braços do Pai. Contudo, é um abandono que, como afirma o nosso autor, compromete. Este compromisso por parte da pessoa não remete para “exageros heroicos”, mas remete para a nossa paciência quotidiana com Deus e de Deus conosco. Para ilustrar este facto, Ratzinger lembra a vida de santidade de Santa Teresa de Lisieux. Em vez do modelo de santo, como herói de virtudes, ela optou pelo “pequeno caminho”, pelo acolhimento e aproximação diária de Jesus. Foi justamente no perseverar neste pequeno caminho, nesta simplicidade e paciência da fidelidade quotidiana, que amadureceu a sua vida cristã²⁴⁰.

Hoje ser cristão não é mais consequência do facto de se viver numa sociedade cujas raízes são cristãs. Inclusive, quem nasce de uma família cristã e é educado nessa fé, deve todos os dias renovar a escolha de ser cristão, ou seja, entrar no pequeno caminho de aproximação diária ao Evangelho, reservando a Deus o primeiro lugar, diante das tentações que uma cultura secularizada lhe provoca continuamente. Neste sentido, a conversão é ir contra a corrente²⁴¹. Para ser cristão é necessário romper com a mentalidade circundante. Não se pode pretender ser cristão e querer ter a aprovação do mundo. No ano 2000, o então Cardeal Joseph Ratzinger, numa intervenção durante o congresso dos catequistas e dos professores de religião, referia que:

²³⁹ Ratzinger, *Teoría de los principios teológicos*, 75.

²⁴⁰ Cf. Ratzinger, *Teoría de los principios teológicos*, 75-76.

²⁴¹ Cf. Bento XVI, «Audiência geral, Quarta-feira, 13 de fevereiro de 2013», acessido a 30 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2013/documents/hfbenxvi_aud_2013_0213.html.

Converter-se significa não viver como vivem todos, não fazer como fazem todos, não sentir-se justificados em ações duvidosas, ambíguas, perversas simplesmente porque há quem o faça; começar a ver a própria vida com os olhos de Deus, portanto procurar o bem, mesmo se não é agradável; não apostar no juízo da maioria, mas no juízo de Deus por outras palavras: procurar um novo estilo de vida, uma vida nova²⁴².

4.2. Carácter Eclesial da Conversão

A conversão tem um carácter comunitário, pois quando uma pessoa se converte não entra numa relação privada com Jesus, mas entra a formar parte do “nós” da Igreja. Por isso, uma conversão meramente individual não tem consistência. Segundo Ratzinger, «a radicalidade da conversão cristã pede a sua concretização como acontecimento corpóreo e comunitário. Aqui tem o seu fundamento o sacramento da penitência, enquanto expressão eclesial e palpável duma conversão renovada, com os pontos focais da penitência concreta (jejum-oração-esmola) e da confissão»²⁴³.

Para evidenciar a dimensão eclesial da conversão, o nosso autor recorre à teologia Paulina. A conversão no sentido Paulino é algo muito mais radical do que uma simples revisão de conduta; é uma mudança de sujeito. O “eu” do crente dilata-se para ser habitado por um “Outro”, para viver num “Outro”. É neste sentido que S. Paulo afirma: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (*Gal 2, 20*). Com estas palavras, o Apóstolo dos gentios descreve o que acontece no baptismo. Neste sacramento, o crente é transformado e a sua existência dilata-se para além dele próprio. Quando o crente sai das águas baptismas o seu “eu” está transformado e inserido num “Outro” sujeito. Por isso, pode dizer como S. Paulo: «“Vivo, mas já não sou eu”. O próprio eu, a identidade essencial do homem foi modificada. Ele existe ainda, e já não existe. Atravessou um “não” e encontra-se continuamente neste “não”: Eu, mas já “não” eu»²⁴⁴. Desta forma, a conversão pode ser entendida como o giro do “eu” para o “já não eu”.

Ninguém pode realizar por si mesmo esta mudança de sujeito que refere S. Paulo. O «já não sou eu que vivo» (*Gal 2, 20*), não descreve uma experiência mística privada. Trata-se de um processo sacramental, ou seja, eclesial, através do qual se rompem as fronteiras do “eu” e o crente é inserido na comunidade dos filhos de Deus. No terceiro capítulo da *Carta aos Gálatas*, S. Paulo fala da promessa, dizendo que esta foi feita no singular: «as promessas foram asseguradas a Abraão e à sua descendência. Não diz: “e

²⁴² Joseph Ratzinger, «Intervenção durante o congresso dos catequistas e dos professores de religião, 10 de dezembro de 2000», acessado a 30 de maio de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20001210_jubilcatechists-ratzinger_po.html.

²⁴³ Ratzinger, *Teoría de los principios teológicos*, 74.

²⁴⁴ Bento XVI, «Homilia Vigília Pascal, 15 de abril de 2006», acessado a 25 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060415_veglia-pasquale.html.

aos descendentes”, como referindo-se a muitos, mas como a um só: e à tua descendência, que é Cristo» (*Gal 3,16*). A promessa não é feita para uma multidão de sujeitos justapostos, mas para a descendência de Abraão. Há um único portador da promessa: Cristo. Ele traz consigo toda a promessa. Mas como pode essa promessa ser esperança para a humanidade, se unicamente vale para um só? O próprio Apóstolo nos dá a resposta: «Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus» (*Gal 3, 28*). Vós tornastes-vos um em Cristo, responde Paulo. Não um só, mas um, um único, um único sujeito novo²⁴⁵. Isto significa que, através do batismo, os cristãos se convertem num novo e único sujeito com Cristo, e assim, pela fusão do sujeito, estão no âmbito da promessa. Na vigília pascal do 2006 Bento XVI concluía a sua homília com as seguintes palavras:

A ressurreição não passou, a ressurreição alcançou-nos e agarrou-nos. A ela, isto é, ao Senhor ressuscitado nos agarramos, sabendo que Ele nos segura firmemente, mesmo quando as nossas mãos se debilitam. Agarramo-nos à sua mão, e assim seguramos também as mãos uns dos outros, tornamo-nos um único sujeito, não apenas um só. *Eu, mas já não eu*: tal é a fórmula da existência cristã fundada no Baptismo, a fórmula da ressurreição dentro do tempo. *Eu, mas já não eu*: se vivemos deste modo, transformamos o mundo²⁴⁶.

A conversão é um ato de obediência àquilo que me precede e que não foi pensado por mim, mas que me chegou vindo de fora. Ora, para o cristão aquilo que o precede não é uma ideia ou uma teoria, mas a Palavra feita carne; Cristo Jesus: «Ele é o novo começo a partir do qual pensamos. Ele é o novo Eu, no qual as fronteiras da subjetividade, a fronteira entre sujeito e objeto, se quebram, de modo que posso dizer: eu, mas não já eu»²⁴⁷. Neste sentido, a conversão implica superar a tendência de nos fecharmos em nós mesmos, na nossa subjetividade, para reservar espaço a Deus. Através desta atitude, o crente abandona os seus próprios gostos e submete-se à vontade de Deus, ou seja, deixa que seja Ele a orientar a sua existência.

A este respeito, Ratzinger lembra a experiência de vida de Guardini, o qual tinha como referência da sua conversão a passagem de *Mt 10,39*: «Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la». Isto significa que há que perder-se para poder chegar a si mesmo. Porém, não se trata de um perder-se no vazio, mas deve ter como destinatário Deus. É Nele que o cristão deve abandonar-se²⁴⁸. Por isso, o seguimento de Cristo representa o caminho através do qual

²⁴⁵ A distinção está expressa em alemão através dos termos *eins* (uno, numericamente) e *einer* (Um sujeito). Cf. Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología*, 62.

²⁴⁶ Bento XVI, «Homília Vigília Pascal, 15 de abril de 2006».

²⁴⁷ Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología*, 69.

²⁴⁸ Cf. Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología*, 69-70.

se perde a própria vida. De facto, a essência da conversão consiste em eu já não procurar os próprios interesses, mas em entregar-me nas mãos de Cristo para que Ele me torne membro do seu corpo, que é a Igreja. Assim, o cristão compreende-se a si mesmo neste corpo, em relação primordial com Cristo e os irmãos na fé. Sobre este carácter eclesial da conversão diz Ratzinger:

A Igreja não é um princípio abstrato, mas um sujeito vivente e um conteúdo concreto. Este sujeito é, segundo a sua essência, maior que cada pessoa individual e que cada geração em particular. A fé é sempre participação num todo [...]. A Igreja não é um âmbito espiritual indeterminado no qual cada um possa escolher o seu. Ela é concreta²⁴⁹.

A Igreja não é um partido que possa corresponder aos gostos e às expectativas de cada um. Também não é um clube no qual se escolhe, segundo os gostos, aquilo que agrada. Assim o advertia o então cardeal Joseph Ratzinger na sua homilia pronunciada no Seminário maior de Filadelfia, Estados Unidos, em 1990: «A fé não é a escolha de um programa que me convém ou o ingresso num clube, no qual me sinto compreendido. A fé é conversão que muda minha pessoa e meus gostos ou pelo menos torna secundários meus gostos e minha vontade»²⁵⁰. Neste sentido, a fé cristã é mais do que uma simples escolha de um partido; é a entrada no Corpo de Cristo. A fé atinge uma profundidade na existência do ser humano inteiramente diversa daquela que possa provocar a escolha de um partido ou de um grupo de amigos. Por meio da conversão, o meu “eu” é inserido num novo sujeito. Ora, este não é um sujeito sociológico qualquer, mas um sujeito verdadeiramente novo, suscitado pelo Espírito Santo. Precisamente por não ser obra humana é que este novo sujeito rompe as fronteiras inquebrantáveis da subjetividade humana: «A Igreja, portanto, não é um clube, não é um partido, nem um Estado religioso dentro do Estado terrestre, mas um corpo, o Corpo de Cristo»²⁵¹. Evidentemente, a imagem do corpo não pretende reduzir o cristão a simples parte de um todo anónimo; antes, sublinha a união vital de Cristo com os crentes e de todos os crentes entre si.

Deste modo, a fé tem uma forma necessariamente eclesial. Ela é professada partindo do Corpo de Cristo, como comunhão concreta dos crentes. A própria dinâmica da conversão faz com que o cristão se sinta impelido a sair de si mesmo, a romper as barreiras da sua subjetividade e entrar no “nós” daqueles que têm feito a mesma experiência de conversão. Converter-me significa sair do meu “eu” fechado em mim

²⁴⁹ Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología*, 71.

²⁵⁰ Joseph Ratzinger, *Compreender a Igreja hoje. Vocação para a comunhão* (Petrópolis: Vozes, 2005), 90.

²⁵¹ Ratzinger, *Compreender a Igreja hoje*, 91.

mesmo, para me unir não só a Jesus, mas também a todos os que caminharam e caminham no mesmo caminho. Ninguém pode construir a sua fé pessoal num diálogo privado com Jesus, porque a fé é doada por Deus através duma comunidade crente que é a Igreja: «A nossa fé só é deveras pessoal, se for também comunitária: só pode ser a minha fé, se viver e se mover no “nós” da Igreja, se for a nossa fé, a fé comum da única Igreja»²⁵².

A partir da análise realizada neste segundo capítulo, podemos ver que o núcleo do cristianismo é o encontro com a Pessoa de Cristo. A fé surge num contexto de encontro pessoal e de diálogo da pessoa com Deus, uma vez que a divindade toma a iniciativa e vem ao encontro do ser humano. Vimos que, para o nosso autor, é decisivo que o crente chegue a este ponto fundamental de um encontro pessoal com Deus, que possa perceber que também hoje Ele se faz presente e se torna seu contemporâneo. Ora, quando se encontra este centro essencial, compreendem-se também as restantes verdades da fé. Mas se este encontro, que toca no mais profundo da existência, não se realizar, tudo o mais passará a ser como que um peso, um fardo que é preciso carregar.

De igual forma, assinalámos que a fé cristã não é um sistema, uma ideia, ou uma entrega cega ao irracional, mas é um ir ao encontro do *Logos*, da razão criadora, da própria verdade. Portanto, é necessário apresentar a fé não como uma construção intelectual fechada, mas como um itinerário de vida. Trata-se de um caminho que é preciso percorrer, assim como fez Abraão, que aprendeu a acreditar caminhando.

Como vimos, a fé é uma decisão fundamental que exige uma conversão. É preciso deixar de lado as seguranças humanas e passar a confiar em Deus. Fé e conversão estão sempre unidas. Por isso, o acolhimento do anúncio do Evangelho introduz o crente na dinâmica da conversão, impele-o a sair de si mesmo constantemente. Isto implica que o seu “eu” fechado se abra ao “Tu” de Cristo e, desta forma, nasce um novo “nós”. Por isso, a fé é sempre um ato pessoal e ao mesmo tempo comunitário; é dom de Deus que deve ser vivenciado na grande comunhão da Igreja.

²⁵² Bento XVI, «Audiência geral, 31 de outubro de 2012», acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121031.html.

CAPÍTULO 3

DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA FÉ CRISTÃ

Como foi analisado no segundo capítulo, a fé cristã surge no contexto do encontro pessoal com Cristo. Evidentemente, este encontro não se limita a uma relação solitária entre o crente e Cristo, mas implica um diálogo entre o “eu” e o “Tu” que conduz ao “nós” da fé. Trata-se de um encontro que orienta o cristão a abrir-se na relação com os outros e a se identificar no “nós” eclesial. Isto significa que o encontro com Cristo, apesar de pessoal, nunca é intimista nem subjetivo, pois acontece na presença de uma comunidade humana concreta: a Igreja.

Desta forma, a fé cristã tem uma dimensão social. Ela é, por essência, eclesial. A vivência da fé não é uma atitude isolada, algo que cada pessoa possa realizar sozinha sem a ajuda dos outros. Mas trata-se de uma caminhada em conjunto, formando parte de um povo, de uma comunidade. De facto, o ser humano só pode existir e viver na relação com os outros. Ele é, originariamente, um ser social. Assim, a grandeza do ser humano não está no seu isolamento, nem na sua auto-suficiência, mas na sua abertura ilimitada a Deus e, conseqüentemente, aos outros. Com efeito, ninguém vive sozinho no mundo. Nas coisas importantes da vida temos necessidade de outras pessoas, e de modo particular na fé, não estamos sozinhos, somos anéis da grande corrente de crentes.

Para Ratzinger um aspecto central, que se encontra no cerne do Cristianismo, é a constatação da forma eclesial da fé. Crer nunca é uma atitude isolada, algo que as pessoas possam realizar sozinhas, independentemente dos outros. A fé cristã tem obrigatoriamente uma dimensão eclesial. O caráter comunitário é constitutivo da fé, faz parte da sua essência. A fé do cristão é uma participação na fé de outros cristãos. Acreditar é, sem dúvida, um projeto pessoal de vida, mas tal só se torna real a partir da transmissão da fé e como caminho suportado por uma comunidade. Toda a pessoa que deseja chegar à fé tem que abrir-se à comunidade dos crentes. Só numa configuração comunitária é que a fé pode nascer, amadurecer e permanecer.

O presente capítulo tem como finalidade expor a dimensão comunitária da fé cristã. Num primeiro ponto, falaremos sobre a forma eclesial da fé, apresentando a Igreja como Mãe da nossa fé e como o lugar no qual a experiência cristã adquire sentido. Em segundo lugar, apresentaremos a dimensão eclesial do batismo, pois neste sacramento torna-se evidente que a fé não é obra do indivíduo isolado, mas implica entrar na comunhão eclesial. A confissão trinitária realizada no momento do batismo revela-nos

que a fé cristã não é o resultado de uma reflexão solitária, mas resulta do ato de ouvir e responder. Daí que, neste segundo ponto, também falaremos da estreita relação que existe entre o sacramento do batismo, a fé e a pertença à Igreja. Ora, por sua origem e por seu uso, o Credo está estreitamente vinculado à celebração do batismo. Por isso, no terceiro ponto, trataremos o tema do símbolo como expressão da estrutura da fé. Joseph Ratzinger utiliza a etimologia da palavra *symbolum* para explicar que a fé cristã exige união, já que o “eu creio” implica sempre o “nós cremos”. Por isso, a fé cristã nunca se limita a um diálogo privado com Deus, mas é o resultado de um diálogo que pressupõe ouvir, receber e responder. Como veremos, a fé vem da pregação. Ela é um dom que se recebe para ser transmitido. No quarto ponto, falaremos sobre a dimensão comunitária da transmissão da fé e apresentaremos os sacramentos como atos eclesiais através dos quais a fé é comunicada e ao mesmo tempo celebrada. A seguir, exporemos a dimensão comunitária da liturgia, pois nela os crentes não são indivíduos isolados, mas representam o povo convocado por Deus. Finalmente, apresentaremos a comunidade cristã como o lugar no qual o ser humano pode redescobrir a sua vocação de ter sido criado para a comunhão.

1. A forma eclesial da fé

O ser humano é por natureza um ser relacional, a sua constituição antropológica comporta uma dimensão sócio-comunitária, a sua vida está intimamente unida à vida dos outros. Desde o seio materno cada um de nós depende física e relacionalmente dos outros, a nossa existência é um viver com-os-outros. O ser humano não foi criado para viver no isolamento, mas para o amor, para a dádiva, para a entrega.

Nenhum homem é um nómada fechado em si mesmo. As nossas vidas estão em profunda comunhão entre si; através de numerosas interações, estão concatenadas uma com a outra. Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho. Continuamente entra na minha existência a vida dos outros: naquilo que penso, digo, faço e realizo. E, vice-versa, a minha vida entra na dos outros: tanto para o mal como para o bem ²⁵³.

Nesta perspetiva, o indivíduo ao abrir-se ao “tu” do outro, encontra-se a si mesmo e encontra-se com Deus, que é comunhão trinitária. «Crer trinitariamente significa tornar-se *communio*»²⁵⁴. De facto, o Deus trino não é um deus solitário, mas é comunhão, relação de pessoas. Isto significa que o ser humano é um ser social por analogia com o ser do próprio Deus: «o mistério da Trindade abriu-nos uma perspetiva inteiramente

²⁵³ Bento XVI, *Spe Salvi*, 48.

²⁵⁴ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 24.

nova: o fundamento do ser é *communio*»²⁵⁵. Quem recebe a fé experimenta que o leque das suas relações se alarga, e passa a olhar a sua vida de fé a partir de um “nós”. «A abertura ao “nós” eclesial realiza-se de acordo com a abertura própria do amor de Deus, que não é apenas relação entre o Pai e o Filho, entre “eu” e “tu”, mas, no Espírito, é também “nós”, uma comunhão de pessoas»²⁵⁶. Desta forma, negar a dimensão relacional da pessoa seria amputar a sua própria estrutura ontológica.

A fé cristã é comunhão; cada indivíduo, através da sua fé, entra em comunhão com outros fiéis. Assim, a fé é essencialmente comunitária. Ninguém pode dar-se a si próprio a fé, mas recebe-a de outros. Como afirma S. Paulo: «Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados?» (*Rm* 6,3). A expressão “fomos batizados” é uma forma passiva. Ninguém pode batizar-se a si mesmo. Somente se pode tornar cristão por meio de outro. Como o descreve Bento XVI numa das suas audiências:

Este “outro” que nos faz cristãos, que nos oferece o dom da fé, é em primeiro lugar a comunidade dos fiéis, a Igreja. Da Igreja recebemos a fé, o Baptismo. Sem nos deixarmos formar por esta comunidade, não nos tornamos cristãos. Um cristianismo autónomo, autoproduzido, é uma contradição em si. Em primeiro lugar, este outro é a comunidade dos fiéis, a Igreja, mas em segundo lugar também esta comunidade não age sozinha, segundo as próprias ideias e aspirações. Também a comunidade vive no mesmo processo passivo: somente Cristo pode constituir a Igreja²⁵⁷.

A relação indissolúvel entre o indivíduo e a comunidade na atitude de fé é a relação de um constante “receber”, mas também, de um “dar”. O indivíduo deve dar algo da sua experiência de fé aos outros e dispor-se a receber algo da fé dos outros. Por isso, a passividade do receber estará sempre acompanhada pela atividade do dar, ou seja, da transmissão da fé. «Quem se abriu ao amor de Deus, acolheu a sua voz e recebeu a sua luz, não pode guardar este dom para si mesmo»²⁵⁸.

A dimensão comunitária da fé não é, pois, ocasional, mas essencial à vivência da mesma. Por esta razão, a experiência fundamental da fé não deve partir da contraposição indivíduo-comunidade, antes da noção de um “nós” que é visto como expressão da mais profunda liberdade do indivíduo, de quem compreende a sua existência cristã não como um caminho solitário, mas como um projeto de comunhão.

²⁵⁵ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 24.

²⁵⁶ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n° 39.

²⁵⁷ Bento XVI, «Audiência geral, Quarta-feira, 10 de dezembro de 2008», acedido a 10 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081210.html.

²⁵⁸ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n° 37.

1.1. A Igreja, mãe da nossa fé

A comunidade eclesial é a matriz da fé cristã, pois ela gera, suporta e nutre a fé individual. Como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*: «A Igreja é a Mãe de todos os crentes»²⁵⁹. Pode-se falar da Igreja como o habitat da fé e como o «espaço comum da fé»²⁶⁰, pois nela nasce, cresce e amadurece a fé de todos e de cada um dos cristãos. Portanto, a fé nasce no seio da Igreja, e é nela que deve ser vivida.

Segundo os *Atos dos Apóstolos*²⁶¹, no dia de Pentecostes a Igreja recebe a força do Espírito Santo para realizar a missão de anunciar o Evangelho a todas as nações. Iniciando, assim, o caminho da Igreja como comunidade que transmite a mensagem de Cristo²⁶². Como dirá S. Paulo «eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti»²⁶³ (*ICor* 11,23). Portanto, desde os inícios a Igreja é o lugar da fé, no qual a fé é transmitida de geração em geração. Trata-se do lugar no qual, pelo Batismo, o cristão é inserido no mistério pascal da morte e da ressurreição de Cristo, e, desta forma, é introduzido na comunhão com os outros irmãos e irmãs de fé. Passando a formar parte do Corpo de Cristo, que é sua Igreja. «É na fé da comunidade cristã que cada um recebe o Batismo, sinal eficaz da entrada no povo dos crentes para obter a salvação»²⁶⁴. No ano 2007, por ocasião da festa do batismo do Senhor, Bento XVI exortava os fiéis a reconhecerem a Igreja como a mãe da sua fé:

No Batismo somos adotados pelo Pai celeste, mas nesta família que Ele constitui para si há também uma Mãe, a Igreja-Mãe. O homem não poderá ter Deus como Pai, já diziam os antigos escritores cristãos, se não tiver também a Igreja como Mãe. Assim vemos que o cristianismo não é uma realidade somente espiritual, individual, uma simples decisão subjetiva que eu tomo, mas que é algo concreto, poderíamos dizer mesmo algo material. A família de Deus constrói-se na realidade concreta da Igreja²⁶⁵.

A imagem da Igreja como a matriz da fé é particularmente visível na tarefa da sua transmissão ao longo dos tempos. «Como sucede em cada família, a Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória»²⁶⁶. Existe uma corrente ininterrupta de anúncio da Palavra de Deus que chega até nós através dos outros.

²⁵⁹ Catecismo da Igreja Católica, n° 181.

²⁶⁰ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 25.

²⁶¹ Cf. *At* 2,1-13.

²⁶² Cf. Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 129- 35.

²⁶³ A Bíblia de Jerusalém tem uma nota, a qual diz que este “receber” de que fala S. Paulo não aconteceu por revelação direta, mas por uma tradição derivada do Senhor.

²⁶⁴ Bento XVI, *Porta Fidei*, n° 10.

²⁶⁵ Bento XVI «Homilia na festa do batismo do Senhor, 07 de janeiro de 2007», acedido a 30 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_2007_0107_battesimo.html.

²⁶⁶ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n° 40.

A transmissão da fé, que brilha para as pessoas de todos os lugares, passa também através do eixo do tempo, de geração em geração. Dado que a fé nasce de um encontro que acontece na história e ilumina o nosso caminho no tempo, a mesma deve ser transmitida ao longo dos séculos. É através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos que nos chega o rosto de Jesus²⁶⁷.

Como vemos, o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo chega até nós através da memória viva de inúmeras testemunhas. Ora, se o ser humano fosse um ser isolado, um “eu” fechado, não poderia conhecer o que aconteceu numa época tão distante da sua. Portanto, a transmissão do acontecimento salvífico mostra-nos que o ser humano vive sempre em relação com os outros, a própria linguagem da fé chega até ele através dos outros. É graças à Tradição Apostólica, conservada na Igreja, que o crente tem contacto com a memória viva de Cristo. Diz o Concílio Vaticano II: «Os Apóstolos, transmitindo o que eles mesmos tinham recebido, admoestam os fiéis a que conservem as tradições que tinham aprendido, quer por palavra, quer por escrito»²⁶⁸.

Da mesma forma que uma criança necessita de sua mãe para aprender a andar, a falar e a desenvolver-se, o cristão necessita desta Igreja-mãe que lhe ensine a falar a linguagem da fé e a professá-la. «“Eu creio”: é também a Igreja, nossa Mãe, que responde a Deus pela sua fé e nos ensina a dizer: “Eu creio”, “Nós cremos”»²⁶⁹ É na comunidade eclesial que a fé pessoal cresce e se fortalece. Portanto, os cristãos são chamados a reconhecer na Igreja o lar no qual a sua vivência da fé pode amadurecer e dar frutos. Mas para isto é preciso a humildade de se reconhecer pequeno, necessitado de uma mãe que o guie. «Um cristão que se deixa guiar e plasmar gradualmente pela fé da Igreja, não obstante as suas debilidades, os seus limites e dificuldades, torna-se como uma janela aberta à luz do Deus vivo, que recebe esta luz e a transmite ao mundo»²⁷⁰.

1.2. A fé da Igreja é anterior à fé do indivíduo

Não pode haver fé individual sem uma comunidade de fé, pois é a partir dela que cada indivíduo pode realizar o seu ato de fé. Nenhum de nós elabora a sua própria fé, mas assume na sua vida uma fé que já existe antes. Por isso, não posso dizer que estou individualmente a inventar a fé, mas professo a fé da Igreja, deixo-me envolver por essa fé que é maior. De facto, o ato de fé pessoal não surge a partir do nada, nem é produto da própria reflexão. Depende sempre da comunidade que vive e transmite essa fé. «A fé

²⁶⁷ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n.º 38.

²⁶⁸ *Dei Verbum*, n.º 8.

²⁶⁹ Catecismo da Igreja Católica, n.º 167.

²⁷⁰ Bento XVI, «Audiência geral, 31 de outubro de 2012», acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121031.html.

cristã não é uma ideia, é vida; não é um espírito que existe para si mesmo, é encarnação, é espírito no corpo da história e do “nós” que nela está implícito»²⁷¹.

O ato de fé individual não pode ter lugar no abstrato, exige a presença da linguagem da fé que existe na comunidade eclesial. Portanto, o ato de fé está na dependência de um ambiente onde exista a linguagem da fé. Se o crente não tiver acesso a essa atmosfera criada pela linguagem da fé, nunca poderá acolher a fé cristã. Daí que a comunidade ocupe uma relevância fundamental na dinâmica da fé.

Como foi dito, a Igreja é a mãe da nossa fé. Isto quer dizer que a fé da mãe é anterior à fé dos filhos. «É primeiro a Igreja que crê, e assim arrasta, nutre e sustenta a minha fé. É primeiro a Igreja que, por toda a parte, confessa o Senhor [...]. Com ela e nela, também nós somos atraídos e levados a confessar: “Eu creio”, “Nós cremos”»²⁷². Quando aqui se afirma que é primeiro a Igreja que crê, estamos a dizer que o primeiro sujeito da fé é a Igreja.

Aos domingos, durante a Santa Missa, recitando o Credo, nós expressamo-nos em primeira pessoa, mas confessamos comunitariamente a única fé da Igreja. O Credo pronunciado singularmente une-se ao de um imenso coro no tempo e no espaço, no qual cada um contribui, por assim dizer, para uma polifonia concorde na fé²⁷³.

Quando a assembleia reunida professa o Credo, cada crente se expressa na primeira pessoa do singular. Mas ao dizer “eu creio”, apercebo-me de que aqueles que estão ao meu lado também dizem “eu creio”, colocando-me, assim, na comunhão com os outros irmãos e irmãs de fé. «Só é possível responder “creio” em primeira pessoa, porque se pertence a uma comunhão grande, dizendo também “cremos”»²⁷⁴. Existe o que poderíamos chamar uma companhia na profissão da fé. O “eu creio” não me fecha numa relação individualista com Deus, antes coloca-me perante uma comunidade de fiéis que juntos professam e vivem a mesma fé. O Credo é sempre um ato da comunidade eclesial. É verdade que o Credo é a oração da Igreja, mas ela exige que cada crente, ao recitá-lo, se aproprie dele e assuma na sua vida aquilo que está a rezar. «O Credo é o “nós” da Igreja que canta a sua fé, no espaço e no tempo, como comunidade de crentes; o “meu” afirmar “creio” está inserido no “nós” da comunidade»²⁷⁵.

²⁷¹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 69.

²⁷² Catecismo da Igreja Católica, nº168.

²⁷³ Bento XVI, «Audiência geral, 31 de outubro de 2012», acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121031.html.

²⁷⁴ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 39.

²⁷⁵ Bento XVI, «Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da República Italiana por ocasião do sexto aniversário de início de pontificado, 5 de maio de 2011», acedido a 5 de agosto de 2021,

No rito do sacramento do Batismo vemos que, na conclusão das promessas batismais, o celebrante declara: «Esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo nosso Senhor»²⁷⁶. Portanto, a fé da Igreja é o fundamento da fé pessoal de cada crente. Isto não significa que a primazia do âmbito eclesial diminua o valor do âmbito individual, uma vez que a Igreja crê através de homens e mulheres crentes. É preciso que exista, portanto, uma mútua complementaridade entre o polo eclesial e o polo individual, de tal forma que o “eu creio” não seja absorvido pelo primeiro, mas encontre nele o seu lugar devido²⁷⁷. É importante que a fé individual procure identificar-se com a realidade eclesial, tendo consciência de que a comunidade crente é o habitat da fé.

1.3. A fé cristã vive-se na Igreja

A Igreja é o lugar comunitário, no qual se realiza o ato de fé pessoal. Só vivendo em comunidade se pode viver a fé em Jesus Cristo. Ninguém pode ser cristão sozinho. É impossível crer e abrir-se ao Evangelho por si só. É preciso que alguém venha ao meu encontro e me transmita a fé. Portanto, o cristão crê em companhia, juntamente com os outros. Assim o lembrava Bento XVI no ano 2006, quando escreveu:

Ninguém crê só por si mesmo. Nós cremos sempre em e com a Igreja. O Credo é sempre um ato partilhado, um deixar-se inserir numa comunhão de caminho, de vida, de palavra, de pensamento. Nós não “fazemos” a fé, no sentido de que é antes de tudo Deus que a dá. Mas não a “fazemos” também no sentido de que ela não deve ser inventada por nós. Devemos deixar-nos cair, por assim dizer, na comunhão da fé, da Igreja. Crer é um ato católico em si. É participação nesta certeza, que está presente no sujeito vivo da Igreja²⁷⁸.

A fé pessoal está arreigada na confissão de fé de toda a Igreja e é fortalecida por esta mesma. A vivência da fé só pode ser realizada em comunhão com a tradição viva da Igreja, entrando nela, sentindo-se parte dela. Ora, a fé da Igreja não é uma simples soma da fé de todos os fiéis. Ela é, primeiramente, a fé de todo o povo de Deus, professada comunitariamente. Aqui não funciona a lógica das maiorias; a fé cristã não anda ao sabor dos gostos pessoais, não é meramente subjetiva, ainda que não seja indiferente às vivências concretas de cada crente. A fé cristã é, ao mesmo tempo, uma realidade objetiva e pessoal. «O que é específico e próprio da Igreja não pode ser fruto

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110505_concerto.html.

²⁷⁶ Cf. Bento XVI, «Audiência geral, 31 de outubro de 2012», acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121031.html.

²⁷⁷ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 63.

²⁷⁸ Bento XVI, *Aprender a acreditar*, 70.

de nossas vontades e de nossas iniciativas; não nasce “da carne nem da vontade do homem” (Jo 1,13). Deve vir de Cristo»²⁷⁹.

Por outro lado, é preciso salientar que só no espaço da Igreja se conserva íntegro o conteúdo da fé. Sem referência a essa fé eclesial, cai-se no subjetivismo. Quando se professa a fé cristã, inserimo-nos numa tradição viva e dinâmica, portadora da revelação divina através dos séculos. Isto implica um acolher e um dar, pois cada crente dá e recebe da comunidade. Recebe a fé, mas também se torna testemunha e transmissor dessa fé recebida. O cristão caminha acompanhado daqueles que partilham a sua mesma fé. Daí a importância do acompanhamento na experiência cristã, pois cremos “com” outros, mas também “por meio de” e “para” outros. O dom gratuitamente recebido deve ser testemunhado e transmitido em favor de outros. A dimensão comunitária da fé revela que a experiência pessoal não pertence só ao crente individual, mas pertence também à Igreja.

De acordo com Ratzinger, a fé do indivíduo só subsiste inserida na totalidade da fé da Igreja. É na comunidade que a fé resulta expressável e praticável. «O ser cristão só se pode dar na Igreja. Não à margem dela»²⁸⁰. Isto quer dizer que, para viver a experiência de fé, é indispensável permanecer na Igreja. A este respeito, Ratzinger respondendo à pergunta do porquê permanecer ainda na Igreja, escrevia: «Se eu estou na Igreja é pelas mesmas razões por que sou cristão. Não se pode crer sozinho. A fé só é possível em comunhão com outros crentes»²⁸¹. Ninguém chega a crer se não for sustentado pela fé dos outros; mas, por outro lado, com a minha fé contribuo para confirmar os outros na sua fé. Existe uma mútua implicação entre a minha experiência de fé e a experiência de fé dos outros²⁸².

Certamente, a fé da Igreja é o fundamento da fé pessoal de cada cristão, no sentido em que a fé de cada um está alicerçada na comunidade. De facto, a comunidade cristã não é algo secundário, nem um elemento acessório do qual se possa prescindir, mas é o espaço vital da fé.

Crer é sempre, segundo a sua essência, co-crer com toda a Igreja. O “eu creio” do Credo não remete a qualquer eu privado, mas ao eu comunitário da Igreja. A fé é possível na medida em que me faço um com este eu comunitário, que não elimina o meu próprio eu, mas o amplia²⁸³.

²⁷⁹ Ratzinger, *Compreender a Igreja hoje*, 92.

²⁸⁰ Ratzinger, *El credo hoy*, 245.

²⁸¹ Joseph Ratzinger, *El credo hoy* (Santander: Sal Terrae, 2012), 244.

²⁸² Cf. Bento XVI, *Aprender a acreditar*, 73.

²⁸³ Ratzinger, *Naturaleza y Misión de la Teología*, 105.

Nesta perspectiva, torna-se possível afirmar que a comunidade eclesial é o espaço no qual nasce, cresce e amadurece a fé. Isto evidencia-se de diversos modos. Primeiro, no acesso à fé; chega-se à fé entrando em contacto com outros crentes, ou seja, com a comunidade cristã. Em segundo lugar, a própria confissão da fé é expressão comunitária da fé, como foi dito; o indivíduo crê e professa a fé da Igreja. De igual forma, a fé cresce na medida em que é partilhada. A experiência da fé realiza-se em companhia de outros crentes.

2. Dimensão eclesial do Batismo

O *Catecismo da Igreja Católica* apresenta o sacramento do batismo como a porta e o fundamento de toda a vida cristã: «O batismo é de modo particular, o “sacramento da fé”, uma vez que é a entrada sacramental na vida da fé»²⁸⁴. O batismo é o sacramento de ingresso na comunidade cristã. É a entrada na grande família dos cristãos. Nesta ótica, o Papa Bento XVI inicia a sua Carta Apostólica *Porta Fidei* com as seguintes palavras:

A porta da fé, que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na Igreja, está sempre aberta para nós [...]. Atravessar esta porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira. Este caminho tem início no Baptismo, pelo qual nos podemos dirigir a Deus com o nome de Pai²⁸⁵.

No início do caminho de fé está o batismo, sacramento que confere o dom do Espírito Santo, tornando o indivíduo filho de Deus em Cristo e marcando, assim, a entrada na Igreja. Isto significa que não cremos por nós mesmos, sem a assistência da graça do Espírito; e não cremos sozinhos, mas juntamente com os outros cristãos. A partir do batismo, a existência de cada crente é revestida pela dimensão filial, e por isso, ele pode dirigir-se a Deus como Pai. Mas fá-lo dizendo “Pai nosso”. Quando Jesus ensinou os seus apóstolos a rezar, ordenou-lhes que dissessem “Pai nosso”. Esta prece supõe sempre o “nós” da família de Deus. «Assumir e reconhecer a paternidade de Deus significa sempre isto: “sermos-remetidos-uns-para-os-outros”. O homem pode, com todo o direito, chamar “Pai” a Deus, desde que se insira naquele “nós”»²⁸⁶. De facto, «para nós Deus só é Pai enquanto formamos parte da comunidade de seus filhos. Deus só é Pai “para mim” enquanto eu “estou” no “nós” de seus filhos»²⁸⁷. Portanto, a oração do Pai nosso não é a prece de uma alma isolada que se une a Deus, mas a prece do

²⁸⁴ Catecismo da Igreja Católica, nº 1236.

²⁸⁵ Bento XVI, *Porta Fidei*, nº1.

²⁸⁶ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 126.

²⁸⁷ Ratzinger, *Iglesia signo entre los pueblos*, 36.

cristão que está unido à comunidade dos irmãos, juntamente com os quais forma o corpo de Cristo²⁸⁸.

O batismo dá-nos uma nova identidade filial, pois toca-nos na nossa realidade pessoal e nos transforma radicalmente, tornando-nos filhos no Filho; e assim todas as nossas relações são modificadas. A existência passa a ser vivida na lógica da comunhão. Como afirma o nosso autor: «O batismo significa, pois, que renunciamos ao nosso “eu” isolado, independente, e nos reencontramos num novo “eu”»²⁸⁹. E neste novo “eu”, que é a Igreja, o cristão é chamado a reviver e fazer sua a profissão de fé, em união com todos os cristãos.

Na sua obra *Teoria dos princípios teológicos*, Ratzinger afirma que o batismo, embora sendo o sacramento de ingresso na comunidade cristã, esteve um pouco à margem dos esforços de renovação da consciência litúrgica e teológica, não obstante alguns importantes contributos. Porém, só se pode entender a essência da Igreja e o ato de fé se se olharem na sua relação com o batismo. Por esta razão, nota-se a necessidade de a teologia sacramental tratar este tema com menos abstração e se cingir mais ao acontecimento litúrgico. É por isso que o nosso autor chama a atenção para a unidade entre palavra e matéria, característica do sacramento do batismo.

A administração do batismo envolve a palavra sacramental e o ato de derramar água ou de submergir na água. «Esta paridade de palavra e matéria é uma característica irrenunciável da liturgia cristã e faz parte da própria estrutura da relação do cristão com Deus»²⁹⁰. De facto, se olharmos para a história do povo de Israel, vemos que nunca houve símbolos cósmicos isolados, como, por exemplo, uma dança cósmica sem palavras ou uma oferenda natural muda, como acontecia nas chamadas religiões naturais. Mas sempre o sinal foi acompanhado da instrução. Daí que, no sacramento do batismo, matéria e palavra se juntem e é precisamente esta a sua singularidade, pois na fé cristã não existe separação entre espírito e matéria, entre Deus e matéria.

Nesta perspetiva, a relação do cristão com Deus não surge, como nas religiões naturais, do cosmos e de seus símbolos. Antes tem uma dimensão histórica, ou seja, surge de uma história, na qual Deus reuniu um povo e se tornou o seu caminho. Neste ponto, Ratzinger enfatiza a importância da palavra: «Por isso, a palavra no sacramento expressa o carácter histórico da fé. Esta não chega até ao homem enquanto ser isolado,

²⁸⁸ Em relação a esta temática em 1958 Ratzinger realiza uma conferência com o título: A fraternidade cristã. Cf. Ratzinger, *Iglesia signo entre los pueblos*, 31-60.

²⁸⁹ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 37.

²⁹⁰ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 31.

mas porque a recebe no seio da comunidade dos que creram antes dele e lhe apresentaram Deus como uma realidade dada da sua história»²⁹¹. Portanto, a historicidade da fé manifesta o seu carácter comunitário, corrigindo a tendência atual de querer reduzir a religião ao meramente individual. «O batismo recorda-nos que a fé não é obra do indivíduo isolado, não é um ato que o homem possa realizar contando apenas com as próprias forças, mas tem de ser recebida, entrando na comunhão eclesial»²⁹².

O sacramento do batismo envolve palavra e matéria. Significa que existe nele uma dimensão cósmica e uma dimensão histórica. O cosmos e a história convertem-se no lugar do encontro com Deus. Esta dupla estrutura de palavra e matéria, procedente do Antigo Testamento, recebe o seu aprofundamento último e a sua plenitude em Cristo, a palavra feita carne. Por isso, a materialidade e a historicidade da liturgia sacramental são sempre uma confissão cristológica: «uma referência ao Deus que não hesitou em fazer-se carne e levou assim, no seu coração, na miséria histórica de uma vida humana terrena, o peso e a esperança da história como peso e esperança do cosmos»²⁹³.

Falando sobre a relação entre palavra e matéria no sacramento do batismo, numa das suas homilias Bento XVI afirmava:

O Baptismo não é somente uma palavra; não é apenas algo espiritual, mas implica inclusive a matéria. Toda a realidade da terra é interpelada. O Baptismo não diz respeito exclusivamente à alma. A espiritualidade do homem investe o homem na sua totalidade, corpo e alma. A acção de Deus em Jesus Cristo tem uma eficácia universal. Cristo adquire a carne e isto continua nos sacramentos, em que a matéria é adquirida e começa a fazer parte da acção divina²⁹⁴.

Por outro lado, o batismo opera a comunidade “nominal” do cristão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Joseph Ratzinger compara este facto com o que acontece no processo da celebração do matrimónio, no qual se cria entre os esposos uma comunidade “nominal”, e a partir desse momento, constituem uma unidade nova. Os cônjuges abandonam a sua anterior existência e passam a tê-la um junto do outro²⁹⁵. De igual modo, o neófito fica associado a uma nova comunidade nominal com o Deus Pai, Filho e Espírito Santo, recebendo, assim, um nome novo e uma vida nova. Contudo, esta nova vida encerra em si um mistério de morte. Voltando ao exemplo do matrimónio, vemos que a mulher ao receber o nome de família do seu marido renuncia

²⁹¹ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 32.

²⁹² Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n.º 41.

²⁹³ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 33.

²⁹⁴ Bento XVI «Homilia na festa do batismo do Senhor, 07 de janeiro de 2007», acedido a 30 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_2007_0107_battesimo.html.

²⁹⁵ Cf. Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 34.

ao próprio nome, pois, a partir de agora a sua existência passa a ser vivida em comunhão com o seu esposo. Ora, ser batizado significa aceitar o nome de Cristo, passar pela sua morte para assim participar da sua ressurreição. Este facto de o batismo ser realmente morte e ressurreição, evidencia-se no rito da imersão na água: «a água é, simultaneamente, símbolo de morte, que nos convida a passar pela conversão do “eu” tendo em vista a sua abertura a um “Eu” maior, e símbolo de vida, do ventre onde renascemos para seguir a Cristo»²⁹⁶.

Segundo Ratzinger, a controvérsia de Jesus com os saduceus a respeito da ressurreição²⁹⁷ ajuda-nos a entender a relação entre o batizado e a participação no nome de Deus. Como sabemos, os saduceus não reconhecem os escritos deuterocanónicos, por isso, Jesus argumenta a partir da Torá. E fá-lo afirmando que, quando Deus se apresenta a Moisés, diz-lhe que é o Deus de Abraão, Isaac e Jacob. Neste sentido, torna-se evidente que Deus se denomina a Si mesmo mediante pessoas: «Estes homens [Abraão, Isaac e Jacob] fazem com que se possa nomear Deus, formam parte do conceito de Deus, são seu nome»²⁹⁸. Abraão, Isaac e Jacob converteram-se, em certo sentido, como que em atributos de Deus. É aqui que se apoia a argumentação de Jesus: «Deus vinculou-se aos homens, de tal modo que agora já se pode dizer a partir desses homens quem é Ele, distinguindo-O dos outros deuses»²⁹⁹.

Ora, Jesus Cristo, o Filho de Deus, revelou-nos o rosto do Pai. Ele é o seu autêntico nome. Não é só um atributo de Deus, mas «pertence a Deus como Deus mesmo, como o seu verdadeiro nome. A partir de agora, e para sempre, Deus será nomeado através de Jesus Cristo»³⁰⁰. Ser batizado significa participar da relação com o Deus de Jesus, entrando numa comunidade nominal com Ele e adquirindo uma nova identidade filial.

Através do Batismo cria-se um novo parentesco. Caminhar para Cristo significa também caminhar sempre para todos aqueles que com Ele quiseram formar um só corpo. Aparece já assim, na fórmula trinitária, a dimensão eclesial do batismo. Não se trata de algo acessório, senão que está inserido, através de Cristo, no conceito de Deus. Ter nascido de Deus significa nascer do Cristo total, cabeça e membros³⁰¹.

²⁹⁶ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 42.

²⁹⁷ Cf. *Mc* 12,18-27.

²⁹⁸ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 34.

²⁹⁹ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 34.

³⁰⁰ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 34.

³⁰¹ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 36.

2.1. A confissão trinitária em forma de diálogo

Através do sacramento do batismo, o cristão é inserido no nome de Deus, passa a estar unido a Deus; numa existência única e nova. Por essa razão, os cristãos são batizados no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo³⁰², em obediência às palavras do Ressuscitado, transmitidas em *Mt* 28, 19: «Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo». Esta fórmula trinitária, durante os primeiros séculos do cristianismo, teve forma de diálogo. Segundo a *Traditio Apostolica* de Hipólito de Roma, escrita no século III, mas que relata um tipo de batismo de épocas anteriores, o sacerdote fazia ao batizando três perguntas: “Crês em Deus Pai todo-poderoso? Crês em Jesus Cristo? Crês no Espírito Santo?” A cada uma das três perguntas o catecúmeno respondia com “creio” e era submerso na água, por três vezes³⁰³.

Assim sendo, a fórmula do batismo foi, na sua expressão mais antiga, uma confissão de fé. Por seu turno, a confissão de fé foi, também na sua expressão mais antiga, parte do sacramento do batismo. Daí que a profissão de fé não seja só uma simples fórmula rezada na primeira pessoa do singular, nem o batismo tenha como fórmula umas simples palavras ditas pelo sacerdote, mas, «tratava-se de um diálogo de fé, de uma confissão que se desenvolve entre um “eu” e um “tu”»³⁰⁴. Ser batizado nunca é um ato solitário, mas é sempre necessariamente um estar unido com toda a comunidade cristã.

Como vemos, na sua origem a confissão de fé apresenta uma forma de diálogo, no qual há perguntas e respostas: Crês em Deus? Em seu Filho? E no Espírito Santo? “Sim, creio”. Esta resposta dada no singular, nunca é o resultado de uma reflexão solitária, mas é fruto de uma relação, de um diálogo, de um ouvir, e um responder. Nesta fórmula dialogada podemos encontrar dois elementos fundamentais da fé cristã: a fé como dom e a Igreja como sujeito transmissor: «A fé é virtude teologal, doada por Deus, mas

³⁰²Bento XVI na abertura do Congresso Eclesial de Roma de 11 de junho de 2012, falando sobre o Sacramento do Batismo, chamava à atenção para a frase correta a pronunciar, conforme o texto grego: seria “no nome do Pai”, diferente de “em nome do Pai”. O que significaria uma imersão no nome da Trindade, um estar inserido no nome de Deus, um impregnar-se do ser de Deus no nosso ser. Mais significativo que “falar em nome de”. Cf. Bento XVI «Discurso no Congresso eclesial da Diocese de Roma, 11 de junho de 2012» acedido a 10 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20120611_convegno-ecclesiale.html.

³⁰³ Cf. Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 38; cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 57-59.

³⁰⁴ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 38.

transmitida pela Igreja ao longo da história»³⁰⁵. Resulta interessante reparar no diálogo que realiza o sacerdote com o catecúmeno que vai receber o batismo. O celebrante pergunta: Que vens pedir à Igreja de Deus? E o catecúmeno responde: a fé. Portanto, a fé é um dom que se recebe por meio da Igreja.

Neste sentido, nenhum de nós pode construir a sua fé pessoal num diálogo privado com Cristo, porque a fé é doada por Deus através da Igreja. Através do batismo, somos inseridos numa comunhão que não é simplesmente sociológica, mas tem o seu fundamento no amor trinitário de Deus, que é em Si mesmo comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Por isso, receber a fé requer um caminho de conversão, um contínuo catecumenado. «A fórmula batismal, que é propriamente um Credo dialogado, pressupõe um longo processo de aprendizagem. Requer não só ser aprendido como texto, mas deve ser também exercitado como expressão de uma orientação existencial»³⁰⁶. O “eu creio” nunca pode ser uma simples resposta; antes, deve orientar a própria existência, deve tornar-se vida naquele que o pronuncia. Em relação a este tema, Bento XVI no congresso eclesial da Diocese de Roma em 2012, exortava:

A fórmula positiva do Baptismo é também um diálogo: não é simplesmente uma fórmula. Sobretudo a profissão da fé não é simplesmente algo a compreender, uma realidade intelectual, uma coisa a memorizar —sem dúvida, é também isto — mas diz respeito inclusive ao intelecto, refere-se principalmente ao nosso viver. E isto parece-me muito importante. Não é algo intelectual, uma simples fórmula. É um diálogo de Deus connosco, uma obra de Deus connosco e uma nossa resposta, é um caminho³⁰⁷.

O nosso autor insiste em demonstrar que o sacramento do batismo vai mais além duma simples cerimónia religiosa. Este deve ser entendido dentro do contexto do catecumenado. Visto que, na Igreja primitiva, a profissão de fé, o catecumenado, o batismo e a pertença à Igreja estavam intimamente ligados³⁰⁸. Faz parte do catecumenado o elemento da instrução. O caminho do catecumenado implica um processo de aprendizagem, no qual se meditam e se assimilam os conteúdos essenciais da fé cristã. Contudo, esta instrução não se limita somente ao âmbito meramente doutrinal, pois a fé cristã é também um *ethos*. O cristão está chamado a assumir uma forma de vida nova, na qual toda a sua existência está envolvida. Trata-se de participar de uma forma de vida dada de antemão, que é a forma de vida da Igreja. Compete ao

³⁰⁵ Bento XVI, «Audiência geral, 31 de outubro de 2012», acessido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121031.html.

³⁰⁶ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 39.

³⁰⁷ Bento XVI «Discurso no Congresso eclesial da Diocese de Roma, 11 de junho de 2012» acessido a 10 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20120611_convegno-ecclesiale.html.

³⁰⁸ Cf. Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 39-41.

catecúmeno aceitar este estilo de vida e assumi-lo na sua existência. Daí a importância que tem a comunidade cristã no apoio e suporte oferecido aos catecúmenos durante toda a sua caminhada.

Uma vez mais, constatamos que ninguém chega a ser cristão pelos seus próprios meios, mas necessita que alguém lhe anuncie Cristo, que alguém lhe pergunte: “crês em Deus, Pai?”. Em suma, necessita que alguém o batize. Portanto, existe um dinamismo ativo-passivo. «O batismo é desde o primeiro instante um “ser batizado”, um “ser agraciado” com o dom da fé. E o caminho ético que percorre o cristão depois do seu batismo é ao mesmo tempo um ser conduzido e levado»³⁰⁹.

2.2. Batismo, fé e pertença à Igreja

Segundo o nosso autor, existe uma conexão profunda entre batismo, fé e pertença à Igreja. Como já foi dito, o batismo é o sacramento da fé, através do qual se entra a formar parte da vida eclesial. Contudo, Ratzinger chama a atenção para o facto de a teologia contemporânea manifestar alguma dificuldade em articular estas três realidades. Na sua obra *Teoria dos Princípios Teológicos*, afirma que tal dificuldade resulta do facto de no Novo Testamento encontrarmos uma série de textos que vinculam a justificação do cristão à fé: «Porquanto, nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei» (*Rm 3,28*)³¹⁰. Porém, aparecem nas mesmas cartas paulinas outros textos que vinculam a fé ao batismo: «vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo» (*Gl 3,26s*)³¹¹.

Desta forma, surge a pergunta: o que é que justifica só a fé, só o batismo, ou a fé e o batismo? Ratzinger defende que existe uma clara unidade entre a fé e o batismo. «De facto, não existe a fé como uma decisão individual de alguém que permanece fechado em si mesmo. Se a fé não constitui um *ser recebido na Igreja*, então não é uma fé cristã. Ser recebido na comunidade crente é constitutivo da própria fé e não apenas um ato

³⁰⁹ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 41.

³¹⁰ Neste ponto, para além de *Rm 3, 28*, Ratzinger remete para as seguintes passagens: *Rm 5,1*; «Tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo»; *Gl 2, 16* «Sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei ninguém será justificado»; *Gl 3,8* «Prevendo que Deus justificaria os gentios pela fé, a Escritura preanunciou a Abraão esta boa nova: Em ti serão abençoadas todas as nações».

³¹¹ Cf. *Rm 6, 3-4*: «Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova».

jurídico complementar»³¹². Ora, esta comunidade crente é também comunidade sacramental, que vive da graça oferecida pelo seu Esposo, Cristo, ou seja, vive daquilo que ela a si mesma não se pode dar. Por isso, ser aceite na comunidade sacramental é, ao mesmo tempo, ser aceite e recebido no sacramento do batismo.

Ratzinger insiste em afirmar que o sacramento do batismo exprime a dupla transcendência do ato da fé: «a fé é dom que se dá através da comunidade que, por seu turno, recebeu de Cristo este dom. Sem esta dupla transcendência, isto é, sem a concretização sacramental, a fé não é fé cristã»³¹³. Neste sentido, o cristão é justificado pela fé, mas por uma fé que é eclesial, sacramental e recebida no sacramento do batismo: «a justificação pela fé exige uma fé que seja eclesial»³¹⁴. O batismo acaba por ser a concretização da decisão de um indivíduo que fez sua a fé eclesial. Para o nosso autor, «a fé surge da Igreja e conduz à Igreja. A fé é um dom de Deus que inclui tanto o requerimento da vontade do homem como a ação e o ser da Igreja. Ninguém pode estabelecer por si mesmo que é crente»³¹⁵.

Mediante o exposto, podemos dizer que o batismo e a fé são inseparáveis. O batismo é o sacramento da fé e a fé tem um duplo aspeto: é um ato profundamente pessoal, mas também eclesial. Tomemos o exemplo da mulher que sofria de um fluxo de sangue, a qual, aproximando-se de Jesus, toca nas suas vestes na esperança de ser curada. Ela confia totalmente no poder que Jesus tem de curá-la. Diante desta sua atitude, Jesus diz-lhe: «Ânimo, minha filha, a tua fé te salvou» (*Mt 9, 22*). Com base nesta passagem, o Papa Bento XVI no início da Quaresma do ano 2012, exortava a não perder de vista a união entre fé e batismo:

Inicialmente a fé é sobretudo um encontro pessoal, um tocar as vestes de Cristo, um ser tocado por Cristo, estar em contacto com Cristo, confiar no Senhor, ter e encontrar o amor de Cristo e, no amor de Cristo, também a chave da verdade, da universalidade. Mas precisamente por isto, porque chave da universalidade do único Senhor, esta fé não é só um ato pessoal de confiança, mas um ato que tem um conteúdo. A *fides qua* exige a *fides quae*, o conteúdo da fé, e o Baptismo expressa este conteúdo³¹⁶.

Portanto, a fórmula trinitária utilizada no sacramento do batismo representa o elemento substancial do Credo dos cristãos. Através do batismo, o cristão dá o seu “sim” ao Deus Trinitário. A este Deus que vive como Filho do Pai na unidade do

³¹² Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 45.

³¹³ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 46.

³¹⁴ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 46.

³¹⁵ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 46.

³¹⁶ Bento XVI, «Encontro com o clero da Diocese de Roma, 23 de fevereiro de 2012» acessado a 20 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20120223_parroci-roma.html.

Espírito Santo. Ser batizado quer dizer estar unido a Deus, estar imerso no Deus Trinitário, participando da sua vida de comunhão. E assim o cristão, ao estar unido a Deus, naturalmente passa a estar unido aos irmãos e às irmãs, uma vez que todos os outros cristãos também estão imersos na comunhão com Deus. Isto significa que o batismo tira o ser humano do seu isolamento e o insere numa comunidade³¹⁷.

Numa catequese pronunciada em Paris, em 1983, o então Cardeal Joseph Ratzinger fazia menção da importância da dimensão eclesial do ato de fé:

A fé nos situa não só perante o “Tu” de Deus e de Cristo: mas também perante aqueles aos quais Deus mesmo se tem comunicado [...]. A fé não é só um “eu” e um “tu”, mas também um “nós”. Neste “nós” está vivo o memorial que nos permite voltar a encontrar o que tínhamos esquecido: Deus e o seu enviado. Por outras palavras: não há fé sem Igreja³¹⁸.

Evidentemente o nosso autor afirma que a vivência da fé cristã comporta, ao mesmo tempo, uma relação pessoal e social, no seio da Igreja. A fé é um dom que vem de Cristo por meio da Igreja e do sacramento do batismo. «O ato de fé só pode acontecer, só pode alcançar-se quando é posto abertamente na Igreja e, na dupla vertente de pergunta e resposta, se deixa aceitar, abrigar, submergir, unificar no sujeito único do *credo*: a *Mater Ecclesia*»³¹⁹. O ato de fé é sempre um ato por meio do qual se entra na comunhão da comunidade crente. Desta forma, batismo, fé e pertença à Igreja estão intimamente ligados: «O batismo é sacramento da fé e também a Igreja é sacramento de fé. Por conseguinte, só entende a pertença à Igreja aquele que compreende o batismo e só compreende o batismo quem dirige o seu olhar à fé que, por sua vez, remete ao culto da família de Jesus Cristo»³²⁰.

3. O Símbolo como expressão da estrutura da fé

Deus revelou-se mediante palavras e obras ao longo da história de salvação, a qual atingiu a sua plenitude na encarnação do Filho de Deus e no mistério da sua morte e ressurreição. A Igreja, nascida do evento pascal, tornou-se portadora de uma esperança nova e sólida: Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado é o salvador do mundo e está sentado à direita do Pai e é juiz dos vivos e dos mortos. Este é o *kerigma*, o anúncio central e impetuoso da fé cristã. Mas, desde o início do Cristianismo, levantou-se o

³¹⁷ Cf. Bento XVI «Discurso no Congresso eclesial da Diocese de Roma, 11 de junho de 2012» acessado a 10 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20120611_convegno-ecclesiale.html.

³¹⁸ Joseph Ratzinger «Catequese sobre a fé e a transmissão da fé. Paris, janeiro 1983» acessado a 20 de maio de 2021, https://www.obispadoalcala.org/pdfs/EdC-Ratzinger_Transmision-de-la-fe.pdf.

³¹⁹ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 131.

³²⁰ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 46.

problema da fidelidade dos crentes à verdade do Evangelho. S. Paulo escreve: «Lembros-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei, que recebestes, no qual permanecéis firmes, e pelo qual sois salvos, se o guardais como vo-lo anunciei; doutro modo, teríeis acreditado em vão» (*ICor* 15, 1-2). Vemos como na propagação do Evangelho esteve sempre presente a preocupação por transmitir e conservar fielmente as verdades da fé.

Mas onde podemos encontrar a fórmula essencial da fé cristã? Onde encontramos as verdades que nos foram fielmente transmitidas e que constituem a base da nossa fé? «A resposta é simples: no Credo, na Profissão de Fé, ou Símbolo da Fé»³²¹. Para o nosso autor, o símbolo da fé representa a forma original da doutrina cristã: «O Símbolo Apostólico, pela sua origem, pretende ser “introdução ao cristianismo”»³²². Por isso, se pretendemos conhecer as bases sobre as quais se sustenta a fé cristã, é preciso olhar com detalhe para o símbolo da fé. Ratzinger, na sua obra *Introdução ao Cristianismo*, faz um breve resumo histórico sobre a origem deste símbolo³²³.

Por sua origem e por seu uso, o Credo está estreitamente vinculado à liturgia; concretamente, à celebração do sacramento do batismo. A sua forma básica surgiu no decurso dos séculos II e III d.C., sobretudo na cidade de Roma. Essas fórmulas batismais de fé tinham uma estrutura trinitária, fiel às palavras do Ressuscitado: «Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (*Mt* 28, 19). Os catecúmenos faziam a profissão de fé ao receber o batismo. A forma mais antiga desta profissão de fé realizava-se num diálogo de três partes, com pergunta e resposta. «São três as perguntas dirigidas aos batizando: “Crês em Deus-Pai todo-poderoso? Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus...? Crês no Espírito Santo...?” A cada uma destas perguntas, o batizando responde “creio”, e é mergulhado na água»³²⁴.

Durante o século II, e mais ainda no século III, surgiu a necessidade de ampliar a parte central que se refere a Cristo. De tal forma que a segunda pergunta devia resumir o significado de Cristo para o cristão. No século III já aparece um texto corrido, desvinculado do esquema anterior de perguntas e respostas. A partir do século IV já se conta com uma versão latina do Credo. Tendo presente a importância da Igreja de Roma para todo o Ocidente, esta versão latina difundiu-se rapidamente por todas as regiões em

³²¹ Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, quarta-feira, 17 de outubro de 2012», acessado a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_2012_1017.html.

³²² Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 33.

³²³ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 55-62.

³²⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 58.

que predominava o latim. Sem entrar em muitos pormenores, podemos dizer que o texto do Credo, no seu processo de divulgação pelo Ocidente, sofreu uma série de pequenas modificações. Foi Carlos Magno quem fixou uma forma deste texto, baseada no texto antigo da liturgia romana e que tinha recebido a sua forma definitiva na Gália. Assim, no século IX, esse texto comum passou a ser aceite inclusive em Roma³²⁵.

No curso da história da Igreja, o texto do Credo foi usado em algumas ocasiões com interesses políticos. Lembremos que foi este texto que, por um lado, separou o Oriente do Ocidente e, por outro, foi usado para a unificação política e uniformização do Ocidente. «Assim, se revela, no espelho das vicissitudes por que passou este texto, de que forma a resposta ao chamamento vindo da Galileia, ao entrar na história, se misturou com todas as mazelas da condição humana»³²⁶. Isto mostra que a fé, ainda que sempre procurasse a sua autonomia diante dos poderes deste mundo, pelo facto de entrar na história humana, inevitavelmente está exposta a misturar-se com os interesses humanos.

Esta rápida resenha histórica mostra que, apesar de todas as suas contingências históricas, o texto do Credo constitui, nos seus aspetos essenciais, o eco exato da fé da Igreja primitiva. «Quando se procura entender o “Símbolo”, é, porém, necessário ter sempre em mente que ele se funda todo no Novo Testamento e que importa lê-lo e interpretá-lo a partir das suas intenções»³²⁷. Por isso, se quisermos saber qual é o conteúdo da fé cristã e aquilo que define a sua identidade ao longo da história, é necessário recorrer ao texto do Credo, o qual não é só um simples texto elaborado no decorrer da história, mas representa o eco fiel da fé da Igreja.

É necessário chamar agora à atenção para mais um aspeto: a relação do Credo com a conversão. Vimos que o Credo é professado no contexto da prática batismal na forma de um diálogo com três perguntas. «Acrescentemos agora a observação de que ele [o Credo] constitui o oposto positivo da renúncia tripla que o antecede: “Renuncio a Satanás, ao seu serviço e às suas obras”»³²⁸. A profissão de fé é, assim, a expressão da conversão, da mudança de ser escravos ao serviço de Satanás para passar a viver na liberdade dos filhos de Deus. Na tríplice renúncia e na tríplice afirmação, unida ao tríplice símbolo da morte mediante a imersão nas águas batismais e ao tríplice símbolo de ressurreição, revela-se que a fé é uma entrega total a Cristo. «No sentido de profissão

³²⁵ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 58-59.

³²⁶ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 60.

³²⁷ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 60.

³²⁸ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 61.

e na sua origem, a fé não se confunde com uma recitação de doutrinas nem com a aceitação de teorias [...]. A fé é um movimento da existência humana encarada como um todo»³²⁹.

Neste diálogo realizado no momento do batismo, o “eu” e o “nós” da fé aparecem intimamente unidos. Por um lado, a profissão da fé surge como algo extremamente pessoal, o catecúmeno diz “eu creio” e “eu renuncio”. É a totalidade da sua existência que está envolvida. Mas, juntamente com este aspeto pessoal, encontra-se um outro elemento: a decisão do catecúmeno é tomada em resposta a uma pergunta: “Tu crês?”. Neste sentido, ninguém poderia dizer “eu creio” sem antes alguém lhe perguntar: “Tu crês em Deus Pai, no seu Filho e no Espírito Santo?”. Isto significa que este diálogo remete ao “cremos” da Igreja. O “eu creio” encontra o seu lugar devido na comunidade cristã. Assim, vemos como esta forma primitiva da profissão de fé exprime de uma forma muito clara a dimensão comunitária da fé³³⁰.

A forma dialógica da profissão de fé realizada no momento do batismo revela que a doutrina cristã não existe sob forma de princípios doutrinários isolados, mas na unidade do Símbolo. O nosso autor explica a dimensão social e comunitária do ato da fé a partir da etimologia da palavra “Símbolo”. Esta palavra vem de *symbolleîn*, um verbo grego que significa juntar, unir ou fazer coincidir³³¹. O seu uso deriva de um costume que consistia em unir duas partes; por exemplo, duas pessoas possuíam, cada uma, a metade de um selo ou de um anel, de modo a se reconhecerem quando juntassem ambas as partes. Assim, era utilizado como sinal de identificação para mensageiros ou comensais. Quem possuía a metade complementar tinha o direito de receber determinado objeto. Por isso, o “símbolo” é a parte que necessita de uma outra para se juntar e para formar uma unidade. Portanto, «o símbolo é a parte que remete para a complementação no outro, criando mútuo reconhecimento e união. Ele exprime e possibilita essa união»³³².

Assim, chamando à profissão de fé “símbolo”, faz-se referência ao facto de cada cristão só ter na sua posse a fé como fragmento imperfeito e quebrado, que só pode encontrar a sua unidade e integridade quando se une aos outros que em conjunto professam a fé. Daí que a fé cristã se fundamente num “símbolo”, ou seja, na confissão conjunta do Credo. «Com efeito, foi exatamente esse o sentido original das formulações

³²⁹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 61.

³³⁰ Cf. Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 127-30.

³³¹ Cf. Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 338-39.

³³² Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 67.

dogmáticas na Igreja: possibilitar a profissão comum da fé em Deus e a sua adoração em comum. Sendo chamada “símbolo”, ela aponta para o outro e para a unidade do espírito na palavra, que é a mesma para todos»³³³. Isto leva-nos à conclusão de que a fé cristã exige união; o lugar do “eu creio” só pode ser dentro do “nós cremos”. A minha experiência de fé realiza-se em união com a experiência dos outros que creem comigo. «A profissão de fé, a palavra e a união que ela cria são, portanto, uma parte essencial da fé; integram-na igualmente a participação na liturgia da comunidade e, finalmente, aquele existir em conjunto com os outros a que chamamos Igreja»³³⁴.

Como já foi mencionado, o símbolo reúne e resume a forma original da doutrina cristã. Devemos acrescentar que ele não é só uma junção de frases, mas que existe no seu interior uma conexão de conteúdos. Por isso, a confissão tem uma dupla função. Por um lado, tem que deixar claro que a fé cristã se diferencia e separa daquilo que não é. Daí que confessar a fé signifique marcar uma diferença. Por outro lado, a confissão deve expressar aquilo que se pode incluir na fé, ou seja, tudo aquilo que faz parte da fé enquanto tal. Por esta razão, nos primeiros séculos, os cristãos eram obrigados a aprender de memória o símbolo da fé. Este servia-lhes de oração diária para não esquecerem o que significava professar a fé cristã. Na carta apostólica *Porta Fidei*, mencionando o Santo de Hipona, Bento XVI afirma:

Com palavras densas de significado, S. Agostinho afirmava numa homilia sobre a *redditio symboli*: “O símbolo do santo mistério, que recebestes todos juntos e que hoje proferistes um a um, reúne as palavras sobre as quais está edificada com solidez a fé da Igreja, nossa Mãe, apoiada no alicerce seguro que é Cristo Senhor. E vós recebestes-lo e proferistes-lo, mas deveis tê-lo sempre presente na mente e no coração, deveis repeti-lo nos vossos leitões, pensar nele nas praças e não o esquecer durante as refeições; e, mesmo quando o corpo dorme, o vosso coração continue de vigília por ele”³³⁵.

Segundo o nosso autor, o “fazer-se cristão” não pode ser entendido como uma mera adesão intelectual a uma lista de conteúdos, mas sim como uma decisão e adesão à Palavra que foi anunciada e recebida. Daí que a fórmula do batismo tenha a estrutura de um diálogo. Não é, portanto, simplesmente uma fórmula. A profissão da fé não é simplesmente uma oração que o crente recita, mas envolve toda a sua existência. «Podemos dizer que, no *Credo*, o fiel é convidado a entrar no mistério que professa e deixar-se transformar por aquilo que confessa»³³⁶. Isto é muito importante; a profissão

³³³ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 67.

³³⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 69.

³³⁵ Bento XVI, *Porta Fidei*, n° 9.

³³⁶ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n° 45.

de fé refere-se principalmente ao nosso viver. É um diálogo de Deus conosco, uma obra de Deus conosco e uma nossa resposta³³⁷.

Sobretudo, é importante que o Credo seja, por assim dizer, “reconhecido”. Com efeito, conhecer poderia ser algo simplesmente intelectual, enquanto “reconhecer” quer significar a necessidade de descobrir o vínculo profundo entre as verdades que professamos no Credo e a nossa existência quotidiana, para que estas verdades sejam deusas e concretamente — como sempre foram — luz para os passos do nosso viver, água que rega a aridez do nosso caminho, vida que vence certos desertos da vida contemporânea. No Credo insere-se a vida moral do cristão, que nele encontra o seu fundamento e a sua justificação³³⁸.

A confissão da fé cristã oferece, tanto hoje como no passado, sentido e esperança para a vida daquele que professa com seus lábios: “Creio em Deus Pai, Filho e Espírito Santo”. Esta confissão não são letras mortas, mas vida. É a totalidade da existência que é iluminada e transformada. Ratzinger, falando sobre as implicações que tinha o professar a fé nos primeiros tempos do Cristianismo, afirma: «quem aderiu ao “Credo” distanciava-se, ao mesmo tempo, das leis que regiam o mundo do qual fazia parte: renunciava à adoração do poder político [...], renunciava à adoração do prazer [...], e à superstição predominante no mundo»³³⁹. Assim, o ingresso na comunidade cristã e a aceitação do seu Credo constituíam para o cristão uma decisão existencial de consequências graves. Desta forma, o professar a fé cristã é adesão e conversão, ou seja, implica sempre um redirecionamento do ser humano no sentido de dar à vida um novo rumo. Um direcionamento para Deus, mas também um virar-se para o outro, para realizar em comunidade a glorificação de Deus.

Pelo que dissemos até agora, fica ilustrado que o expressar a fé cristã em fórmulas condensadas ou “símbolos” é algo que acontece primeiramente no âmbito do sacramento do batismo³⁴⁰. Por isso, a profissão de fé deve ser entendida a partir da prática batismal, que constitui o seu verdadeiro contexto. Ratzinger afirma que na forma primitiva dessa profissão de fé está presente toda a figuração «antropomórfica da fé»³⁴¹. Isto significa que a fé não é o resultado de um diálogo privado com Deus; «é o resultado

³³⁷ Bento XVI «Discurso no Congresso eclesial da Diocese de Roma, 11 de junho de 2012» acessado a 10 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20120611_convegno-ecclesiale.html.

³³⁸ Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, quarta-feira, 17 de outubro de 2012», acessado a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_2012_10_17.html.

³³⁹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 79.

³⁴⁰ Com isto, o nosso autor não pretende afirmar que o batismo tenha sido o único lugar da formação da confissão da fé, mas pretende destacar a primazia do batismo na linha principal da evolução das confissões de fé. Cf Ratzinger, *Teoria de los Principios Teológicos*, 145-53.

³⁴¹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 63.

de um diálogo, que pressupõe a disposição de ouvir, receber e de responder»³⁴². Trata-se de um diálogo que remete o crente para o “nós” daqueles que participam dessa mesma fé. Desta forma, «a fé não é um facto privado, uma conceção individualista, uma opinião subjetiva, mas nasce de uma escuta e destina-se a ser pronunciada e a tornar-se anúncio»³⁴³.

3.1. A fé vem da pregação

Dissemos anteriormente que o Credo nasceu do diálogo original: “Crês? - “Creio!”. Esse diálogo remete, por sua vez, para o “cremos”, em que o “eu”, como elemento do “eu creio”, encontra o seu lugar devido. Ora, neste diálogo tem que haver uma mediação, ou seja, alguém tem que me anunciar uma palavra para eu poder aderir a ela. Como afirma o Apóstolo dos gentios: «Mas como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador?» (Rm 10,14). A fé, portanto, implica dar confiança a uma palavra que me chega ao ouvido.

O conhecimento da fé é apresentado pela Bíblia como escuta, aparece associado ao ouvido. S. Paulo utiliza a fórmula “*fides ex auditu*”. Isto é: «A fé vem da pregação» (Rm 10,17). Ratzinger adverte que existe a tentação de ver nesta afirmação uma circunstância condicionada pela época, e assim, poder-se-ia dizer também: “a fé vem da leitura”, ou “da reflexão”. Contudo, trata-se de um argumento imutável, que transcende o aspeto sociológico. Dizer que a fé vem da pregação é «uma afirmação estrutural definitiva a respeito do que acontece. Nela se expressa a diferença fundamental entre a fé e mera filosofia»³⁴⁴. Na filosofia, o conhecimento vem da reflexão, mas a característica da fé é vir da audição; isto quer dizer que a fé não é um produto do meu pensamento. Todo o pensar dentro da fé é, na verdade, um repensar sobre aquilo que se ouviu, isto é, aquela palavra que foi anunciada e recebida. O nosso autor distingue estruturalmente a fé da filosofia. Na filosofia a precedência é do pensamento em relação à palavra, pois ela é fruto da reflexão. A fé, ao contrário, aproxima-se do ser humano externamente, por isso, não é produto de uma reflexão, mas sim daquilo que foi ouvido.

A fé aproxima-se do homem pelo lado de fora, e esta é justamente a sua característica: vir pelo lado de fora. Ela não é –repetimo-lo mais uma vez– o produto da

³⁴² Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 63.

³⁴³ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n° 22.

³⁴⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 63.

minha própria reflexão, e sim aquilo que me foi dito, aquilo que me encontra sem ser pensado ou mesmo pensável, que me chama, que exige compromisso³⁴⁵.

Na dinâmica da fé tudo parte do anúncio de uma palavra. Portanto, a palavra não começa em mim, não é produto da minha reflexão; ela vem ter comigo. E essa palavra sai de bocas humanas, de pessoas que, por sua vez, a receberam de outras. Logo, é anterior a mim e provém de uma origem anterior a mim. A iniciativa não é da pessoa, é da liberdade total e incondicionada da parte de Deus, que de formas várias providencia para que essa palavra chegue até mim. Ora, essa palavra é a palavra da revelação.

A revelação faz parte da essência da fé cristã. O seu principal elemento é a palavra anunciada. A fé implica sempre um apelo que vem de fora e ao qual é preciso responder. A pessoa acolhe a revelação através de um ato de abertura e de humildade, tendo consciência de que a palavra contida na revelação precede qualquer tipo de reflexão pessoal. Por isso, na fé existe uma prevalência da palavra sobre o pensamento, ao contrário da filosofia, na qual é o pensamento que precede a palavra, e, portanto, as palavras tentam expressar o pensamento. De facto, a filosofia, por natureza, é obra do indivíduo que reflete sobre a verdade. Assim, o pensamento pertence, pelo menos aparentemente, ao próprio indivíduo, porque vem da sua reflexão, ainda que nenhum pensamento resulte só do próprio pensar, pois é, consciente ou inconscientemente, produto de uma multiplicidade de interligações. Contudo, o pensamento realiza-se no espaço interior do espírito humano. Por isso, fica inicialmente com a sua estrutura individualista, isto é, fica restrito ao próprio indivíduo. «No início da filosofia está a procura particular da verdade, e só num segundo momento são visados a procura e o encontro de companheiros da jornada»³⁴⁶.

O principal elemento da fé cristã é a palavra anunciada e, por isso, existe a prevalência da palavra que antecede o pensamento. Enquanto o pensamento representa algo interno e meramente mental, a palavra tem a função de interligação: «A fé começa por um chamamento à comunidade visando a união do espírito pela união da palavra. O seu sentido é, de antemão, um sentido social: criar unidade do espírito pela unidade da palavra»³⁴⁷. Por essa razão, a fé não é essencialmente individualista, isto é, não é obra só do indivíduo, mas ela insere-se numa dinâmica de comunhão e de partilha. Na vivência da fé cristã o indivíduo nunca deve permanecer fechado em si mesmo, como quem procura estabelecer uma relação com Deus à margem do “nós da fé”, pois «de

³⁴⁵ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 63.

³⁴⁶ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 65.

³⁴⁷ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 69.

acordo com a estrutura interna da fé, as relações com Deus e com os semelhantes são indissolúveis uma da outra; as relações com Deus, com o tu e com o nós sobrepõem-se, não são estanques»³⁴⁸.

Desta primazia da palavra deduz-se a dimensão social da fé cristã. Uma vez que ser cristão é fazer parte de uma comunidade, exige viver em comunhão. O Cristianismo não se identifica com o caminho solitário do místico, mas sim com a vida em comunidade. «Na sua essência, a fé está orientada para o tu e o nós, e é só por meio dessa dupla vinculação que ela liga o ser humano a Deus»³⁴⁹. A vida em comunidade só é possível graças ao facto de existir uma palavra em comum. De facto, é precisamente a pregação da palavra de Deus que faz surgir a fé, pela qual o crente adere de coração à verdade que foi revelada em Cristo Jesus.

Toda a história da salvação mostra a estreita ligação entre a palavra divina e a fé. Ora, em Cristo a fé adquire a forma de encontro com a palavra encarnada. Em Cristo a palavra tem um rosto, pois ela fez-se carne, entrou na história humana. «No alfabeto da fé encontra-se, em primeiro lugar, a seguinte afirmação: no princípio era o *Logos*»³⁵⁰. A fé cristã significa decidir-se pelo primado do *Logos*. Crer é essencialmente acolher Cristo, a palavra feita carne, que vem ao encontro do ser humano.

O próprio Filho é a Palavra, é o *Logos*: a Palavra eterna fez-Se pequena; tão pequena que cabe numa manjedoura. Fez-Se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós. Desde então a Palavra já não é apenas audível, não possui somente uma voz; agora a Palavra tem um rosto, que por isso mesmo podemos ver: Jesus de Nazaré³⁵¹.

É a palavra divina que entra na história da humanidade. A iniciativa do encontro é de Deus. A fé resulta compreensível porque antes houve uma palavra por parte de Deus. No princípio está a palavra, o anúncio da salvação. Na origem da vivência da fé está a vontade de Deus de se comunicar através do seu Filho Jesus Cristo. Compete ao crente responder com as palavras de Samuel: «Fala, Senhor, pois teu servo ouve» (*ISm* 3, 10).

Neste sentido, o crente é primordialmente um ouvinte. A fé implica estar atento ao que me diz Aquele em quem acredito. Em todo o momento, o cristão é convidado pela palavra de Deus a escutar e a responder. A escuta da fé «é uma escuta pessoal, que distingue e reconhece a voz do Bom Pastor, uma escuta que requer o seguimento, como acontece com os primeiros discípulos»³⁵². Portanto, o conhecimento associado à palavra

³⁴⁸ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 65.

³⁴⁹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 65.

³⁵⁰ Ratzinger, *Naturaleza e Misión de la Teología*, 115.

³⁵¹ Bento XVI, *Verbum Domini*, nº 12.

³⁵² Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 30.

de Deus é sempre conhecimento pessoal, que reconhece a voz, abre-se livremente e segue-a obedientemente. Por isso, S. Paulo falou da obediência da fé³⁵³. De facto, obedecer deriva do verbo ouvir: *ob-audire*. *O Catecismo da Igreja Católica* privilegia esta noção para explicar a fé:

Obedecer (ob-audire) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.³⁵⁴

«Ouve, ó Israel: Javé nosso Deus é o único Deus» (*Dt 6,4*). O *Shemá Israel* faz parte da oração da manhã e da tarde, na qual o israelita piedoso realiza a sua confissão de fé em Javé como o único Deus. Segundo o sentido hebraico, ouvir não é somente prestar ouvidos à palavra de Deus, mas abrir-lhe o coração³⁵⁵, pô-la em prática e obedecer-lhe. Desta forma, crer implica aceitar a palavra anunciada e acolhê-la no coração, deixando que ela transforme a própria vida.

Vê-se, então, que a fé não é o resultado de uma reflexão solitária, em que a pessoa estabelece uma relação individualista com Deus. Vê-se que a fé é o resultado de um diálogo, que pressupõe a disposição de ouvir, de acolher e de responder a uma palavra. Ora, essa palavra chega a mim por meio de alguém que a anuncia. S. Paulo diz que Deus quis salvar a humanidade através «da loucura da pregação» (*1 Cor 1, 21*). Daí decorre a certeza cristã de que a salvação não vem da grandeza ou das capacidades humanas, mas da iniciativa e da misericórdia de Deus. Com efeito, a própria dinâmica da fé faz com que o cristão reconheça a sua incapacidade para alcançar por si só a salvação e, portanto, faz com que ele perceba que a fé é um dom de Deus que se recebe através da Igreja. Por isso, a fé cristã introduz o ser humano na relação com os outros, ou seja, com o “nós” daqueles que receberam a mesma fé³⁵⁶.

3.2. A fé como herança que se recebe

Professar a fé cristã significa assumir na própria existência aquilo que foi transmitido e recebido. Significa manter-se na tradição, dando corpo à história da fé no momento presente. Por outras palavras, confessar a fé significa que temos de receber o que já foi dado e transmitido, para o fazer nosso. É desta forma que as nossas confissões pessoais da fé passam a integrar a confissão comunitária da fé. Por isso, o nosso autor

³⁵³ Cf. *Rm 1,5*; *16,26*; *2 Cor 10, 5-6*; *Dei Verbum* nº 5.

³⁵⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, nº 144.

³⁵⁵ Cf. *At 16, 14*: «Uma delas chamada Lídia, negociante de púrpura da cidade de Tiatira, e adoradora de Deus, escutava-nos. O Senhor lhe abriu o coração, para que ela atendesse ao que Paulo dizia».

³⁵⁶ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 66-67.

descreve a fé cristã como «um ser recebido, um deixar-se receber pela comunidade dos crentes»³⁵⁷.

Quando afirmamos que a fé é uma herança, estamos a dizer que o cristão recebe a fé por meio da transmissão. O dicionário descreve o termo “herança” como «aquilo que se recebe por testamento ou sucessão»³⁵⁸. Neste sentido, a fé cristã é algo que se recebe. O que o crente tem que fazer é aceitar aquilo que lhe é oferecido. Receber algo em herança comporta sempre a dinâmica do acolher. Por essa razão, a vivência da fé cristã não pode basear-se num projeto próprio ou num conhecimento especulativo, mas deve ter presente que a fé é um dom que vem ao nosso encontro como algo que precisa de ser recebido³⁵⁹.

Nesta perspetiva, podemos afirmar que existe no Cristianismo uma prioridade do receber face ao realizar próprio do ser humano. Contudo, isso não pretende lançar o ser humano na passividade, como se ele pudesse ficar inerte. Antes exige dele uma resposta, um acolher, um fazer seu aquilo que está recebendo em herança³⁶⁰. Este recebimento deve ser sempre responsável. Aquilo que se ouviu nunca se pode tornar algo possuído pelo indivíduo; ou seja, não posso anular a vantagem que aquilo que recebi tem em relação a mim. A fé que recebo como herança é sempre maior e anterior a mim. Por isso, é necessário que a minha atitude comporte um assimilar cada vez mais aquilo que recebi, entregando-me a ele. A este respeito escreve o nosso autor:

A ideia de que ela [a fé] deve ser o resultado da nossa própria reflexão, de que devemos descobri-la seguindo o caminho duma procura meramente particular da verdade já é, no fundo, a expressão de um certo ideal, de uma atitude mental que desconhece a própria essência da fé, que consiste precisamente em receber aquilo que não pode resultar do raciocínio³⁶¹.

Ratzinger insiste em afirmar que a fé é um dom que se recebe. Pois, na nossa sociedade, marcada pelo individualismo, corremos o risco de pensar que se chega à fé seguindo o caminho duma procura meramente individual, sem alguma conexão com a comunidade cristã. Porém, a particularidade da fé cristã reside no facto de ser um dom que me precede e que é sempre mais do que aquilo que é pensado ou elaborado por nós mesmos. «A figura do processo da fé caracteriza-se pela positividade daquilo que me sobrevém, que não vem de mim e que me revela aquilo que não sou capaz de dar a mim

³⁵⁷ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 130.

³⁵⁸ Dicionário Moderno da Língua Portuguesa, 839.

³⁵⁹ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 195.

³⁶⁰ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 194-95.

³⁶¹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 64.

mesmo»³⁶². Ora, precisamente pelo facto de nos preceder é que a fé pode ser para nós fundamento da vida, já que é maior que o nosso próprio pensamento.

Por a fé ser aquilo que não foi pensado por mim, mas me chegou vindo de fora, ninguém pode dispor da Palavra de Deus à sua vontade, substituindo-a por outra. Existe uma primazia da Palavra de Deus em relação aos nossos próprios critérios, como afirma o nosso autor: «a Palavra de Deus nos precede sempre a nós e ao nosso pensamento»³⁶³. Desta forma, deve evitar-se qualquer tipo de elaboração individualista da vivência cristã, na qual se escolhe só os elementos que são do próprio agrado. Ao contrário, o ser cristão implica acolher uma palavra que ultrapassa qualquer tipo de preferência individual.

Dado que a fé é uma só, deve-se confessar em toda a sua pureza e integridade. Precisamente porque todos os artigos da fé estão unitariamente ligados, negar um deles, mesmo dos que possam parecer menos importantes, equivale a danificar o todo. Cada época pode encontrar pontos da fé mais fáceis ou mais difíceis de aceitar; por isso, é importante vigiar para que se transmita todo o depósito da fé e para que se insista oportunamente sobre todos os aspetos da confissão de fé³⁶⁴.

A confissão da fé nunca é uma reflexão com a qual o “eu” chega sozinho ao convencimento racional de uma verdade. Ela é o resultado da escuta e do receber. Assim, pode-se pensar a fé como reflexão sobre o que antes se escutou e se recebeu. Na Igreja primitiva o credo era transmitido ao catecúmeno na *Traditio Symboli*. O catecúmeno recebia da comunidade cristã o tesouro da fé e passado um tempo o devolvia (*redditio symboli*), proclamando-o frente à assembleia litúrgica. Isto significa que ao receber o credo o crente o assumia na sua vida, o fazia seu, de tal forma que as verdades nele contidas se tornavam luz no seu caminho. Este receber (*traditio*) e devolver (*redditio*) manifestam que o lugar da fé é no contexto da comunidade cristã, manifestam que é desta que cada cristão recebe a fé e é nesta que a fé deve ser vivida³⁶⁵.

S. Paulo, na *Primeira Carta aos Coríntios*, confessa que a fé lhe foi transmitida pela comunidade: «Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi» (*1Cor* 15,3). Essa fé, que ele recebeu como herança, é a que agora transmite às suas comunidades. O recebimento e a transmissão dessa profissão de fé criam a comunidade e a comunhão eclesial. Como vemos, a profissão de fé nasce do receber o anúncio do Evangelho que é transmitido de geração em geração. Ora, se alguém chega à fé mediante a pregação do Evangelho, essa fé não pode permanecer fechada no interior da

³⁶² Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 64.

³⁶³ Ratzinger, *Caminhar juntos na fé*, 24.

³⁶⁴ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 48.

³⁶⁵ Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 130.

pessoa, mas deve manifestar-se numa confissão pública diante de Deus e diante da comunidade. Assim, a fé recebida pelo ouvido deve ser professada com a boca. Não basta crer, é necessário confessar a fé. Por isso, a fé recebida na *traditio* da Igreja, deve traduzir-se numa confissão pública (*redditio*). O cristão recebe a herança da fé para a transmitir, fazendo-se assim testemunha e mensageiro da fé. Como afirma o Apóstolo «Acreditei, por isso falei» (2Cor 4,13).

4. A transmissão da fé

É através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos que hoje o crente pode aceder à fé. Para eu me tornar cristão, obrigatoriamente necessito dos outros, necessito que alguém venha ter comigo e me apresente Cristo. Quem descobriu o amor de Cristo não pode guardar esse dom para si mesmo. A própria dinâmica da fé o impele a comunicar aos outros a grandeza e a beleza desse encontro. «Cristão é aquele que sabe, antes de mais, que vive sobretudo de dons que lhe são concedidos, que toda a justiça só pode consistir em transformar-se também num doador semelhante ao mendigo que, na sua gratidão, redistribui pelos outros aquilo que recebeu»³⁶⁶.

A fé é, de facto, algo que é oferecido para ser dado aos outros. É o que acontece quando a pessoa experimenta uma grande alegria, ela sente uma inquietação interior de querer expressá-la e de comunicá-la aos outros. «Um cristianismo realmente aceite interiormente está associado a uma dinâmica que me leva a ter de o comunicar aos outros. Encontrei, por assim dizer, algo que me diz como se vive corretamente, e não posso dizer que isso me basta. Porque nesse momento destruo o que encontrei»³⁶⁷. Os cristãos devem ter consciência de que possuem um dom que se destina à humanidade e, portanto, é preciso transmiti-lo.

É precisamente assim que a fé é transmitida: eu ofereço aquilo que recebi. Como afirma S. Paulo: «Transmiti-vos, em primeiro lugar aquilo que eu mesmo recebi» (1Cor 15,3). Isto significa que a palavra do Evangelho é transmitida, recebida e guardada. Esta palavra chega-nos através dos outros, daqueles cristãos que já fizeram a experiência do encontro com o Ressuscitado. «Foi de outrem que o crente recebeu a fé; a outrem a deve transmitir. O nosso amor a Jesus e aos homens impele-nos a falar aos outros, da nossa fé»³⁶⁸. Por isso, transmitir a fé não se deve fazer mecanicamente, mas sim de forma

³⁶⁶ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 189.

³⁶⁷ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 140.

³⁶⁸ Catecismo da Igreja Católica, nº 166.

pensada através de exemplos reais, de maneira que eu consiga transmitir aquilo que recebi e se tornou luz na minha vida. Assim, experiência e testemunho são realidades fundamentais na transmissão da fé.

Como afirma Bento XVI: «Há uma corrente ininterrupta de vida da Igreja, de anúncio da Palavra de Deus, de celebração dos Sacramentos, que chega até nós e à qual chamamos Tradição»³⁶⁹. É através desta tradição que os cristãos ao longo dos séculos têm acesso à mensagem originária de Cristo, transmitida pelos Apóstolos.

Deste modo, a tradição da Igreja conserva e transmite fielmente a Palavra de Deus, de tal forma que os crentes de todas as épocas possam descobrir o rosto de Cristo que vem ao seu encontro. Por essa razão, é na comunidade eclesial que a fé pessoal cresce e amadurece, uma vez que a Igreja abre espaço para a relação pessoal de cada crente com Deus. Assim, a minha experiência de fé não é propriedade privada, mas pertence à Igreja porque provém dela. Se a minha experiência vem da Igreja, ela está destinada à comunidade eclesial. Ninguém pode ter a sua experiência de fé só para si, ela deve ser entregue à Igreja, deve ser partilhada com os outros. Cada cristão é chamado a expor a sua vivência de fé diante da comunidade cristã, submetendo-se ao seu discernimento. É através deste exercício de confronto e discernimento que o crente ganha legitimidade para ser um cristão que dá testemunho do “nós” eclesial. Caso contrário, falaria em seu nome e não em nome da Igreja³⁷⁰. Numa das catequeses do ano da fé, Bento XVI apresentava S. Paulo como modelo do testemunho cristão:

Comunicar a fé, para São Paulo, não significa anunciar-se a si mesmo, mas dizer aberta e publicamente aquilo que viu e sentiu no encontro com Cristo, quanto experimentou na sua existência já transformada por aquele encontro: é anunciar aquele Jesus que sente presente em si e que se tornou a verdadeira orientação da sua vida³⁷¹.

Como vemos no testemunho de S. Paulo, não se pode transmitir aquilo em que não se crê e não se vive. Ninguém pode transmitir o Evangelho sem ter como substrato uma vida modelada pela experiência do encontro com Cristo. Certamente, a vivência da fé é um caminho que cada crente deve percorrer pessoalmente, pois trata-se de manter uma relação de encontro pessoal com o Senhor. Porém, esta relação abre novos horizontes, uma vez que a fé é também um ato comunitário. Toda a experiência cristã tem uma

³⁶⁹ Bento XVI, «Audiência geral, 31 de outubro de 2012», acessado a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121031.html.

³⁷⁰ Cf. Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 224.

³⁷¹ Bento XVI, «O ano da fé. Como falar de Deus. Audiência geral, quarta-feira, 28 de novembro de 2012», acessado a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121128.html.

função na comunidade, ou seja, cada crente enriquece a Igreja com a sua vivência da fé, pois todos e cada um têm algo a aportar. Por isso, a alegria da fé é uma alegria que deve ser partilhada. O Apóstolo S. João afirma: «o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão connosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. E isto vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa» (*IJo* 1, 3-4). Portanto, transmitir a fé às novas gerações é uma tarefa fundamental que envolve toda a comunidade cristã³⁷².

É precisamente este o desafio do cristão: ser fecundo na transmissão da fé. É também o desafio da Igreja: ser uma mãe fecunda que dá à luz filhos na fé, ser uma mãe que não guarda só para si o tesouro da fé, mas o transmite aos seus filhos. «Como sucede em cada família, a Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória»³⁷³. Portanto, a transmissão da fé constitui a missão essencial da Igreja.

Ora, a transmissão da fé dá-se através do testemunho. Transmitir a fé não significa procurar pessoas que ajudem este clube ou este grupo particular; não se trata de ganhar adeptos. Como afirma Bento XVI: «A Igreja cresce não por proselitismo, mas por atração»³⁷⁴. Neste sentido, transmitir a fé significa atrair, através do testemunho, as pessoas para Cristo.

4.1. O testemunho cristão, sinal eclesial de credibilidade

Em novembro de 1992, Ratzinger assinalava que o testemunho é a primeira condição para a nova evangelização³⁷⁵. Por isso, é necessário que existam núcleos de cristãos que vivam a fé na sua vida quotidiana, tanto a nível pessoal como comunitário: «É preciso pessoas que demonstrem que a fé dá vida, uma vida verdadeiramente humana, vivida na comunhão e em comunidade»³⁷⁶. O nosso autor marca a importância não só do testemunho individual como também do testemunho comunitário. De facto, cada cristão precisa do apoio e do complemento da comunidade eclesial, para que o seu testemunho seja completo, autêntico e eficaz. Juntamente com os outros crentes, em solidariedade mútua, é que o cristão pode sinalizar a presença do Reino de Deus neste mundo.

³⁷² Cf. Bento XVI, *Aprender a acreditar*, 68.

³⁷³ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, n.º 40.

³⁷⁴ Bento XVI «Homilia missa de inauguração da V Conferência geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, 13 de maio de 2007», acedido a 20 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html.

³⁷⁵ Cf. Ratzinger, *Ser cristiano en la era neopagana*, 141-42.

³⁷⁶ Ratzinger, *Ser cristiano en la era neopagana*, 141.

A estrutura comunitária da fé é particularmente visível na tarefa da sua transmissão ao longo dos tempos. Essa tarefa só é possível graças ao facto de ser realizada por toda a comunidade e tem por verdadeiro sujeito a Igreja universal. É, pois, todo um povo a caminho que é o verdadeiro portador da fé e não apenas alguns ou um grupo dentro da comunidade. Portanto, a tarefa da transmissão fiel da fé pertence a toda a comunidade. Todos os crentes têm um papel ativo a desempenhar nesta missão. Podíamos aqui aplicar a passagem de S. Paulo, na qual ele apresenta a Igreja como um corpo: «Pois assim como num só corpo temos muitos membros, e os membros não têm todos a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros» (*Rm 12, 4-5*). Desta forma, podemos dizer que a experiência de cada um dos fiéis tem uma função no exercício da transmissão da fé.

Na tarefa da transmissão da fé, a experiência de cada crente tem algo a aportar. O meu testemunho enriquece a vivência da fé dos outros, e de igual forma, escutar o testemunho dos meus irmãos e irmãs confirma a minha caminhada. Como afirma o nosso autor: «Ajudamo-nos mutuamente a ser exemplo uns para os outros, partilhamos com os outros o que é nosso, os nossos pensamentos, as nossas ações, a nossa estima. E ajudamo-nos mutuamente a orientar-nos, a identificar o nosso lugar na sociedade»³⁷⁷.

Com efeito, estar em Cristo sempre implica estar com irmãos e irmãs na fé. Formar parte da Igreja como comunidade de discípulos não pode ser uma simples aceitação de um conjunto de preceitos, mas a aventura de seguir Jesus, de encontrar-me com Ele e com a comunidade dos batizados. Por essa razão, a transmissão da fé não é uma ação reservada a um indivíduo singular encarregado propositadamente para o efeito. É tarefa de todos os batizados e de toda a Igreja. Ora, nesta tarefa a comunidade redescobre continuamente a sua própria identidade de ser um povo reunido pela força do Espírito Santo, para ser testemunha fiel entre as nações do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus.

A comunidade cristã é por sua natureza missionária, visto que, segundo o desígnio de Deus, tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo. Cristo Jesus foi enviado pelo Pai ao mundo para resgatar a humanidade da escravidão do pecado. Ora, o que nele foi operado, para a salvação de todos, deve ser proclamado e difundido até às extremidades da terra, de tal modo que aquilo que se realizou uma vez

³⁷⁷ Bento XVI, «Viagem apostólica à Alemanha, vigília de oração com os jovens, 24 de Setembro de 2011» acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedictxvi/speeches/2011/september/documents/shf_ben-xvi_spe_20110924_vigil-freiburg.pdf.

pela salvação do género humano, alcance o seu efeito em todos. De facto, os cristãos da Igreja primitiva tinham consciência da obrigação de transmitir a sua fé a todos os homens, pois viam na sua fé um bem que lhes não pertencia a eles, mas que devia ser transmitido. Seria traição não levar até ao último recanto da terra o que lhes fora entregue. Por esta razão a missão cristã nunca foi entendida pelos primeiros cristãos «como aquisição de mais gente para a sua área de poder, mas como a transmissão obrigatória daquilo que era destinado a todos e do qual todos tinham necessidade»³⁷⁸. Não foi o motivo do poder que constituiu o ponto de partida da missão cristã, mas a certeza de ter recebido o amor redentor de Cristo. Esse amor que todo ser humano anseia no mais íntimo do seu ser.

Neste sentido, anunciar a novidade da fé cristã implica convidar a participar da grande família da Igreja, a qual não nasce do parentesco sanguíneo, mas da presença de Cristo que faz surgir a comunhão. O testemunho da comunidade crente prepara o caminho para o acolhimento do Evangelho. Por isso, é necessária a presença de comunidades cristãs renovadas, conscientes do tesouro que possuem e da missão recebida de ser luz e sal para cada geração. A comunidade eclesial é chamada a ser o contexto vital no qual os crentes compartilham a nova forma de viver, segundo o Evangelho, e irradiam aos que estão à sua volta a luz da fé.

Com efeito, a missão do cristão é refletir para os outros a luz de Cristo. Da mesma forma que a luz do círio, na liturgia de Páscoa, acende muitas outras velas, a fé transmite-se de pessoa a pessoa, como uma chama que acende outra chama. Bento XVI numa vigília de oração com os jovens da Alemanha em 2011, tomando o exemplo do círio pascal, dizia:

A luz [do círio] não fica sozinha. Ao seu redor, acendem-se outras luzes. Sob os seus raios, delineiam-se de tal modo os contornos do ambiente que nos podemos orientar. Não vivemos sozinhos no mundo. Precisamente nas coisas importantes da vida, temos necessidade de outras pessoas. Assim, de modo particular na fé, não estamos sozinhos, somos anéis da grande corrente dos crentes. Ninguém chega a crer, se não for sustentado pela fé dos outros; mas, por outro lado, com a minha fé contribuo para confirmar os outros na sua fé³⁷⁹.

Para proclamar fecundamente a Palavra do Evangelho, é requerida a profunda comunhão entre os filhos de Deus. De facto, esta comunhão deve ser o sinal distintivo e anunciador da comunidade cristã, como nos recorda S. João: «Dou-vos um mandamento

³⁷⁸ Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, 53.

³⁷⁹ Bento XVI, «Viagem apostólica à Alemanha, vigília de oração com os jovens, 24 de Setembro de 2011» acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/benedictxvi/speeches/2011/september/documents/shf_ben-xvi_spe_20110924_vigil-freiburg.pdf.

novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros» (Jo 13, 34-35). Neste sentido, o principal sinal que a comunidade cristã deve manifestar é o amor, de tal forma que o seu testemunho suscite a curiosidade. Quando os outros veem que na comunidade cristã se vive o amor ao próximo, surge sempre a interrogação: Mas porque vivem eles assim? Porque é que essa pessoa leva uma vida de serviço ao próximo? Em alguns casos essa curiosidade pode representar o impulso para acolher a mensagem do Evangelho.

O facto de a fé ter esta dimensão da partilha, de não ser algo que a pessoa guarde só para si, mostra-nos que o testemunho de cada cristão é amparado pelo testemunho da comunidade cristã. A fé pessoal em Cristo, nascida do diálogo com Ele, está ligada à fé da Igreja. Ninguém pode ser uma testemunha isolada. É verdade que o seu testemunho é pessoal, mas é a fé professada pela Igreja que dá credibilidade ao seu testemunho. Cada vez que um cristão anuncia Cristo, tem consciência de que o seu testemunho faz parte de um elo na grande cadeia dos crentes³⁸⁰.

4.2. Os sacramentos e a transmissão da fé

O cristianismo tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar a fé, e que ao mesmo tempo seja adequado para a sua celebração. De facto, para transmitir um conteúdo meramente teórico, basta, por exemplo, um livro, mas aquilo que se transmite na tradição viva da Igreja, é algo mais do que uma doutrina. O que a Igreja transmite é a luz da fé que nasce do encontro com Cristo, uma luz que envolve a pessoa na sua integridade, abrindo-a a uma nova relação com Deus e com os outros.

Por isso, para se transmitir tal graça, a Igreja tem um meio especial. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja; através deles a pessoa é envolvida, como membro de um organismo vivo, num tecido de relações comunitárias. «Os sacramentos são uma espécie de contacto com o próprio Deus. Demonstram que a fé não é puramente espiritual, mas que se entranha e gera comunidade, e inclui a terra e a criação»³⁸¹. Nos sacramentos, a Igreja comunica uma memória encarnada, ligada às etapas da vida e associada a todos os sentidos. Os sacramentos são expressão da corporeidade da nossa fé. É mediante os signos do mundo material que o crente entra em contacto com Deus.

³⁸⁰ Cf. Catecismo da Igreja Católica, nº 166.

³⁸¹ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 338.

Por conseguinte, os sacramentos são sempre atos eclesiais, instituídos por Cristo na sua Igreja e por ela realizados. São sinais sensíveis e celebrativos, ordenados para a edificação do Corpo de Cristo³⁸². Estes são parte integrante da Igreja. Não podemos pensar a Igreja sem os sacramentos.

O essencial é que os sacramentos expressam a dimensão comunitária e a corporeidade da fé e, ao mesmo tempo, explicam que a fé não procede de nós mesmos, mas de um poder superior. Para dizer a verdade, como toda a ação de Deus, ficam confiados à nossa liberdade; não atuam, como o evangelho em geral, mecanicamente, mas em conjugação com a nossa liberdade³⁸³.

Os sacramentos, enquanto acontecimentos litúrgicos, são sempre realização comunitária. O sacramento é a forma cristã de festa e trata-se de uma festa que foge a qualquer tipo de conceção individualista. Através dos sacramentos o “eu” celebra a alegria da redenção dentro do “nós” da fé. Neste sentido afirma Ratzinger:

A Igreja não é uma organização externa da fé, mas é pela sua própria essência comunidade cultural. É mais Igreja ali onde celebra a liturgia e torna presente o amor redentor de Jesus Cristo, que como amor liberta os homens da sua solidão e os conduz comunitariamente uns aos outros, enquanto os conduz para Deus³⁸⁴.

É verdade que cada sacramento se dirige ao indivíduo, no entanto, nunca podem ser entendidos como atos privados de um indivíduo, já que estes dirigem-se aos membros de uma comunidade eclesial. Os sacramentos são sinais sensíveis e celebrativos de uma pertença à comunidade cristã. Por essa razão, a dimensão eclesial é indispensável para a correta compreensão dos sacramentos. Podemos afirmar que a eclesialidade é intrínseca aos sacramentos. Cada sacramento liga o cristão de uma forma específica à comunidade.

Ora, o melhor lugar para a transmissão da fé é uma comunidade nutrida e transformada pela vida litúrgica e pela oração. Existe uma íntima relação entre a fé e a liturgia. «Sem a liturgia e os sacramentos, a profissão de fé não seria eficaz, porque faltaria a graça que sustenta o testemunho dos cristãos»³⁸⁵.

5. A celebração litúrgica da fé

A temática da liturgia tem acompanhado o percurso teológico de Ratzinger, desde seus começos como professor, depois como arcebispo e prefeito da Congregação para a Doutrina da fé, e nos últimos anos como Sumo Pontífice. Inclusivamente ele afirma que a liturgia foi algo que desde muito cedo o fascinou: «Era uma aventura fascinante entrar aos poucos no misterioso mundo da liturgia, que se desenrolava lá, no altar, à nossa

³⁸² Cf. Catecismo da Igreja Católica n°1122-26; cf. Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 337-54.

³⁸³ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 338.

³⁸⁴ Cf. Ratzinger, *Teoría de los principios teológicos*, 57.

³⁸⁵ Bento XVI, *Porta Fidei*, n° 11.

frente e para nós»³⁸⁶. Assim, uma das obras que marcaram os inícios dos seus estudos teológicos, em 1946, foi *O Espírito da liturgia* (1918) de Romano Guardini³⁸⁷.

Ratzinger tem desenvolvido alguns aspetos da liturgia, embora nunca tenha feito algum tratado sistemático. A sua preocupação foi sempre a de apresentar a liturgia como o centro animador da Igreja, o núcleo da vida cristã. Ele defende que a própria compreensão da Igreja deve nascer da liturgia. De igual forma, preocupou-se por corrigir certos abusos em experiências litúrgicas e noutras manifestações culturais que surgiram após o Concílio Vaticano II. Para ele, a vida litúrgica da Igreja é uma espécie de teste de qualidade da teologia. Por isso, defende que toda a realidade da fé e da existência cristã se manifesta de modo particular na celebração litúrgica. Daí a importância de uma compreensão correta da liturgia.

Por detrás das maneiras distintas de conceber a liturgia, estão quase sempre, modos diversos de se conceber a Igreja, portanto, Deus e o relacionamento do homem com Ele. O argumento litúrgico não é marginal: foi o próprio Concílio que recordou encontrar-se aqui o coração da fé cristã³⁸⁸.

Ratzinger, na sua obra *Um cântico novo para o Senhor*, a fim de descrever qual o significado da palavra liturgia, retoma a definição presente no *Catecismo da Igreja Católica*, o qual define a liturgia como o «serviço por parte de/e em favor do povo»³⁸⁹. Revela-se desta forma a dimensão comunitária da liturgia cristã. Não é o indivíduo que, afastado dos outros, presta culto a Deus. Trata-se de um povo que glorifica o seu Deus. Ora, este povo de Deus existe porque se formou mediante o serviço pascal de Cristo. Não existe por sua própria conta, à maneira de um coletivo qualquer. Isto significa que na liturgia é decisivo o primado da cristologia. «Na liturgia o Corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral»³⁹⁰. Os participantes da celebração litúrgica não são indivíduos isolados, mas através do ato litúrgico convertem-se na representação concreta do corpo de Cristo.

A assembleia litúrgica recebe a unidade em virtude da comunhão do Espírito Santo e não por si própria. É o Espírito Santo que reúne os filhos de Deus no único corpo de Cristo. O nosso teólogo afirma que é graças à ação do Espírito Santo que pode aparecer a unidade entre os fiéis³⁹¹. Pelo facto de não ser obra humana, esta unidade será sempre uma unidade aberta que ultrapassa todas as afinidades humanas, culturais, sociais e

³⁸⁶ Joseph Ratzinger, *A minha vida. Autobiografia* (Lisboa: Livros do Brasil, 2005), 19.

³⁸⁷ Cf. Joseph Ratzinger, *Introdução ao espírito da liturgia* (Prior Velho: Paulinas, 2010), 5.

³⁸⁸ Ratzinger, *Diálogos sobre a fé*, 98.

³⁸⁹ Catecismo da Igreja Católica, nº 1069.

³⁹⁰ Concílio Vaticano II, «Sacrosanctum Concilium», *Vaticano II* (Lisboa: União gráfica, 1967), nº7.

³⁹¹ Cf. Ratzinger, *Un canto nuevo para el Señor*, 157-58.

raciais. Desta forma, quando falamos de comunidade cristã, não nos referimos a um grupo fechado e homogéneo, mas à diversidade de membros que formam um mesmo corpo. «Resumidamente podemos dizer que nem o sacerdote nem a comunidade são, por si mesmos, o sujeito da liturgia, mas é o Cristo total, cabeça e membros; o sacerdote, a comunidade e os indivíduos são sujeitos, enquanto estão unidos a Cristo e enquanto o representam na comunhão da cabeça e do corpo»³⁹².

É verdade que a comunidade cristã ocupa um lugar de importância na liturgia, porém, não podemos, adverte Ratzinger, absolutizá-la³⁹³. A comunidade é o sujeito do ato litúrgico mediante a ação do Senhor, ou seja, a liturgia é sempre obra de Deus, de contrário não é liturgia. Nem o sacerdote, nem a comunidade podem dispor da liturgia como se fosse propriedade sua. A liturgia não se pode conceber a partir da categoria sociológica de um coletivo que se organiza a partir dos seus próprios interesses. Compreende-se, antes, a partir da noção de povo de Deus e corpo de Cristo, pois assim evidencia-se que a iniciativa pertence a Deus.

Ratzinger chama a atenção para o facto de o verdadeiro culto ser o culto segundo Deus. Não compete ao ser humano inventar ou fabricar o culto, «o homem não pode simplesmente “produzir” o culto»³⁹⁴. Deus é o sujeito e o protagonista da liturgia, pois é Ele quem pela sua Palavra elege, convoca e reúne o seu povo, chamando-o a voltar-se para Ele. Este aspeto evidencia-se no modo de celebrar o culto no Antigo Testamento. No livro do *Êxodo*, Deus chama o povo a sair da terra do Egito para realizar o culto no deserto, conforme as disposições que Ele próprio indicará. Moisés não se detém a tentar elaborar o culto que prestarão a Deus no deserto, ele não sabe ainda que tipo de holocausto Deus quer, mas sabe que Deus o revelará. «As palavras de Moisés ao Faraó: “Não sabemos quais são as vítimas que ofereceremos ao Senhor” (*Ex* 10,26), expõem, sem dúvida, um princípio fundamental de toda a liturgia»³⁹⁵.

Neste sentido, na liturgia não é o indivíduo quem procura criar o culto para se elevar para Deus na tentativa de O alcançar. A verdadeira liturgia pressupõe que Deus expõe o modo de ser venerado. O ser humano pode dar culto a Deus porque antes Ele se revela e vem ao seu encontro. É este movimento de descida de Deus que permite que o

³⁹² Ratzinger, *Un canto nuevo para el Señor*, 158.

³⁹³ Ratzinger, *Un canto nuevo para el Señor*, 157.

³⁹⁴ Ratzinger, *Introdução ao espírito da liturgia*, 16.

³⁹⁵ Ratzinger, *Introdução ao espírito da liturgia*, 16.

crente possa, através da liturgia, ser elevado até Ele. Ratzinger, utilizando a passagem do bezerro de ouro³⁹⁶, adverte sobre o perigo de querer fazer da liturgia algo próprio:

Os israelitas já não são capazes de se manterem unidos ao Deus invisível e misterioso. Faz-se com que Ele desça ao próprio nível, reduzindo-O a categorias de visibilidade e compreensibilidade. Desse modo, o culto já não é mais um elevar-se até Ele, mas um rebaixamento de Deus às nossas dimensões: Ele deve estar lá onde houver necessidade dele e deve ser assim da maneira como se precisar. O ser humano se serve de Deus segundo as próprias necessidades e assim se coloca, na realidade, acima dele³⁹⁷.

Portanto, os israelitas querem glorificar o Deus que os tirou do Egito e pensam que são capazes de plasmar a sua força misteriosa na figura do bezerro. Porém, esta atitude afasta o povo do verdadeiro culto, pois fazem de Deus um ídolo que possa ser manipulado. O culto rendido ao bezerro é um culto nascido não de Deus, mas da vontade do povo. Este culto converte-se numa festa que a própria comunidade elabora. «A dança em volta do bezerro de ouro é um sinal do culto de quem se procura a si mesmo»³⁹⁸. Encontramo-nos, assim, perante um culto em forma circular, que gira em torno da própria comunidade e não em torno de Deus. Por isso, conclui o nosso autor:

A história do bezerro de ouro serve de advertência perante um culto fabricado pelo próprio homem como produto do seu egoísmo. Não se trata de pôr a Deus no centro. Mas, procura-se construir um mundo alternativo de reduzidas dimensões que só conta com os elementos da própria vida humana. Se isto se aplicasse à liturgia, esta ficaria reduzida a um vão passatempo³⁹⁹.

Como vemos, sempre existiu a tentação de manipular o culto, de construí-lo a partir dos critérios do indivíduo ou da comunidade. Porém, a liturgia cristã tem sempre a dimensão de ser algo que nos precede e que surge da totalidade da fé da Igreja, de toda a sua tradição. As suas celebrações, festas, ritos têm uma experiência adquirida ao longo da história da Igreja. A liturgia cristã nunca aparece simplesmente a partir das modas do momento. Tem sempre um sentido histórico e comunitário de toda uma vida de celebração.

Na liturgia cristã encontra-se uma realidade que não é inventada por alguém, nem criada por uma comissão. Na liturgia o cristão é envolvido pela força da tradição, a qual não pode ser manipulada segundo os critérios de alguns. Como o afirma o nosso autor: «Há uma certa forma de vida, que é comum nos ritos, onde não se trata de tornar a religião inteligível de um ponto de vista superficial, mas onde a grande continuidade da

³⁹⁶ Cf. *Ex* 32, 1-6.

³⁹⁷ Ratzinger, *Introdução ao espírito da liturgia*, 17.

³⁹⁸ Ratzinger, *Introdução ao espírito da liturgia*, 17.

³⁹⁹ Ratzinger, *Introdução ao espírito da liturgia*, 17.

história da fé se exprime e se apresenta, por assim dizer, como um poder pleno que não vem dos indivíduos»⁴⁰⁰.

Por outro lado, o sacramento da eucaristia tem um lugar privilegiado dentro da liturgia cristã. O Concílio Vaticano II reafirmou ser a eucaristia «fonte e centro de toda a vida cristã»⁴⁰¹, ou seja, a eucaristia é, por excelência, o acontecimento central da vivência cristã. Através da participação no sacrifício eucarístico, os fiéis batizados são iniciados na fé eclesial. A eucaristia é o alimento da comunidade batismal e, por conseguinte, a fonte de comunhão fraterna: «Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo»⁴⁰². Portanto, o sacramento da eucaristia é fonte de comunhão.

Participar na eucaristia significa entrar no ser de Cristo, que é comunhão. «O Encarnado é a comunhão entre Deus e os homens; fundamentalmente, o ser cristão não é senão participação no mistério da Encarnação ou, para utilizar a fórmula de S. Paulo, a Igreja, enquanto Igreja, é o corpo de Cristo»⁴⁰³. Desta forma, Ratzinger evidencia a inseparabilidade que há entre a Igreja e a eucaristia, entre comunhão sacramental e comunidade.

À luz destes conhecimentos, adquirem sentido as palavras de S. Paulo na sua primeira *Carta aos Coríntios*: «O cálice de bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que participamos desse único pão» (*ICor* 10, 16-17). Estas palavras manifestam o carácter pessoal e comunitário do sacramento da eucaristia. Cristo une-se pessoalmente a cada um de nós, mas é o próprio Cristo que se une também ao homem e à mulher que estão ao meu lado. Na comunhão eucarística cada um de nós recebe Cristo, mas Cristo une-se de igual modo ao meu próximo. Desta forma, Cristo une todos os cristãos a si mesmo e une-nos uns aos outros. E assim todos nós somos um só pão, um só corpo⁴⁰⁴.

A comunhão tem sempre uma dimensão vertical e uma dimensão horizontal. A comunhão com Deus e a comunhão com os irmãos e irmãs estão intimamente unidas. No sacramento da eucaristia, Cristo e o próximo são inseparáveis. Quando se destrói a

⁴⁰⁰ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 137.

⁴⁰¹ *Lumen Gentium*, nº 11.

⁴⁰² *Lumen Gentium*, nº 3.

⁴⁰³ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 139; Cf. Ratzinger, *Caminhar juntos na fé*, 76-77.

⁴⁰⁴ Cf. Bento XVI, «Audiência geral, 10 de dezembro de 2008», acedido a 26 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben_xvi_aud_20081210.html.

comunhão com Deus, que é comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo, destrói-se também a raiz e a fonte da comunhão entre os cristãos. «O caminho para a comunhão entre os homens passa pela comunhão com Deus»⁴⁰⁵. E onde a comunhão entre os crentes não for vivida, também a comunhão com o Deus Trindade não pode ser viva nem verdadeira. Por essa razão, Ratzinger afirma:

A eucaristia não é somente um diálogo a dois, um encontro privado entre o mim e Cristo. A comunhão eucarística é uma transformação total da minha vida. Esta comunhão abre o eu do homem e cria um novo “nós”. A comunhão com Cristo é necessariamente comunicação com todos os “seus”; deste modo, torno-me parte desse novo pão que ele cria na transubstanciação dos seres terrenos⁴⁰⁶.

Através do sacramento eucarístico somos chamados a ser membros de Cristo e consequentemente membros uns dos outros: «A comunhão com o Senhor na eucaristia leva necessariamente à comunhão dos convertidos que se alimentam todos de um mesmo pão, para se tornarem “um só corpo” e “um só homem novo”»⁴⁰⁷. Por isso, a liturgia eucarística deve ser entendida como a comum adoração de Deus pelos batizados no comum sentar-se à mesa com o Senhor ressuscitado. Daí que a sua característica particular seja precisamente a de abarcar a todos, ser executada por todos, embora com funções distintas, porque todos são o Corpo do Senhor⁴⁰⁸.

Na Eucaristia, Cristo entrega-nos o seu corpo, doa-se a si mesmo no seu corpo e assim faz-nos seu corpo, une-nos ao seu corpo ressuscitado. Se o homem come o pão normal, este pão no processo da digestão torna-se parte do seu corpo, transformado em substância de vida humana. Mas na sagrada Comunhão realiza-se o processo oposto. Cristo, o Senhor, assimila-nos a si, introduz-nos no seu Corpo glorioso e assim todos juntos nos tornamos seu Corpo⁴⁰⁹.

Neste sentido, no sacramento da eucaristia Cristo doa o seu corpo e faz de nós o seu corpo, e desta forma, tornamo-nos realmente unidos ao seu corpo ressuscitado e, assim, unidos uns aos outros. Por isso, a Igreja não é somente uma associação ou uma corporação, como o estado, mas é um corpo. Não é simplesmente uma organização humana, mas um verdadeiro organismo. «A comunidade dos cristãos não se explica de maneira puramente horizontal; a relação do Senhor e com o Senhor é a condição da sua

⁴⁰⁵ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 140.

⁴⁰⁶ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 139.

⁴⁰⁷ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 245.

⁴⁰⁸ Cf. Ratzinger, *El nuevo Pueblo de Dios*, 322.

⁴⁰⁹ Bento XVI, «Audiência geral, 10 de dezembro de 2008», acessado a 26 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081210.html.

existência [...], a Igreja é relação realizada do amor do Senhor, que também cria uma nova relação entre nós»⁴¹⁰.

Portanto, a eucaristia reúne a todos os batizados num único banquete, numa única mesa. Daí que a eucaristia seja o sacramento da comunhão eclesial, o qual cria comunhão e educa para a comunhão. De facto, a comunhão sacramental não pode ser considerada simplesmente como uma oração privada, onde o indivíduo encontra o seu Deus, embora ele deva fazer isso também. A comunhão sacramental é mais: é o selo da pertença recíproca dos cristãos entre si, através do vínculo comum com Cristo.

6. A comunidade cristã, sinal de comunhão

Diante dos desafios que apresenta a nossa sociedade marcada pelo individualismo e pela ditadura do relativismo, a comunidade cristã aparece como o lugar da comunhão, no qual são derrubados os muros das divisões. A Igreja vive no mundo como mistério de comunhão, no qual se reflete a mesma comunhão trinitária do Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Isto significa que é em virtude da graça do Espírito Santo que os cristãos vivem a comunhão. «O específico do Espírito Santo é, claramente, o facto de Ele ser o que é comum do Pai e do Filho. A sua especificidade é a de ser unidade»⁴¹¹.

Segundo Ratzinger, a ideia da comunhão como participação na vida trinitária está iluminada com particular intensidade no Evangelho de João⁴¹². Nele, a comunhão de amor que une o Filho ao Pai e aos homens é, ao mesmo tempo, o modelo e a fonte da comunhão fraterna, que deve unir os cristãos entre si: «Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste» (*Jo* 17, 21). Desta forma, a missão dos discípulos de Jesus passa por tornar presente o reino dos céus através da comunhão e da unidade.

Ora, se os cristãos formam uma unidade que vem do Espírito Santo, esta sempre será uma unidade aberta que ultrapassa qualquer tipo de fronteira. Por isso, a comunidade cristã deve ter consciência de não ser um clube fechado, mas de estar aberta à comunidade humana no seu conjunto. «A Igreja dos primeiros três séculos era uma comunidade pequena, mas nem por isso sectária. Pelo contrário, não se encontrava

⁴¹⁰ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 139-40

⁴¹¹ Ratzinger, *Caminhar juntos na fé*, 40.

⁴¹² Cf. Bento XVI, «Audiência geral, 29 de março de 2006», acessado a 23 de setembro de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060329.html.

isolada, sentia-se responsável pelos pobres, pelos doentes, por todos»⁴¹³. Embora possa ser uma realidade pequena, a comunidade cristã permanece como uma luz que quer iluminar a vida de todos os homens e mulheres. Assim o recorda o nosso autor: «Jesus disse a uma comunidade muito pequena, a dos discípulos, que tinham de ser a levedura e o sal da terra. Isso pressupõe a pequenez. Mas também a responsabilidade pelo todo»⁴¹⁴. Portanto, a missão da comunidade cristã não se orienta segundo os critérios de grandeza e de quantidade, característicos da nossa época, mas segundo o critério do serviço e da pequenez. É preciso só um pouco de sal para temperar a comida. O mesmo se aplica ao fermento; um pouco de levedura faz crescer toda a massa.

Por outro lado, a experiência da *koinonia* é central na vida cristã⁴¹⁵. De facto, o dom da comunhão caracterizou a vivência da primeira comunidade cristã, como relata o *Livro dos Atos dos Apóstolos*: «A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum» (*At* 4,32). A comunhão tornou-se, assim, o novo modo de relacionamento entre os seguidores de Cristo. Os cristãos tinham um novo modo de se relacionar entre si, de se comportar, e de viver, a ponto de os pagãos olharem para eles e se questionarem pela forma como viviam. Neste sentido, o amor fraterno tornou-se uma característica decisiva da comunidade cristã. Trata-se de um amor não de palavras, mas um amor de obras, de ajuda mútua, de amor no concreto da vida. A este respeito, o nosso autor, na sua primeira carta encíclica, afirma; «O amor cresce através do amor. O amor é “divino”, porque vem de Deus e nos une a Deus, e, através deste processo unificador, transforma-nos em um Nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus seja “tudo em todos»⁴¹⁶.

Desta forma, quando aparece a Igreja como comunidade de irmãos que se podem amar na dimensão da entrega e da caridade, esta comunidade torna-se sinal da presença de Deus no mundo⁴¹⁷. E pode cumprir-se a palavra de S. João: «que o mundo creia que tu me enviaste» (*Jo* 17,21). Que o mundo creia que, graças ao dom da comunhão, podem ser superadas as divisões e pode surgir a possibilidade de amar aquele que é diferente de mim, mas que em Cristo se torna o meu irmão. É precisamente esta a missão da comunidade: tornar presente na sociedade o sinal do amor e da unidade. A

⁴¹³ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 374; Cf. Blanco, *Joseph Ratzinger: uma bibliografia*, 208.

⁴¹⁴ Ratzinger, *Deus e o Mundo*, 375.

⁴¹⁵ Em relação ao tema da comunhão (*koinonia*), cf. Ratzinger, *Caminhar juntos na fé*, 62-76.

⁴¹⁶ Bento XVI, *Deus caritas est*, nº 18.

⁴¹⁷ Cf. Concílio Vaticano II, «Ad Gentes», *Vaticano II* (Lisboa: União gráfica, 1967), nº 15.

Igreja está chamada a iluminar o mundo, mostrando que o amor existe, que se pode amar numa nova dimensão, porque a morte foi vencida. Hoje a Igreja deve representar essa comunidade de homens e mulheres que estão presentes no meio da sociedade, partilhando os mesmos problemas sociais, mas que não ficam indiferentes, pois tornam presente o amor de Deus. Como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*: «A Igreja caminha a par da humanidade, compartilha da sorte terrena do mundo e a sua razão de ser é atuar como fermento e como alma da sociedade»⁴¹⁸.

Na sua obra *Fé e Futuro*, escrita em 1969, o então professor catedrático da universidade de Ratisbona, Joseph Ratzinger, falando sobre o futuro da Igreja dizia:

Da crise de hoje, também desta vez nascerá amanhã uma Igreja que terá perdido muito. Tornar-se-á mais pequena, terá em grande medida de recomeçar tudo de novo [...]. Com a perda do número dos seguidores, perderá também muitos dos seus privilégios na sociedade. Terá de se apresentar de modo muito mais forte do que até aqui, como uma comunidade de voluntariado, a que só se pode aceder por decisão⁴¹⁹.

Como vemos, perante a pergunta de como será o futuro da Igreja, Ratzinger responde de forma profética, dizendo que a Igreja passará por um processo de purificação. Surgirá uma Igreja que terá perdido muito. Ficará pequena e terá de recomeçar mais ou menos das origens, fazendo lembrar as primeiras comunidades cristãs. Com a diminuição de seus fiéis, perderá também grande parte dos privilégios sociais. E desta forma, reduzida a um pequeno rebanho, a Igreja recomeçará por uma minoria que recolocará a fé no centro da experiência pessoal. Será uma Igreja mais espiritual, que não disputará um mandato político. Será pobre e se tornará a Igreja dos indigentes, dos pequeninos. «Parecer-se-á menos com as grandes sociedades para ser cada vez mais uma Igreja de minorias, para viver em pequenos círculos vivos de pessoas realmente convictas que tenham fé e que atuem a partir dessa fé»⁴²⁰. Enquanto pequeno rebanho, a comunidade cristã vai exigir de modo muito mais marcante a iniciativa dos seus membros.

Segundo o nosso autor, apesar das dificuldades que o futuro possa apresentar à Igreja, ela deve permanecer como esse ponto de referência que indica aos seres humanos o caminho da verdade. A comunidade cristã deve estar no meio da sociedade conservando a esperança e mostrando a Cristo como a verdadeira resposta aos mais íntimos questionamentos humanos.

⁴¹⁸ Catecismo da Igreja Católica, n° 854; Cf. *Gaudium et Spes*, n° 40.

⁴¹⁹ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 109.

⁴²⁰ Ratzinger, *O Sal da Terra*, 172.

Depois de um tempo de provação uma força brotará de uma Igreja interiorizada e simplificada. Porque os homens de um mundo totalmente planificado se sentirão indizivelmente solitários. Quando Deus tiver desaparecido inteiramente, aí é que experimentarão a sua total pobreza. E descobrirão então a pequena comunidade de crentes como qualquer coisa de inteiramente novo. Como uma esperança que lhes diz respeito, como uma resposta por que secretamente sempre tinham esperado⁴²¹.

Mediante o exposto neste terceiro capítulo, podemos concluir que a fé cristã nunca é uma atitude isolada, algo que o crente possa realizar sozinho, independentemente dos outros. Existe uma relação indissolúvel entre o indivíduo e a comunidade cristã. Como vimos, esta relação evidencia-se, por exemplo, no acesso à fé, pois chega-se à fé através do contacto com outros crentes e com a comunidade cristã. De igual forma, evidenciamos que a confissão trinitária realizada no rito do batismo revela que o ser cristão é necessariamente eclesial. O batismo, ao unir o neófito a Cristo, igualmente o vincula à comunidade dos fiéis, pois ser batizado é tornar-se filho no Filho, é a entrada na família de Deus. Por isso, dizemos que o credo, como símbolo, é o sinal dessa comunhão entre os cristãos. De facto, o credo é o sinal ou credencial de uma fé comum, é o selo impresso no coração do neófito como sinal de seu pertencer à Igreja. O nosso autor deixa claro que a fé cristã não pode existir sem uma referência à Igreja; não há fé sem Igreja. O “eu creio” é pronunciado no seio da Igreja e em união com os outros crentes.

Por outro lado, constatamos que a relação entre o crente e a comunidade cristã implica um permanente receber e dar. Daí que o testemunho cristão seja um sinal eclesial, ou seja, cada cristão precisa do apoio e do complemento da comunidade para que o seu testemunho seja completo, autêntico e eficaz. De igual forma, torna-se evidente que a liturgia revela sempre a dimensão eclesial da fé. Os participantes da celebração litúrgica não são indivíduos isolados, mas através da ação litúrgica tornam-se o povo de Deus. Na liturgia toda a ação litúrgica, especialmente a celebração da Eucaristia e dos sacramentos, é um encontro entre Cristo e a Igreja. Assim, a comunhão com Cristo na eucaristia leva à comunhão entre os crentes. Desta forma, a comunidade cristã deverá ser sinal de comunhão no meio da sociedade, revelando a riqueza de uma fé vivida e testemunhada em conjunto.

⁴²¹ Ratzinger, *Fé e Futuro*, 109.

CONCLUSÃO

A articulação da fé individual com a fé eclesial representa um dos maiores desafios que o cristianismo enfrenta no momento atual. Através do presente estudo, tentámos demonstrar a importância da correta relação entre a vivência individual da fé e a vivência comunitária da mesma. Com a ajuda da obra de Joseph Ratzinger, colocámos em evidência que o aspeto pessoal e o aspeto eclesial são essências à fé cristã. Uma autêntica vivência da fé implica sempre a integração do fiel na comunidade cristã. De tal modo que a fé cristã ou é eclesial ou não é fé. Como foi analisado, Ratzinger defende que uma adequada afirmação da dimensão comunitária da fé é a resposta perante a tendência de redução da fé à esfera da subjetividade individual.

Com a finalidade de realçar a importância da vivência comunitária da fé, apresentámos no primeiro capítulo a análise que Joseph Ratzinger fez das grandes transformações que a nossa sociedade está a viver. Vimos como as novas gerações não são educadas para a busca da verdade e do sentido profundo da existência. De facto, hoje predomina uma cultura que pretende impor um estilo de vida onde só é racionalmente válido o que é experimentável e calculável. Por essa razão, a questão da fé cristã permanece, muitas das vezes, excluída da vida pública. Existe a tendência de excluir Deus e considerar a fé uma realidade que pertence só ao âmbito privado. Encontramos uma forte corrente de pensamento que pretende apartar Deus da vida das pessoas e da sociedade.

Assim, a vida é muitas vezes levada com superficialidade, sem ideais claros nem fundamentos sólidos. Prevalecem os vínculos sociais fluidos e provisórios, nos quais as relações interpessoais duram pouco e são vividas sem um grau de responsabilidade. Porque no fundo o que interessa é “ser livres”. Com efeito, as sociedades modernas caracterizam-se por defenderem um conceito de liberdade falacioso, pois a liberdade é vista apenas como prerrogativa do indivíduo sem fazer apelo à verdade do ser humano e ao bem do outro. Trata-se, portanto, de uma conceção perigosa da liberdade, pois escraviza o ser humano em vez de o libertar. Ratzinger defende o primado da verdade sobre a liberdade. A liberdade, para ser autêntica, tem de ser orientada pela verdade. Somente na verdade é que o ser humano é verdadeiramente livre.

Por outro lado, tivemos a oportunidade de ver como o relativismo tem sido um dos temas tratados com grande profundidade por Joseph Ratzinger devido às profundas consequências que traz para a questão da fé. Com efeito, o relativismo leva a não ter pontos firmes, provocando ruturas nos relacionamentos humanos e consequentemente

na vivência da fé. Por essa razão, encontramos com frequência crentes que manifestam uma posição relativista da fé, na qual a verdade passa a ser um conceito demasiado subjetivo. Parece não haver nenhum ponto de referência, nenhuma verdade, tudo é, de certa forma, negociável. Ora, perante a ditadura do relativismo, Ratzinger procura a defesa de uma razão humana aberta à transcendência capaz de atingir a verdade. O nosso autor insiste em apresentar Cristo como o ponto de referência no qual pode alicerçar-se a vida. Afirma que para nós, cristãos, a Verdade é divina. A Verdade ganhou expressão humana em Jesus Cristo. Ele é a Verdade.

Também vimos como Ratzinger identifica o individualismo como uma das notas dominantes da atual configuração da sociedade. Ora, se o individualismo e o relativismo parecem dominar o espírito de muitos contemporâneos, os cristãos não permanecem totalmente imunes a estes perigos. Por essa razão, existe hoje uma preocupante afirmação do “eu” da fé perante o “nós” da fé. Encontramos muitos batizados que não têm uma vivência comunitária da sua fé, que não reconhecem a Igreja como o espaço vital da sua vivência cristã. E, como foi analisado, pode-se cair facilmente no desvio subjetivista da fé.

Neste contexto, Joseph Ratzinger destaca a necessidade de identificar o que é específico da fé cristã, para evitar possíveis desvios. Por isso, no segundo capítulo tentámos reafirmar alguns aspetos essenciais da fé cristã. Ratzinger parte do pressuposto de que não se chega à fé por uma decisão ética ou por um raciocínio, mas pelo encontro pessoal com Jesus Cristo através da mediação da Igreja. A fé, sem deixar de ser um ato pessoal, existe somente enquanto diálogo. Ou seja, não existe como produto que resulte exclusivamente do interior do crente, mas como dom que provem da participação na própria Palavra de Deus, escutada e acolhida no seio da comunidade.

Tivemos ainda a oportunidade de ver que a fé não é um simples assentimento intelectual do crente às verdades sobre Deus. Trata-se de um ato mediante o qual o ser humano confia livremente num “Tu”. Dizemos que ter fé é encontrar este “Tu” que nos sustenta e nos faz a promessa de um amor eterno. Ora, deste encontro entre o “eu” da pessoa humana e o “Tu” de Jesus Cristo cria-se o “nós” da fé. A relação “eu-Tu” precisa de desembocar num “nós”. A própria dinâmica da fé faz com que o cristão se sinta impelido a sair de si mesmo, a romper as barreiras do seu individualismo e entrar no “nós” comunitário. Através do encontro com Cristo, o crente é introduzido numa nova dimensão, isto é, na comunidade cristã. Assim, o encontro com a pessoa de Cristo é simultaneamente pessoal e eclesial.

Portanto, a fé cristã é na sua essência eclesial. Uma autêntica vivência cristã nunca pode prescindir da sua dimensão comunitária. O encontro comunitário representa o lugar privilegiado para a vivência e a maturação da fé. Neste sentido, no terceiro capítulo refletimos sobre o modo como Joseph Ratzinger concebe a dimensão comunitária da fé. Assim, tentámos demonstrar que ninguém se torna cristão sozinho e que não existe cristão sem vínculos eclesiais. O cristão é cristão, porque tornou-se membro de uma comunidade eclesial. Para ser cristão é preciso deixar-se formar e guiar por esta comunidade. Um cristianismo autónomo, autoproduzido, que se orienta segundo os interesses pessoais é uma contradição em si. Por isso, é através da comunidade eclesial que o cristão recebe o batismo e com ele a fé.

Como foi analisado, o sacramento do batismo recorda-nos que a fé não é obra do indivíduo isolado, mas tem de ser recebida, entrando na comunhão eclesial. O anúncio da fé cristã, a sua preparação e vivência, acontecem dentro de uma comunidade concreta de pessoas que se percebem, a partir do batismo, como irmãos e irmãs em Cristo. Portanto, é por meio da mediação da comunidade cristã que o fiel acolhe a revelação de Deus manifestada em Jesus. Isto significa que a fé nos vem pela Igreja, no sentido da mediação. Mas também, nos faz ser Igreja, pois nos incorpora na comunidade crente. Existe uma profunda união entre batismo, fé e pertença à Igreja.

A fim de salvaguardar a dimensão comunitária da fé perante certas ideologias que ameaçam o essencial do cristianismo, Ratzinger manifesta a necessidade de voltar às fontes da fé, onde a verdade do Evangelho aparece como fundamento da identidade do cristão. Daí que realce a importância do Símbolo Apostólico. De facto, o Credo permite ao crente sentir-se membro da comunidade eclesial. O cristão, na sua profissão de fé, não confessa as suas próprias ideias, mas a fé da Igreja. Confessa a fé que recebeu da comunidade e é essa mesma fé que o une à própria comunidade. Como foi explicado, cada cristão recita o Credo no singular, porém, recita-o na Igreja e através dela. Assim, a dimensão pessoal e a dimensão comunitária ficam inseparavelmente vinculadas.

Neste contexto, vemos que para Ratzinger tem muita importância a etimologia da palavra Símbolo, pois ela ajuda-nos a entender o essencial da profissão da fé. O próprio termo Símbolo (do grego *syμβάλλειν*) significa juntar, unir, ou seja, é aquilo que une e cria comunhão. O “símbolo” é a parte que necessita de uma outra para se juntar e para criar uma unidade. Daí que a fé cristã se fundamente num “símbolo”, ou seja, na confissão conjunta do Credo. Cada cristão tem em sua posse a fé como fragmento imperfeito e quebrado e só pode encontrar a unidade quando se une aos outros cristãos

que em conjunto professam a fé. Desta forma, evidenciamos, uma vez mais, que a fé cristã exige união e que o lugar do “eu creio” só pode ser dentro do “nós cremos”.

De igual forma, vimos que por sua origem e por seu uso, o Credo está estreitamente vinculado à liturgia do batismo e, portanto, ao catecumenado. Os catecúmenos faziam a sua profissão de fé ao receber o batismo. Em forma de perguntas e respostas, o catecúmeno professava a sua fé. A cada uma das três perguntas respondia com um “creio” e era submerso na água, por três vezes. A partir desta perspectiva, Ratzinger aborda a estrutura dialógica da fé. Com efeito, a fé nunca é uma reflexão com a qual o crente chega sozinho ao convencimento racional de uma verdade. Mas é o resultado de um diálogo, da escuta e da resposta à palavra ouvida. Trata-se de um diálogo que remete o “eu” para o “nós” comunitário. É essencial para a fé a estrutura de pergunta – resposta: crês? – creio. Assim, podemos entender a fé como reflexão sobre o que se ouviu antes e recebeu. Por isso, vimos como o próprio S. Paulo, mesmo tendo recebido o Evangelho diretamente do Senhor, confessa que a profissão de fé lhe foi transmitida pela comunidade cristã. De tal modo que o recebimento e a transmissão dessa profissão de fé criam a comunidade e a comunhão entre os cristãos.

Efetivamente, vimos que tanto o Credo como a celebração do batismo revelam a dimensão comunitária da fé. O batismo, ao unir o cristão a Cristo, de igual forma o vincula à comunidade. O Credo, como símbolo, é o sinal dessa comunhão. Transmitido aos catecúmenos pela comunidade cristã, o Credo é professado no rito batismal como sinal de uma fé comum, representando o selo impresso no coração dos cristãos como sinal de pertença à Igreja. Isto significa que o batismo tira o ser humano do seu isolamento e o insere na comunidade dos crentes.

Vimos como Ratzinger insiste em afirmar que a fé é um dom que se recebe. Trata-se de uma herança que nos é transmitida. A revelação de Deus em Jesus Cristo é conservada e transmitida pela comunidade cristã. Ora, esta dinâmica de transmissão da fé revela o carácter comunitário da própria fé, pois é através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos que hoje o crente pode aceder à fé. Ninguém chega a crer, se não for sustentado pela fé dos outros. De facto, com o nosso testemunho de vida cristã contribuimos para confirmar os outros na sua fé. Desta forma, a comunidade torna-se o contexto vital no qual os crentes compartilham a nova forma de viver e irradiam aos outros a luz da fé.

De igual forma, refletimos sobre a dimensão comunitária da liturgia. Dissemos que a vida litúrgica da Igreja é o lugar privilegiado onde o cristão alimenta e desenvolve a

sua fé. Ora, esta vivência é realizada em comunhão com os outros fiéis. Na celebração litúrgica, o crente não permanece como um indivíduo isolado; é membro do corpo de Cristo. Por isso, afirmamos que os sacramentos, enquanto acontecimentos litúrgicos, são sempre realização comunitária. Não é o indivíduo que, afastado dos outros, presta culto a Deus. Mas trata-se de um povo que glorifica o seu Deus. Portanto, esta dimensão comunitária da liturgia coloca o “eu” crente em relação com o “Tu” que é Cristo e conseqüentemente cria o “nós” comunitário. Segundo Ratzinger, no sacramento da eucaristia podemos ver como o fiel não só tem um encontro pessoal com Cristo, como também um encontro com os irmãos. A comunhão eucarística orienta o “eu” para o “nós” da fé.

Tendo tudo isto presente, podemos concluir que, para Ratzinger, a valorização da dimensão eclesial da fé é fundamental, pois, cada vez mais, a fé cristã tem sido apresentada sem o seu caráter comunitário, como se pudesse ser vivida de modo individualista. O nosso autor reconhece que os cristãos de hoje devem cultivar uma renovada consciência comunitária. É preciso manter vivo o sentido de pertença mútua dos cristãos entre si, através de sua ligação comum com Cristo.

Ao terminarmos a nossa dissertação, constatamos que Joseph Ratzinger tem o seu nome consolidado entre os grandes teólogos da atualidade. Podemos dizer que é um dos pensamentos teológicos fundamentais do nosso tempo, uma referência para a Igreja de hoje. Com efeito, quando nos aproximamos da sua obra teológica, encontramos uma capacidade extraordinária de apresentar a temática da fé de maneira adequada aos problemas atuais. O legado que nos transmitiu como teólogo e como pontífice é de grande valor e profundidade.

Os pontos que tratámos na presente dissertação não esgotam a obra de Joseph Ratzinger no que se refere à dimensão comunitária da fé. Ao longo da nossa pesquisa, esforçámo-nos por acompanhar o nosso autor na sua profundidade de pensamento, mas nem sempre tal propósito foi alcançado. Por isso, consideramos que temas como a leitura que ele faz sobre os desafios que enfrenta a fé nos nossos dias não se encontram esgotados. Representam, sim, um tesouro digno de ser estudado. De igual forma, no segundo capítulo, indicámos somente algumas notas sobre o seu amplo trabalho acerca dos elementos essenciais da fé cristã. De facto, a profundidade do seu pensamento em relação a estes temas dá para realizar muitos trabalhos de investigação. Finalmente, seria de grande proveito aprofundar a sua obra sobre a liturgia, pois representa uma ajuda de grande valor para as diferentes dificuldades que enfrentamos hoje na vivência

cristã. Assim, esta nossa dissertação representa uma gota de água no grande oceano que é o legado teológico de Joseph Ratzinger.

BIBLIOGRAFIA

1. JOSEPH RATZINGER

1.1. Obras e escritos

Ratzinger, Joseph. *A Igreja e a nova Europa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1993.

Ratzinger, Joseph. *A minha vida. Autobiografia*. Lisboa: Livros do Brasil, 2005.

Ratzinger, Joseph. *Caminhar juntos na fé. A Igreja como comunhão*. Braga: Editorial A.O, 2005.

Ratzinger, Joseph. *Compreender a Igreja hoje. Vocação para a comunhão*. Petrópolis: Vozes, 2005.

Ratzinger, Joseph. *Deus e o Mundo*. Coimbra: Tenacitas, 2005.

Ratzinger, Joseph. *Diálogos sobre a fé*. Lisboa: Verbo, 1985.

Ratzinger, Joseph. *Dios como problema*. Madrid: Cristiandad, 1973.

Ratzinger, Joseph. *El credo hoy*. Santander: Sal Terrae, 2012.

Ratzinger, Joseph. *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*. Madrid: Encuentro, 2006.

Ratzinger, Joseph. *El nuevo pueblo de Dios. Esquemas para una Eclesiología*. Barcelona: Herder, 1972.

Ratzinger, Joseph. *Escatología. La muerte y la vida eterna*. Barcelona: Herder, 2007.

Ratzinger, Joseph. *Europa. Os seus fundamentos hoje e amanhã*. Apelação: Paulus, 2005.

Ratzinger, Joseph. *Fé e futuro*. Estoril: Principia, 2008.

Ratzinger, Joseph. *Fé, verdade, tolerância. O cristianismo e as grandes religiões do mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Estoril: Principia, 2005.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. Prior Velho: Paulinas, 2010.

Ratzinger, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: A esfera dos livros, 2007.

- Ratzinger, Joseph. *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*. Parede: Príncipia Editora, 2011.
- Ratzinger, Joseph. *La fe como camino. Contribución al ethos cristiano en el momento actual*. Barcelona: Ediciones Internacionales Universitarias, 1997.
- Ratzinger, Joseph. *La fiesta de la fe*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999.
- Ratzinger, Joseph. *Luz do mundo. O papa, a Igreja e os sinais dos tempos*. Cascais: Lucerna, 2010.
- Ratzinger, Joseph. *Naturaleza y Misión de la Teología*. Pamplona: EUNSA, 2009.
- Ratzinger, Joseph. *Obras completas VIII/1. Iglesia signo entre los pueblos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2015.
- Ratzinger, Joseph. *O Caminho Pascal*. Cascais: Lucerna, 2006.
- Ratzinger, Joseph. *O Sal da terra. O Cristianismo e a Igreja católica no limiar do terceiro milénio*. Lisboa: Multinova, 1997.
- Ratzinger, Joseph. *Palabra en la Iglesia*. Salamanca: Sígueme, 1976.
- Ratzinger, Joseph. *Questões sobre a Igreja*. Lisboa: Edições Paulistas, 1991.
- Ratzinger, Joseph. *Ser cristiano en la era neopagana*. Madrid: Encuentro, 1995.
- Ratzinger, Joseph. *Teología e historia. Notas sobre el dinamismo histórico de la fe*. Salamanca: Sígueme, 1972.
- Ratzinger, Joseph. *Teoría de los Principios Teológicos. Materiales para una teología fundamental*. Barcelona: Herder, 1985.
- Ratzinger, Joseph. «Transmisión de la fe y fuentes de la fe». *Scripta Theologica* 15, n.º 1 (1983): 9-30.
- Ratzinger, Joseph. *Un canto nuevo para el Señor*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.
- Ratzinger, Joseph. *Verdad, Valores, Poder. Piedras de toque de la sociedad pluralista*. Madrid: Ediciones Rialp, 2005.

Ratzinger, Joseph. *Via Sacra. Sexta-feira Santa, 2005*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2006.

1.2. Intervenções

Joseph Ratzinger «Catequese sobre a fé e a transmissão da fé. Paris, janeiro 1983». Acedido a 20 de maio de 2021. https://www.obispadoalcala.org/pdfs/EdC-Ratzinger_Transmision-de-la-fe.pdf.

Joseph Ratzinger, «Relativismo teológico: un nuevo reto para la fe. Conferencia en el encuentro de presidentes de comisiones episcopales de América Latina para la doctrina de la fe, Guadalajara, México, noviembre 1996». Acedido a 20 de janeiro de 2021. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/incontri/rc_con_cfaith_1996_0507_guadalajara-ratzinger_sp.html.

Joseph Ratzinger, «Intervenção durante o congresso dos catequistas e dos professores de religião, 10 de dezembro de 2000». Acedido a 30 de maio de 2021. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20001210_jubilcatechists-ratzinger_po.html.

Joseph Ratzinger, «Homilia da Missa “Pro eligendo Romano Pontifice” 18 de abril de 2005». Acedido a 20 de janeiro de 2021. http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html.

2. BENTO XVI

2.1. Escritos

Bento XVI. *A alegria da fé*. Prior Velho: Paulinas, 2012.

Bento XVI. *Aprender a acreditar*. Lisboa: Paulus, 2012.

Bento XVI. *A revolução de Deus*. Prior Velho: Paulinas, 2005.

Bento XVI. *Carta Encíclica Deus caritas est*. Prior Velho: Paulinas, 2010.

Bento XVI. *Carta Apostólica Porta Fidei*. Lisboa: Paulus, 2012.

Bento XVI. *Carta Encíclica Spe salvi*. Lisboa: Paulus, 2007.

Bento XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Lisboa: Paulus, 2009.

Bento XVI. *Exortação Apostólica Verbum Domini*. Lisboa: Paulus, 2010.

2.2. Intervenções

Bento XVI «Discurso de abertura do Congresso Eclesial Diocesano, 6 de junho de 2005». Acedido a 23 de agosto de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/_speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050606_convegno-famiglia.html.

Bento XVI, «Discurso aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal, 22 de dezembro de 2005». Acedido a 20 de janeiro de 2021. http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2005/december/document/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia.html.

Bento XVI, «Audiência geral, 29 de março de 2006». Acedido a 23 de setembro de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060329.html.

Bento XVI, «Homilia Vigília Pascal, 15 de abril de 2006». Acedido a 25 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060415_veglia-pasquale.html.

Bento XVI, «Encontro com os representantes das ciências na Aula Magna da Universidade de Ratisbona, 12 de setembro de 2006». Acedido a 15 de janeiro de 2021. http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_benxvi_spe_20060912_university-regensburg.html.

Bento XVI «Homilia na festa do batismo do Senhor, 07 de janeiro de 2007». Acedido a 30 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070107_battesimo.html.

Bento XVI, «Encontro com os párocos e o clero da diocese de Roma, 22 de fevereiro de 2007». Acedido a 20 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/february/documents/hf_benxvi_spe_20070222_clergy-rome.html.

Bento XVI «Homilia missa de inauguração da V Conferência geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, 13 de maio de 2007». Acedido a 20 de agosto de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html.

Bento XVI, «Angelus, 12 de agosto de 2007». Acedido a 20 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20070812.html.

Bento XVI, «Discurso para o encontro na Universidade de Roma “La Sapienza”, prevista para o dia 17 de janeiro, depois anulada em 15 de janeiro de 2008». Acedido a 20 de janeiro de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20080117_la-sapienza.html.

Bento XVI, «Audiência geral 30 de janeiro de 2008. S. Agostinho». Acedido a 11 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080130.html.

Bento XVI, «Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins, Paris, 12 de setembro de 2008». Acedido a 11 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2008/september/documents/hf_benxvi_spe_20080912_parigi-cultura.html.

Bento XVI, «Audiência Geral, 5 de agosto de 2009». Acedido a 20 janeiro de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090805.html.

Bento XVI, «Audiência Geral, 16 de dezembro de 2009». Acedido a 20 janeiro de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20091216.html.

Bento XVI, «Discurso aos participantes na 14ª assembleia pública das academias pontificias, 28 de janeiro de 2010». Acedido a 25 de janeiro de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20100128_academies.html.

Bento XVI, «Audiência geral, Quarta-Feira de Cinzas, 17 de fevereiro de 2010». Acedido a 25 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100217.html.

Bento XVI, «Viagem apostólica a Portugal. Encontro com o mundo da cultura, 12 de maio de 2010». Acedido a 26 de janeiro de 2021, <http://www.vatican.va/content/>

benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100512_incontro-cultura.html.

Bento XVI, «Discurso no Parlamento de Londres, 17 de setembro de 2010». Acedido a 25 de janeiro de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20100917_societacivile.html.

Bento XVI, «Visita pastoral a Aquileia e Veneza. Encontro como o mundo da cultura e da economia, 8 de maio de 2011». Acedido a 28 de janeiro de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110508_mondo-economia.html.

Bento XVI, «Mensagem do Papa para a XXVI Jornada Mundial da Juventude, Madrid 2011». Acedido a 22 de agosto de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20100806_youth.html.

Bento XVI, «Viagem apostólica à Alemanha, vigília de oração com os jovens, 24 de setembro de 2011». Acedido a 10 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content_benedictxviptspeeches2011september_documentshf_benxvi_spe_20110924_vigil-freiburg.pdf.

Bento XVI «Mensagem na XVI Assembleia Pública das Academias Pontifícias, 30 de novembro de 2011». Acedido a 22 de agosto de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2011/documents/hf_ben-xvi_mes_20111130_pontifical-academies.html.

Bento XVI, «Homilia festa da conversão de S. Paulo, 25 de janeiro de 2012». Acedido a 26 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120125_week-prayer.html.

Bento XVI, «Encontro com o clero da diocese de Roma, 23 de fevereiro de 2012». Acedido a 20 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20120223_parroci-roma.html.

Bento XVI «Discurso no Congresso eclesial da Diocese de Roma, 11 de junho de 2012». Acedido a 10 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20120611_convegno-ecclesiale.html.

Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, quarta-feira, 17 de outubro de 2012». Acedido a 10 de abril de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.html.

Bento XVI, «Catequese sobre o ano da fé, quarta-feira, 24 de outubro de 2012». Acedido a 10 de abril de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121024.html.

Bento XVI, «Audiência geral, 31 de outubro de 2012». Acedido a 10 de abril de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben_xvi_aud_20121031.html.

Bento XVI, «O bom senso da fé em Deus. Audiência geral, quarta-feira, 21 de novembro de 2012». Acedido a 10 de abril de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121121.html.

Bento XVI, «O ano da fé. Como falar de Deus. Audiência geral, quarta-feira, 28 de novembro de 2012». Acedido a 10 de abril de 2021. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121128.html.

Bento XVI «Festa de Santo Estêvão, 26 de dezembro de 2012». Acedido a 20 de agosto de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_ang_20121226_st-stephen.html.

Bento XVI, «Audiência geral, 23 de janeiro de 2013». Acedido a 20 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130123.html.

Bento XVI, «Audiência geral, Quarta-feira, 13 de fevereiro de 2013». Acedido a 30 de maio de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130213.html.

3. OUTROS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

Concílio Vaticano II, «Ad Gentes», *Vaticano II*. Lisboa: União gráfica, 1967.

Concilio Vaticano II, «Dei Verbum», *Vaticano II*. Lisboa: União gráfica, 1967.

Concilio Vaticano II, «Gaudium et Spes», *Vaticano II*. Lisboa: União gráfica, 1967.

Concílio Vaticano II, «Sacrosanctum Concilium», *Vaticano II*. Lisboa: União gráfica, 1967.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

João Paulo II, *Carta Encíclica Veritatis Splendor*. Lisboa: Rei dos livros, 1993.

João Paulo II, *Carta Encíclica Evangelium Vitae*. Lisboa: Rei dos livros, 1995.

João Paulo II, *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Braga: Editorial A. O, 1998.

Francisco, *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Prior Velho: Editora Paulinas, 2013.

4. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

4.1. Obras

Blanco, Pablo. *Joseph Ratzinger: uma bibliografia*. São Paulo: Quadrante, 2005.

Baumam, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Duque, João. *Homo Credens. Para uma teologia da Fé*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

Habermas, Jürgen e Ratzinger, Joseph. *A dialética da secularização*. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

Ratzinger, Joseph e Flores d'Arcais, Paolo. *¿Dios existe?*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

Rahner, Karl e Ratzinger, Joseph. *Revelación y Tradición*. Barcelona: Herder, 1971.

Balthazar, Hans Urs Von e Ratzinger, Joseph. *Por qué soy todavía cristiano? Por qué permanezco en la Iglesia?*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

Dicionário Moderno da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2018.

4.2. Artigos de revista

Blanco, Pablo. «El pensamiento teológico de Joseph Ratzinger». *Scripta Theologica* 44, n.º 1 (2012): 273-303.

Blanco, Pablo. «Fe, persona e Iglesia según Joseph Ratzinger». *Scripta Theologica* 37, n.º 3 (2005): 911-927.

Blanco, Pablo «La razón en el cristianismo. Una reivindicación de Joseph Ratzinger». *Scripta Theologica* 37, n.º 2 (2005): 643-659.

Eslava, Euclides. «La razón mutilada. Ciencia, razón y fe en el pensamiento de Joseph Ratzinger». *Scripta Theologica* 39, n.º 3 (2007): 829-851.

Ruiz, Pablo. «Benedicto XVI: Colaborador de la verdad». *Proyección* 57, n.º 1 (2010): 377-402.

Terra, Domingos. «Discernir o crer cristão», *Didaskalia* 37, n.º 2 (2007): 47-68.

Terra, Domingos. «Experiência cristã: especificidade e equívocos. A propósito da expressão “viver pelo Espírito” (Gal 5,25)». *Didaskalia* 38, n.º 1 (2008): 89-112.

Terra, Domingos. «Os dados da individualização crente: uma reflexão teológica». *Didaskalia* 42, n.º1.2 (2013): 319-344.